

CINTHIA XAVIER DA SILVA

**LUGARES DA MEMÓRIA:**  
A VIVÊNCIA DA MIGRAÇÃO NORDESTINA NO INTERIOR  
PAULISTA ENTRE AVÓS E NETOS

CINTHIA XAVIER DA SILVA

**LUGARES DA MEMÓRIA:**  
A VIVÊNCIA DA MIGRAÇÃO NORDESTINA NO INTERIOR  
PAULISTA ENTRE AVÓS E NETOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Heloisa Pait.

Marília  
2014

Silva, Cinthia Xavier da.  
S586l Lugares da memória: a vivência da migração nordestina  
no interior paulista entre avós e netos / Cinthia Xavier da  
Silva. – Marília, 2014.  
154 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –  
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e  
Ciências, 2014.

Bibliografia: f. 141-146

Orientador: Heloisa Pait.

1. Brasil, Nordeste - Migração. 2. Migração interna. 3.  
São Paulo (Estado). 4. História oral I. Título.

CDD 301.32

CINTHIA XAVIER DA SILVA

**LUGARES DA MEMÓRIA:**  
A VIVÊNCIA DA MIGRAÇÃO NORDESTINA NO INTERIOR PAULISTA ENTRE  
AVÓS E NETOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Linha de Pesquisa: Pensamento Social e Políticas Públicas.

Data da defesa: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Orientadora Dra. Heloisa Pait  
Universidade Estadual Paulista  
Júlio de Mesquita Filho

---

Prof. Dr. Antonio Mendes da Costa Braga  
Universidade Estadual Paulista  
Júlio de Mesquita Filho

---

Prof. Dr. Luis Sergio Krausz  
Universidade de São Paulo

Marília  
2014

Aos migrantes e às histórias que ainda estão por ser ouvidas.

## **Agradecimentos**

Este trabalho é resultado de um longo período de busca por entender a realidade onde esta pesquisadora está inserida. Teve a contribuição e orientação de muitos professores anteriores ao mestrado e a esta dissertação, assim como aos que contribuíram durante a pós-graduação, seja nas aulas ou orientações. Agradeço principalmente a professora e minha orientadora Heloisa Pait que se dedicou nesta investigação orientando, ensinando, discutindo ideias, propondo soluções. Professora que sempre incentivou uma pesquisa voltada para o compromisso ético e científico em entender a realidade social e o grupo pesquisado. Que se dispôs a compreender o que estava além do projeto de pesquisa e com paciência e comprometimento me guiou nos meus questionamentos e dúvidas sobre a pesquisa.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília-SP. Aos professores desta banca. Aos colegas do mestrado. Aos colegas do grupo de pesquisa “Meios de Comunicação, Espaços Públicos e Participação Global em São Paulo”. Agradeço aos meus amigos Edson e Miriam que em vários momentos se dispuseram a ouvir e discutir sobre esta pesquisa. Às minhas amigas Fábria Thalita e Maria, que sempre estiveram comigo. Ao Renato que me apoiou e me ouviu muitas vezes. Aos meus colegas de trabalho que de alguma forma me ajudaram nos compromissos cotidianos.

Agradeço aos interlocutores desta pesquisa, pois sem eles não se teria realizado. Aos avós migrantes, aos filhos, às crianças que se dispuseram em relatar suas histórias privadas, contar sobre sua relação com a família, abriram a porta de suas casas, malas, memória e me permitiram ver um pouco de suas vidas.

Agradeço à minha família que sempre me apoiou financeiramente e emocionalmente durante toda a vida. À minha mãe Luiza, meu pai Antonio e minha irmã Lilian que cederam tempo, disposição, obrigações para poder me dar tempo, tranquilidade, e facilitar a minha vida.

## Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo entender como a memória da migração nordestina para o interior do estado de São Paulo existe nas famílias destes migrantes. Ou seja, como as histórias da migração são transmitidas entre avós e netos. Investigamos o contexto em que esta migração ocorreu, entre 1930 e 1960, em uma cidade do interior de São Paulo, Barbosa, localizada no noroeste do estado, cujo povoamento data de final do século XIX. Através de pesquisa qualitativa, com inserção no campo pesquisado e entrevistas com avós migrantes e seus netos, além de entrevistas com três filhas de migrantes e da recuperação da experiência familiar da própria pesquisadora, observamos que as histórias da migração são transmitidas no que chamamos de “lugares da memória”. Tratam-se de lugares criados pelos avós migrantes ou herdados pela tradição para reviver o passado no lugar de origem, relembrar a migração e ensinar as futuras gerações um modo de ser e agir dentro deste grupo. Estes lugares da memória se constituem quando se abrem portas para que a memória surja: são as festas de família; os locais públicos onde pais e avós contam histórias e os espaços domésticos onde as mães e avós relatam histórias de família; as malas com fotografias guardadas durante a migração ou trocadas posteriormente em cartas, assim como os retratos de parede; as festas juninas e os terços que acontecem durante os meses de junho e julho; e o universo fantástico com narrativas compostas pelo relacionamento entre seres místicos ou animais que se relacionam com humanos. As narrativas são muito importantes para este grupo pesquisado, pois ensinam como proceder corretamente através de conselhos, relatos de experiências. Descobrimos também que a migração nordestina para o interior de São Paulo não é contada na educação básica, onde se dá ênfase à migração de nordestinos para a capital de São Paulo e à migração estrangeira para o interior do estado. Assim, é contada oficialmente uma certa versão sobre a migração nordestina, enquanto em casa os netos estão em contato com histórias reais de dificuldades mas principalmente de superação, que por vezes não são legitimadas no espaço público. Estas histórias, se acolhidas pela escola, poderiam auxiliar na compreensão do contexto político, social, econômico e cultural das decisões de suas famílias assim como na compreensão da própria experiência como parte da vida nacional.

Palavras-chave: lugares da memória; migração nordestina; interior de São Paulo; diálogo intergeracional, Brasil.

## Abstract

In the mid 20th century an expressive internal migration took place in Brazil, mostly from the Northeast of the country to the industrial capitals of the Southeast, but also to small new towns in the State of São Paulo. We examine here the narratives of this important but often overlooked migration as they are told by the migrating families that settled in Barbosa, a city that sprang from a late 19th century settlement located 300 miles from the capital. Through extensive field research and interviews with “Nordestinos” who migrated in the 1930s, 40s and 50s, their children and grandchildren, including the family of the researcher herself, we examine how migration narratives are transmitted between generations in what we are calling “places of memory”: situations created by the migrating grandparents or inherited from Northeastern traditions in which the past in the place of origin is remembered, the migration itself is recalled and, above all, a certain way of being and acting is taught to the younger generation.

Among the places of memory we identified are family gatherings around life cycle events; public gatherings where fathers and grandfathers publicly tell stories about characters collectively known; domestic spaces where mothers and grandmothers make sense of the family history; religious festivities such as “Festas Juninas” and “Terços” taking place in June and July; the fantastic realm of stories where mystic beings and animals relate to human beings; and, last but not least, the forms of media that supported memories and narratives in this strongly oral culture (such as photographs and wall portraits kept during the migration or sent back and forth by mail to relatives in the Northeast).

In spite of the important role migration narratives and their attached teachings have for this community, we noticed that they and their context are largely absent from public school de facto curriculum. Basic education in this community stresses Northeastern migration to the city of São Paulo or foreign, mostly Italian, immigration to the interior of the State of São Paulo. At home, migrants’ grandchildren have access to real stories of hardship but also those of overcoming; telling only of suffering and distress, fails to legitimize the accomplishments of this community. If the school itself becomes another place for memory, in the productive and lively sense we are giving the term, it will have an important role in helping these children to understand the social, political and cultural contexts of their families’ decisions as well as their own particular experience as part of the national tapestry of events.

Keywords: Places of memory; Northeastern migration; interior of São Paulo; inter-generational dialogue, Brazil.

## SUMÁRIO

<b>1 Introdução</b>	<b>9</b>
<b>2 Migração e memória na cidade de Barbosa-SP</b>	<b>18</b>
2.1 A migração nordestina para o interior de São Paulo	19
2.2 Memórias e histórias sobre Barbosa	24
2.3 Manifestações culturais em uma cidade do interior paulista	28
2.3.1 A música caipira e suas manifestações	33
<b>3 Relatos e Lugares</b>	<b>36</b>
3.1 Lugares e espaços	37
3.2 Lugares da memória	44
3.3 O narrador: oralidade e escrita	49
3.4 “O meio é a mensagem”	57
<b>4. Os lugares da memória: a migração na perspectiva dos avós</b>	<b>61</b>
4.1 A família do seu Manoel	65
4.2 A relação entre a memória e os meios de comunicação	68
4. 2.1 Memória através dos meios de comunicação	69
4. 2.2 Memória dos meios de comunicação	73
4. 3 As festas na família de seu Manoel	75
4. 4 Entrevista com a Lúcia	78
4. 4.1 Elisângela	84
4.5 Os avós	87
4. 5.1 Dona Marta	87
4.5.1.1Heloisa	94
4.5.2 Dona Emília	96
4.5.3 Seu José	99
4.6 A tradição da festa junina	104
4.6.1 Seu João	108
4.7 Conclusão	110
<b>5. Os lugares da memória: as histórias de família na perspectiva das crianças</b>	<b>113</b>
5.1 Os currículos	114
5.2 Desenvolvimento da criança. Quando ela percebe que está inserida na família	120
5.3 Apresentação da história das crianças pesquisadas	123
5.3.1 Criança 1	124

5.3.2 Criança 2-----	125
5.3.3 Criança 3-----	125
5.3.4 Criança 4-----	127
5.3.5 Criança 5-----	127
5.3.6 Criança 6-----	128
5.3.7 Criança 7-----	128
5.3.8 Criança 8-----	129
5.3.9 Criança 9-----	130
5.3.10 Criança 10-----	131
5.4 Entrevistas com as crianças em grupos-----	131
5.4.1 Encontro com o 7º A-----	132
5.4.2 Encontro com o 7º B-----	133
5.4.3 Encontro com o 7º C-----	134
5.5 Conclusão-----	135
<b>6 Conclusões e Propostas-----</b>	<b>138</b>
REFERÊNCIAS-----	142
APÊNDICE-----	148
Questionário 1-----	148
Questionário 2-----	149
ANEXO-----	151

## 1. Introdução

Nossa pesquisa aborda a migração nordestina para o interior do estado de São Paulo em meados do século XX. Porém, não se trata de investigação histórica sobre a migração passada, mas sobre como essa migração é rememorada. O objetivo desta pesquisa é compreender como a memória da migração nordestina é transmitida aos netos e como os netos incorporam essa memória. A questão da migração nordestina surgiu como uma indagação à sua memória. Queríamos saber se este acontecimento, que pode marcar a trajetória de vida de uma pessoa, era conscientemente lembrado. Como os migrantes se pensavam quando pensavam em sua migração? O fato de ter vivido a migração era algo que as famílias migrantes queriam se lembrar ou esquecer? Qual imagem sobre o nordestino tinha prevalecido na história destes migrantes: a da miséria, da pobreza e do fugir para poder viver, ou a imagem heroica de quem consegue superar as dificuldades, o aventureiro? É preciso que o leitor saiba que as respostas que formulamos ao longo da pesquisa não são tão definidas quanto nossas indagações.

Partimos, então, da seguinte hipótese: se tomarmos como pressuposto que a migração foi um evento muito importante na vida dessas pessoas, então transmitir essa história às futuras gerações seria como mantê-la viva, parte de sua vida. A pesquisa buscou contemplar vários aspectos da migração nordestina e a investigação principal foi realizada a partir da pesquisa participante, com o convívio na cidade de Barbosa, participação nos eventos coletivos da cidade, investigação sobre a memória dos moradores a partir de relatos e dados históricos.

Nossa pesquisa está direcionada a entender a migração nordestina e como sua memória é transmitida entre as gerações. Não a realizamos apenas com base nas entrevistas, mas numa inserção na comunidade. Assim, nossos informantes foram escolhidos por conveniência a partir de indicações deles mesmos. Inserimos-nos na comunidade com uma postura: ouvir as histórias que queriam nos contar. Deste modo, esta pesquisa tem algo de etnográfico ao se dar dentro do cotidiano das pessoas buscando tatear nas histórias os significados revelados e perceber em pequenas nuances suas intenções.

Em *A Interpretação das Culturas*, Geertz (2008) utiliza o termo Descrição Densa para explicar o que se propõe fazer a pesquisa antropológica e o etnólogo. Descrição densa é aquela descrição profunda dos vários níveis de situações e acontecimentos dentro do universo pesquisado. A descrição densa é, portanto, uma explicação sistemática de explicações que os

nossos informantes e as características do lugar onde estamos nos transmite. “(...) os textos antropológicos são eles mesmo interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão” (Geertz, 2008, 11). A interpretação que fizemos dos migrantes, incluindo o próprio termo de migrante, e a sua cultura são interpretações do que observamos do modo como interagem no cotidiano e dos seus relatos. De acordo com Geertz, “o etnógrafo ‘inscreve’ o discurso social” (2008, p. 14) para depois se debruçar sobre ele e buscar interpretá-lo. Geertz ainda nos atenta para uma condição da pesquisa etnográfica: os pesquisadores não têm acesso direto a todas as informações, “mas apenas àquela pequena parte dele [discurso social bruto] que os nossos informantes nos podem levar a compreender” (2008, p. 14). A pesquisa é a análise científica e metodológica, porém, sobre a particularidade do que foi observado, inscrito, exposto. É a partir destes pequenos instantes que observamos e analisamos como aquela sociedade interage, usa, convive ou cria sua cultura. Por mais próximo que busquemos chegar da informação dada ou observada, a pesquisa antropológica, para Geertz, nunca se trata do próprio informante.

As questões desta pesquisa surgiram de um contexto anterior baseado na minha vivência na cidade de Barbosa, cidade que viu seu cotidiano ser marcado pela chegada de migrantes nordestinos a partir do ano 2000, em que havia um aumento populacional nos meses da safra da cana-de-açúcar. No início, esta migração causou alguns problemas estruturais como: falta de moradia, falta de medicamentos e atendimento médico, aumento dos problemas respiratórios causados pela queima da cana, falta de vagas nas escolas; até mesmo os treminhões que passavam dentro da cidade impactaram a vida do município. A migração da última década tem uma característica própria que é a sazonalidade, a instabilidade dos migrantes quanto ao lugar de destino e o retorno para o local de origem.

Foi a partir desta situação que comecei a questionar o movimento migratório dos meus familiares décadas atrás: o que fazia com que nordestinos migrassem para o interior de São Paulo? Esta migração passada tem como característica principal a busca por um lugar estável para viver, fixar-se na terra, construir casa e família no lugar de destino. Meus avós, baianos, haviam migrado para o Paraná e depois se fixado na região noroeste de São Paulo. O que os tinha motivado? Quais fatores faziam as pessoas se deslocarem neste sentido, Nordeste para o Sudeste, e em quais condições?

Como uma sondagem, perguntei para as pessoas que haviam migrado o porquê de terem migrado. Perguntei para minha avó, para as irmãs dela, para os irmãos do meu avô, para os migrantes mais recentes. As respostas variavam muito e as histórias surgiam, pois se

tratavam de pessoas e da vida delas, de como elas tentavam se autoanalisar. O interessante é que davam mais ênfase aos conflitos familiares, à fuga para o casamento, à vontade de conhecer outro lugar do que aos problemas da região. As dificuldades do ponto de vista do indivíduo são colocadas como dificuldade de viver naquele local. Vir para o Sudeste significava melhorar de vida e muitas pessoas estavam saindo do Nordeste assim que fosse possível arranjar a viagem. E assim, cada vez mais pessoas também tomavam a decisão de migrar.

Minha avó, por exemplo, disse que se mudou para fazer tratamento médico no estado do Paraná, mas lá se casou com um irmão do seu cunhado, e só depois chegou a Barbosa-SP. Neste contexto migratório, as pessoas saíam em busca de um lugar para morar e havia muitos desencontros, pois elas se direcionavam a lugares diferentes. É provável que tenha ocorrido muitos desencontros como o de minha avó que ficou 40 anos sem ver sua irmã. Quando perguntei o que tinha acontecido, ela disse apenas: “saiu e não deixou endereço”. Minha avó faleceu em fevereiro de 2012, alguns meses antes essa irmã que estava “perdida” fosse visitá-la. Como a encontraram? Uma irmã do meu avô que mora em Douradina, Mato Grosso do Sul, colocou um anúncio em uma emissora de rádio da região dizendo que a família a procurava. Assim que ouviu o anúncio, esta irmã perdida entrou em contato com a rádio que avisou a cunhada. Ela estava há apenas alguns quilômetros dali, em Dourados-MS. Como eram em vários irmãos e migraram para lugares distintos e em épocas diferentes, apenas com o tempo começaram a se reencontrar e ter notícias uns dos outros.

As histórias da minha família fazem parte de uma pluralidade de histórias parecidas que são contadas pelas pessoas que as viveram e foram incorporadas na vivência de suas famílias. Foi então, que, lecionando sociologia para o Ensino Médio, em 2011, percebi que havia algo em comum nessas histórias desencontradas. Durante as aulas de sociologia para o segundo ano do Ensino Médio quando se trata do conteúdo sobre migrações é apresentado o conceito de estrangeiro para Simmel, e a partir deste conteúdo é feita uma pesquisa sobre a migração na família dos estudantes. Para Simmel, o estrangeiro é aquele que se deslocou com o que podia carregar para se fixar em outro lugar. Possui uma relação de distância e proximidade com o grupo por não pertencer a ele desde o início ao mesmo tempo em que está organicamente inserido no grupo, no entanto, sua presença é percebida como sendo um ser estranho a ele. Assim, o estrangeiro possui um olhar diferente sobre o grupo, pois por não pertencer a ele desde o início consegue manter relações sociais com vários membros do grupo e assim ouvir diferentes interpretações sobre o mesmo grupo (SIMMEL, 1983, p. 182-188).

Durante as aulas perguntei aos alunos o que eles sabiam da história de seus avós, onde nasceram e em quais cidades moraram antes de se estabelecerem. Alguns alunos falavam de forma positiva de sua ascendência italiana ou espanhola, mas não se referiram aos parentes nordestinos. Como parte das atividades da aula os alunos deveriam fazer uma entrevista com os parentes mais próximos para descobrir informações sobre a família. Por que aqueles jovens sabiam tão pouco da história dos avós? E por que eram lembrados mais facilmente os imigrantes italianos e espanhóis e não os nordestinos?

O foco da pesquisa de campo passou a ser, então, a convivência destes avós e netos. O que eles faziam, como e quando, quais os assuntos corriqueiros e em que momento a memória de família era evocada. O objetivo é saber como a história dos avós, especificamente de avós migrantes nordestinos, é contada aos netos, ou seja, como uma cultura específica, nordestina, é socializada e passada adiante. A partir da literatura sobre memória e migração, principalmente Maurice Halbwachs, *A memória coletiva* (1990), e na leitura e reflexão sobre o conceito de “lugares da memória” para Pierre Nora, formulamos para nossa pesquisa o conceito de Lugares da Memória para investigar esta relação entre as gerações e a memória da migração, sobre o qual falaremos em detalhe mais adiante. Lugares da memória são lugares criados para lembrar a migração nordestina. São nestes lugares que os avós contam e ensinam a partir de suas vivências e que os netos aprendem sobre as histórias de família.

Como William Foote Whyte, em *Sociedade de Esquina* (2005), também precisamos de um *Doc*<sup>1</sup>, de um informante colaborador de dentro do grupo, e durante toda a pesquisa minha mãe foi uma informante muito importante. De certa forma, eu estava dentro do grupo porque estava pesquisando minha própria comunidade, mas não conhecia todas as pessoas. Primeiro porque sou da geração dos netos, segundo porque estive fora da cidade por quatro anos, e as pessoas ficaram um tempo sem me ver ativamente na comunidade.

Minha mãe me contava sobre histórias de pessoas conhecidas, sobre como a cidade era na sua infância, sobre as pessoas que eram migrantes. Em certo momento ouvi um nome de um morador da cidade, que eu conheci, mas não havia pensado daquela forma. Ouvi o apelido seu Mané Bahia cujo nome era Manoel Ribeiro Marciano. Assim como ele, havia outros que tinham ganhado no apelido o nome do estado de origem: Mané Piauí, Mané

---

<sup>1</sup> *Sociedade de Esquina* foi escrito a partir da pesquisa de Foote Whyte em um bairro pobre em Boston, chamado de *Cornerville*. O *Doc* é o informante-chave para o pesquisador participante, pois ele está dentro do grupo e facilita a entrada do pesquisador no grupo e em determinadas situações em que sozinho, sem ter alguém para fazer um elo, seria muito difícil senão impossível entrar. Com o tempo este *Doc* pode vir a se tornar colaborador direto da pesquisa.

Cearense, um José Pernambuco, e assim por diante. Nossa pesquisa começou com conversas informais com seu Mané Bahia que foram importantes para o levantamento de hipóteses e informações sobre outros moradores migrantes. Foram entrevistados seu Manoel e sua esposa, dona Lourdes; dona Sebastiana, cunhada de seu Manoel; dona Celeste, irmã dele, e seu marido, seu Antônio.

Paralelamente à investigação com a família de seu Mané Bahia, entrevistamos dez crianças com idades entre onze e doze anos que estudavam no 6º ano do Ensino Fundamental em 2012 que tinham algum avô ou avó migrantes do Nordeste. O contato com essas crianças foi feito na escola estadual Prof. José Carlos da Silva com a autorização dos pais e da diretora. Fizemos quatro encontros com as crianças individualmente que duraram cerca de vinte minutos e um encontro em grupo com as crianças da mesma sala. O objetivo era conhecer seu dia-a-dia; com que frequência visitavam os avós; de quais avós eram mais próximos; em que datas ou momentos do ano a família se reunia; qual era o tipo de alimentação que comiam e quem cozinhava nessas ocasiões; o que faziam quando estavam com os avós; quais tipos de brincadeiras costumam brincar; o que compreendem do que os avós os ensinaram .

Expliquei para as crianças que aquele era o meu estudo, a minha tarefa escolar. Expliquei que me interessava em saber como era a convivência delas com os avós e gostaria de saber o que elas conheciam sobre eles. Sua participação na pesquisa não era uma atividade escolar, não valeria nota, e os professores estavam liberando-as de alguns minutos da sala de aula sem prejuízo da aprendizagem, e se em algum momento não quisessem participar ou não quisessem responder as questões deveriam me comunicar e sem problemas deixariam de fazer parte desta pesquisa.

As crianças demonstraram dedicação e responderam as questões, contaram fatos muito particulares de sua vida, o que demonstra a abertura e a simplicidade em expor seus sentimentos. Mesmo depois que as entrevistas haviam terminado, quando eu passava pelos corredores da escola em que também leciono e encontrava com elas, me perguntavam quando iria levá-las para as nossas conversas. O mais interessante foi perceber a capacidade de analisar os relacionamentos dentro de sua família: quem conversa com quem e por que; qual a casa ou o lugar em que as pessoas mais frequentam; algum evento que tenha acontecido e mudou a relação da família como a morte de um avô, a separação dos pais, o nascimento de um irmão. É uma análise interna, de dentro para fora, as crianças conseguem perceber quais são os atores e como eles estão dispostos dentro de suas famílias.

Através das crianças estabelecemos contato com alguns avós e os entrevistamos: seu José, dona Emília, e dona Marta. Com os avós fizemos dois tipos de análise. Primeiro pedimos para que contassem sobre sua migração, depois nos atentamos para os lugares da memória. Perguntamos a eles como tinha sido sua infância, como era o contato com os pais e se seus pais contavam histórias sobre a vida deles. Depois perguntamos como é a relação deles com os seus filhos e netos, se contam suas histórias, e como os filhos interagem com eles.

Foi realizada também entrevistas com três filhos de migrantes. No início havia entrevistado apenas a filha de seu Manoel, a Lúcia. Tanto Dona Lourdes, mãe da Lúcia, quanto sua tia, dona Sebastiana, a mencionaram nas entrevistas. Ela teria levado cartas trocadas com a família no Nordeste. Como eu tinha uma relação de proximidade com ela me interessei por ouvir sua versão sobre as histórias da migração. Após ouvi-las decidimos entrevistar mais duas filhas de migrantes, Heloisa, filha de dona Marta, e Elisangela, filha de dona Celeste, para saber se havia semelhanças na forma como os filhos ficaram conhecendo as histórias de família.

Para compreender melhor como as festas de família poderiam ser lugares da memória participei de duas festas da família do seu Mané Bahia: as bodas de prata de sua filha Lúcia e o aniversário de 70 anos de sua esposa Lourdes. Nestas festas foi possível analisar a relação das três gerações: avós, filhos e netos. Seu Manoel toca sanfona e sempre que há festas ele e seus amigos se juntam para tocar e cantar. Por causa da música nestas festas de família entrevistamos um sanfoneiro da cidade, seu João, que não possui parentes migrantes nordestinos, mas contribuiu para entendermos um pouco mais sobre a relação entre gerações e sobre a posição da sanfona na música da cultura local. Entrevistamos um total de dez avós, dez crianças e três filhas.

As histórias que ouvi me fizeram lembrar as minhas próprias histórias. As experiências que estas crianças têm do lembrar a história dos avós são, de certa forma, muito parecidas com a minha história. Sou neta de migrantes e durante a infância e adolescência as histórias que ouvia da minha avó paterna e as histórias que minha mãe contava sempre me fizeram curiosa sobre o passado. O leitor irá encontrar reflexões sobre a minha família, minhas lembranças, experiências sobre a cidade e a convivência em família, pois é sobre um ambiente em que vivi e que faz parte da minha experiência.

São histórias que fazem parte dos lugares da memória construídos na minha família. Meus avós paternos migraram da Bahia com destino ao Paraná, depois se mudaram para

Santo Anastácio, no estado de São Paulo, onde se casaram, e somente depois chegaram a Barbosa. Minha avó paterna contava algumas histórias sobre a Bahia: que seu pai tinha uma casa de charque, sobre as festas que se arrastavam por dias onde ela dançava, de que se mudou para se tratar porque era muito nervosa, e contava dos parentes de que não tinha notícia.

Meu avô materno nasceu no estado de Sergipe, mas sua mãe imigrou da Itália para o Brasil quando estava grávida dele. Aos dezoito anos, começou a servir no exército, mas um dia combinou com um amigo de fugir. À noite um deles pegou um saco de farinha e outro um de charque e começaram a andar até chegar a uma estrada. Vieram em pau-de-arara até chegarem a São Martinho d'Oeste, no estado de São Paulo, depois chegaram a Barbosa e começaram a viver da pesca. Minha avó materna tinha ascendência indígena e sua família migrou do Ceará em uma época de grande seca. Vieram de pau-de-arara até o estado de São Paulo e se estabeleceram no Salto do Avanhandava, atualmente Barbosa. Minha avó materna morreu quando minha mãe tinha três anos; onze meses depois seu pai também faleceu. Minha mãe cresceu com as histórias sobre seus pais que seus irmãos ou pessoas que os conheceram contavam. Assim, ela também nos contava essas histórias. Preferi não separar do texto partes que a pesquisa me fez lembrar sobre minha própria história, pois parte dos questionamentos e do início da pesquisa está relacionada com essa minha vivência, com questões sobre as histórias que ouvia e sobre a forma como eram contadas.

Os lugares da memória são lugares construídos para rememorar, são ao mesmo tempo lugares físicos e simbólicos, ao mesmo tempo é a sanfona e a memória das festas, a varanda de casa e o tempo passado, é a memória do que viveram e um ensinamento moral sobre a conduta de vida para as crianças. Chamamos de lugares da memória estes lugares que unem o passado e o presente, os costumes do lugar de origem e a realidade do lugar de destino, unem modos de agir e ser de gerações diferentes. Estes lugares da memória na cultura nordestina, nestes migrantes nordestinos em Barbosa, não acontecem com uma festa típica, uma data para celebrar a migração, uma homenagem a alguém importante. Mas são lugares que emergem a partir de símbolos, da memória do modo de fazer.

Esta pesquisa me levou a vários Lugares da Memória: vasculhando o passado em conversas com minha família; participando de lugares da memória de outros como fizemos nas conversas com os pesquisados fazendo ressurgir histórias, lembranças; incentivando os netos a buscar informações com seus parentes. Os lugares da memória para existir precisam que algo rompa o cotidiano e transporte as pessoas para as histórias de vida. Neste sentido, os

lugares da memória são salas que só podem ser acessadas através de portas. Surgem através de uma fotografia antiga, ou com a música da festa de aniversário, com o gosto peculiar dos avós, com os retratos na parede, com os conselhos nos momentos de dificuldade. Estes lugares, geralmente, são criados pelos avós, por quem possui a memória, e neste sentido os lugares da memória nunca são inocentes, mas ensinam um modo de ser e agir dentro da família. Portanto, são realizados conscientemente, pois o ato de expor, falar, ensinar a memória é intencional.

Podemos ainda alertar que o leitor encontrará três níveis de reflexão neste texto. Há reflexões sobre: 1) a literatura utilizada; 2) os dados da pesquisa de campo; e 3) sobre minha vivência e memória. Estas reflexões estão presentes em todos os capítulos, privilegiando um nível de reflexão ou outro conforme a necessidade.

As bibliografias utilizadas foram dos tipos: 1) Bibliografia que contempla dados históricos sobre a migração nordestina: política de imigração; ocupação e povoamento do interior de São Paulo; dados sobre o Salto do Avanhandava e sobre a cidade de Barbosa. 2) Bibliografia sobre aspectos culturais a respeito do caipira e do nordestino, identidade nacional e diáspora. 3) Bibliografia que contempla mais o caráter de transitoriedade e reconstrução de lugares; debate sobre a questão da memória; literatura acerca do relato, oralidade e escrita. 4) Bibliografia sobre desenvolvimento e aprendizado nas crianças.

Os capítulos estão organizados da seguinte forma. O primeiro capítulo pretende inserir o leitor no universo pesquisado; então, serão apresentados dados para a contextualização da migração nordestina para o interior de São Paulo e dados sobre a cidade de Barbosa: eventos, costumes, e aspectos sobre o cotidiano no qual estão imersos os moradores da cidade. No segundo capítulo estão os aspectos conceituais sobre a pesquisa, a relação entre migração e memória. Preferimos nesta parte utilizar vários conceitos que dessem conta de analisar vários ângulos sobre a migração, a memória, relações familiares, geração, oralidade e escrita. Enfim, conceitos que nos fornecessem instrumentos para explicar o que se propõe nesta pesquisa: compreender o que são e como são os lugares da memória para o grupo pesquisado.

No terceiro capítulo estão os dados da pesquisa de campo com os avós com uma descrição sistemática das entrevistas e visitas e reflexões sobre os relatos e as questões levantadas na pesquisa. No quarto capítulo há as entrevistas com as crianças e descrição do que elas relataram sobre suas famílias e as questões da pesquisa: o que conhecem sobre os avós; quais histórias eles contam a elas; quando a família se reúne; como são os encontros em

família e o que elas fazem nestes encontros; o que comem nas festas e quem prepara a comida; quais músicas os avós ou pais ouvem; o que elas pensam sobre o gosto dos avós. No quinto capítulo está a conclusão da pesquisa e contém uma proposição para que mais lugares da memória sejam construídos além da casa. Assim, neste último capítulo há sugestões sobre formas de criar portas para que as crianças possam acessar lugares da memória, pensando a escola como uma possibilidade de ampliar o diálogo entre a história e a família.

O leitor encontrará neste texto histórias que revelam o universo micro da migração e das relações sociais; histórias que revelam como as pessoas procuram resolver conflitos familiares, problemas emergenciais como a necessidade de trabalho; histórias sobre como essas pessoas se motivaram a seguir em frente e como buscaram soluções individuais para problemas relacionados à sua vivência ou sobrevivência. Esta pesquisa é, na sua interface, sobre a experiência de viver a migração e sobre histórias de família, mas esperamos que o leitor perceba todas estas experiências dentro de um contexto histórico, econômico, social e cultural brasileiro. Esperamos que com esta pesquisa possamos descobrir um pouco mais sobre encontro de culturas e de gerações, sobre uma parte da história dos brasileiros que é a migração nordestina através de relatos e, sobretudo, que contribua com um lembrar para não se perder.

Apresentado o contexto em que a pesquisa foi pensada e produzida iremos abordar o contexto em que a pesquisa ocorreu. No próximo capítulo está uma análise sobre a migração nordestina para o interior de São Paulo e sua cultura e uma descrição sobre a cidade de Barbosa.

## 2 Migração e memória na cidade de Barbosa-SP

Neste capítulo apresentaremos como o interior do estado de São Paulo foi povoado, principalmente a região noroeste, que abrange a Mesorregião de São José do Rio Preto, parte da Mesorregião de Araçatuba e da Microrregião de Lins<sup>2</sup>. Nesta região predominou durante cerca de dois séculos o trânsito de pessoas e objetos para o interior do país e apenas no final do século XIX foi intensamente povoada. Nosso objetivo é apresentar dados históricos sobre o povoamento da região e parte da pesquisa de observação e participação na vida social da cidade de Barbosa-SP, onde a pesquisa foi realizada. Espera-se construir um cenário histórico, social e cultural do ambiente analisado, assim como introduzir as questões que nortearam a pesquisa.

A primeira parte do capítulo, *A migração nordestina para o interior de São Paulo*, tem como objetivo demonstrar como a migração nordestina se deu no interior de São Paulo: quais as demandas por este tipo de migrante; como eles eram encaminhados para as fazendas no interior paulista; e como se relacionavam com os imigrantes que chegaram ao interior do estado décadas antes.

A segunda parte do capítulo, *Memórias e histórias de Barbosa*, conta a história da cidade a partir de fontes históricas, dados disponíveis na base de dados do IBGE cidades, informações coletadas na Biblioteca Municipal contendo documentos sobre o surgimento da cidade e, a partir de literaturas que descrevem o contexto do povoamento, características econômica, geográfica e cultural da região, cujos autores principais são Caio Prado Jr., Antônio Cândido e Sergio Buarque de Holanda. A história da cidade também foi escrita em um livro por moradores que a relatam a partir de uma perspectiva pessoal, ou seja, a partir dos relatos da família fundadora. Há também relatos das lembranças de duas mulheres que durante a pesquisa na biblioteca da cidade começaram a contar sobre as suas experiências nos eventos culturais da cidade, e a descrever uma época e pessoas conhecidas a partir das fotografias que me mostraram.

Na terceira parte do capítulo, *A origem rural*, procura-se inserir o leitor no imaginário da cidade, descrevendo os aspectos marcantes da vida cultural do local. Enquanto moradora da cidade minhas lembranças também estão presentes nesta pesquisa e nesta seção

---

<sup>2</sup> IBGE. Divisão Urbano-Regional. 2010. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default\\_divisao\\_urbano\\_regional.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_divisao_urbano_regional.shtm)>. Acesso em: 30 dez. 2013.

parto delas para descrever costumes e eventos culturais comuns nesta região. Tais lembranças foram confrontadas com a de outros moradores, como por exemplo as duas mulheres que entrevistei na biblioteca municipal na ocasião em que encontrei as fotografias da cidade arquivadas. Além delas, meus pais também colaboraram como informantes na pesquisa auxiliando na descrição e informação sobre pessoas e fatos que vivenciaram, e informações que foram coletadas com os entrevistados a partir de suas memórias. Há neste item uma seção que trata de manifestações culturais, como a música caipira. Veremos que estas manifestações culturais foram influenciadas pelo tipo de colonização que mesclou elementos culturais portugueses e indígenas.

É com esse primeiro capítulo que pretendemos introduzir o leitor no universo pesquisado. Neste capítulo vamos estudar em que contexto as cidades do interior de São Paulo foram formadas e de que forma as relações sociais constituíram uma cultura própria orientada por diversos fatores como: estratégia de povoação; dominação de povos nativos; viabilidade econômica; entre outros fatores.

## **2.1 A migração nordestina para o interior de São Paulo**

O objetivo desta seção é analisar como foi abordado historicamente o fenômeno migratório, sobretudo da migração nordestina para o interior de São Paulo no século XX. Há uma extensa bibliografia que aborda os aspectos do desenvolvimento econômico aliado à migração interna no Brasil destacando-se os processos econômicos de excedente de trabalhadores na região Nordeste, falta de trabalhadores nas demais regiões, a economia arcaica e rudimentar, agravada pelas secas periódicas. Em Celso Furtado (1974; 2009; 2009a) e Caio Prado Jr. (1981; 1997) podemos encontrar análises sobre a formação do Brasil nas perspectivas histórica e econômica de forma geral e, de forma específica, sobre a condição do Nordeste no cenário brasileiro cujos temas são, sobretudo, a seca, o excedente de força de trabalho no Nordeste, a industrialização do Sudeste, concentração industrial, economia agrário-exportadora e migração de nordestinos para frentes de trabalho nos ciclos econômicos. Principalmente para o trabalho na produção de borracha, no Amazonas, mineração, principalmente em Goiás e Minas Gerais, mas também Mato Grosso e para as lavouras de café, em São Paulo, e posteriormente atraídos pela industrialização na capital paulista.

Em Neide Lopes Patarra (2003) há uma análise panorâmica sobre a migração interna no Brasil levando em consideração os períodos marcados pela mudança na dinâmica econômica e geográfica. No período entre 1930 a 1960 houve uma intensa migração interna rural-rural, principalmente dos estados do Nordeste para as regiões do Oeste Paulista e Norte do Paraná devido à expansão cafeeira. Mas também foi um período de industrialização e concentração urbana em alguns centros, urbanização essa intensificada no período de 1950 a 1980, com uma nova fase na industrialização. A política protecionista que perdurou nas décadas anteriores foi substituída pela internacionalização da indústria trazendo maior competição ao mercado interno. Houve uma concentração da atividade econômica na região Sudeste, principalmente em São Paulo, somada à mecanização ocorrida no campo e, conseqüentemente, um aumento de excedente de mão de obra. Continua assim um período de migração rural-urbana, aumentando consideravelmente a importância da cidade na dinâmica econômica e social da família brasileira.

O modelo de industrialização que o país adotou foi baseado na concentração industrial em São Paulo, na capital. De acordo com Pait, no artigo sobre o economista e prêmio Nobel Paul Krugman, esta concentração industrial é típica dos países que se industrializaram na segunda metade do século XX, devido à política protecionista. Para facilitar a produção e diminuir os gastos, a produção industrial concentra, em um único local, fornecedores, produtores e seus mercados. Particularmente, no caso da América Latina, a política de proteção comercial concentrou a produção industrial, aumentou a demanda por trabalhadores e favoreceu a concentração da população em grandes centros urbanos tais como a Cidade do México ou São Paulo. (PAIT; PAIT, 2013, no prelo,).

Patarra ainda distingue as diferentes teorias que analisam o fenômeno migratório. Em linhas gerais, essas teorias são de perspectiva micro e macro sociais, neoclássicas e histórico-culturais. De acordo com a autora, as teorias micro considerariam mais as iniciativas e causas individuais enquanto as teorias macro consideram que os deslocamentos populacionais são causados por forças de atração e expulsão. As teorias neoclássicas considerariam que há migração quando as forças de atração são maiores e relacionadas diretamente com aumento de renda. As teorias histórico-culturais considerariam que a migração também modifica o lugar de origem e não apenas o de destino e que as redes sociais e, principalmente, a família são importantes para a decisão de migrar (SANTOS et. al. 2010).

O primeiro ingresso no interior paulista foi feito pelos bandeirantes, introduzindo uma cultura nômade, baseada na agricultura de subsistência. “O deslocamento incessante do

bandeirismo prolongou-se de certo modo na agricultura itinerante, nas atividades de coleta, caça e pesca do descendente caipira, a partir do século XVIII” (CÂNDIDO, 1997, p. 44). De acordo com Antonio Cândido, a cultura caipira do interior paulista se moldou a partir da fusão e transformação culturais entre a cultura portuguesa e indígena à situação do território, à instabilidade do lugar e à mobilidade própria do conquistador. O paulista apenas se fixou na terra durante a segunda metade do século XVIII com a grande lavoura do café e da cana-de-açúcar. As principais vias de acesso eram os rios, dentre eles o rio Tietê, importante devido ao seu grande volume de água e por atravessar todo o estado de São Paulo.

De acordo com Antônio Cândido (1997), a migração para o estado de São Paulo se fez da capital para o interior e da divisa com Minas Gerais para o interior. De acordo com Ghirardello (2002) essa migração de mineiros para o interior de São Paulo começou a acontecer a partir de 1850 com o declínio da produção aurífera, somada à dificuldade de adquirir terras devolutas do Estado ilegalmente após a Lei de Terras de 1850, e o alistamento militar para a Guerra do Paraguai (1864-1870). No final do século XIX, Mato Grosso do Sul e Paraná ainda não eram suficientemente habitados para encaminhar grande quantidade de pessoas para o interior de São Paulo. Além disso, havia muita terra no interior de São Paulo para ser desbravada e uma forte presença indígena.

A abolição da escravidão e a expansão da lavoura cafeeira aumentaram a demanda por uma nova força de trabalho. Em um primeiro momento a imigração italiana foi a solução encontrada, estimulada por uma política de subsídios. Entre 1885 a 1934, entraram no estado de São Paulo 929.802 italianos. Também vieram portugueses, espanhóis e outras nacionalidades num total de 2.333.217 imigrantes no mesmo período (BASSANEZI, 2012). De acordo com Bassanezi (2012) também foi grande o número de imigrantes que não permaneceram no Brasil. Porém, é difícil quantificar, pois apenas em 1908 começou a ser feito um registro sistemático da saída dos estrangeiros. Ainda assim a imigração de estrangeiros superava a de migrantes brasileiros até a década de 1930, quando a política de subsídios para a imigração foi encerrada e iniciou-se uma política de migração interna.

No final do século XIX e início do XX destaca-se em maior volume a chegada de imigrantes. Com menor participação, mineiros e cariocas também migraram para o oeste de São Paulo com a expansão cafeeira e a construção de ferrovias (CARVALHO, s.d.). A lavoura de café se estendeu do vale do Paraíba para o interior, possibilitada pela construção de ferrovias. Destaca-se a construção da ferrovia Noroeste do Brasil que liga as cidades de Bauru-SP a Corumbá-MS, construída a partir de 1905. Inicialmente o escoamento da

produção de café era feito pelo trecho da ferrovia Itapura-SP a Bauru e em 1917 este trecho se ligou ao trecho recém construído entre Itapura à Corumbá<sup>3</sup>. Tinha como objetivo possibilitar o escoamento do café, mas principalmente adentrar territórios e permitir encontrar novas terras para a produção de café.

Conforme Paiva, de 1921 a 1929 migraram para o estado de São Paulo 212.658 brasileiros e 455.225 estrangeiros. Mas como Paiva aponta, de acordo com dados do Boletim do Departamento estadual de Estatística, na década posterior, de 1930 a 1939 a quantidade de migrantes brasileiros dobrou no total de 435.864 contra 198.122 imigrantes estrangeiros (PAIVA, 2004, p. 248). “O Estado de São Paulo recebeu e encaminhou para a agricultura, especialmente para as plantações de café e algodão, mais de 1.300.000 trabalhadores migrantes no período de 1927 a 1951” (PAIVA, 2004, p. 23). Esses números de migrantes foram obtidos do controle da Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo, lugar pelo qual deveriam passar todos os migrantes recrutados por agências privadas ou pela ITM – Inspetoria de Trabalhadores Migrantes – criada em 1939 pelo Estado Novo (PAIVA, 2004, p. 25)<sup>4</sup>.

A partir da década de 1950, a migração se deu de forma mais espontânea (PAIVA, 2004, p. 26); já não era necessário subsidiar a migração, as redes familiares estavam estabelecidas e facilitava a vontade de fazer a vida no interior. Em nossa pesquisa, os migrantes nordestinos entrevistados vieram após 1950, alguns passaram pela Hospedaria dos Imigrantes, alguns vieram diretamente para o lugar onde parte de sua família se encontrava. As redes familiares foram importantes no fluxo da migração espontânea, pois buscavam ou mandavam buscar seus parentes que estavam no Nordeste. Como a produção do café e da cana-de-açúcar havia começado do leste para o oeste do estado, aquela primeira região já tinha sido povoada por escravos e imigrantes durante o século XIX. Assim, as migrações do século XX se destinaram a repassar trabalhadores para as regiões oeste e noroeste do estado. Dos 28.314 migrantes que chegaram entre agosto e setembro de 1935, 18.250 (64%) tiveram como destino as regiões oeste e noroeste do estado de São Paulo. Os municípios de Chavantes e Penápolis, vizinhos de Barbosa – que só foi emancipado em 1960 – receberam respectivamente 750 e 360 migrantes em 1935 (PAIVA, 2004, p. 255-6).

---

<sup>3</sup>BRASIL, Estações Ferroviária do. Disponível em: [http://www.estacoesferroviarias.com.br/ms\\_nob/indice.html](http://www.estacoesferroviarias.com.br/ms_nob/indice.html).

<sup>4</sup> Há no acervo digital do Museu de Imigração do Estado de São Paulo 32 mil documentos, cartas de chamada, pedindo auxílio para a instalação de familiares imigrantes no país. MUSEU da Imigração do Estado de São Paulo. *Acervo digital*. Disponível em <http://www.museudaimigracao.org.br/acervodigital/sobre.php>. Acesso em: 05 de março, 2013.

De acordo com Paiva, o que motivou o aumento de migração e justificava a necessidade de recrutar mão de obra nas décadas de 1930 a 1950, era a política econômica adotada após o *crash* da Bolsa de valores de Nova York em 1929/30. “Entre junho de 1931 e julho de 1944, foram eliminadas nada menos que 78,2 milhões de sacas de café que equivaliam a três vezes o consumo mundial daquele ano” (PAIVA, 2004, p. 29) sem, contudo, ter diminuído sua produção. A política desenvolvimentista continuou investindo na produção de café e recrutou no Nordeste os braços que faltavam à lavoura cafeeira no estado de São Paulo através de uma política de subsídio que incluía um valor em dinheiro para cada membro da família, passagens de São Paulo até o local de destino e, emprego nas fazendas de café.

Os nordestinos chegaram ao interior do estado de São Paulo e encontraram uma população nativa, constituída por migrações internas de menor volume, e uma população de imigrantes vivendo em bairros rurais. A relação entre imigrantes e nordestinos é abordada na dissertação de mestrado de Cleivaldo Donzelli (2009):

O que se observa nos casos pesquisados é que os europeus localizados nos bairros rurais em estudo, por se autodenominarem pioneiros, passam a perceber o nordestino e o mineiro como “estrangeiros” chegados após estes bairros já se constituírem como comunidades “boas para se viver”, “tranquilas” e “harmônicas”. Os europeus eram considerados estrangeiros localizados nestes bairros para as demais pessoas do município, por virem de outras nações, mas estes, neste período, se apropriaram de uma identidade religiosa, bairrista e de classe social que os credenciava, acreditavam eles, como diferentes dos nordestinos e mineiros que só chegaram na década de 1950, num processo de relação de trabalho já pautado na lavoura cafeeira produzida em larga escala e na lavoura canavieira que aos poucos já dava sinais de constituição do novo ciclo econômico (DONZELLI, 2009, p. 167).

Quanto às colônias de imigrantes, de acordo com Donzelli, não havia festas típicas para celebrar costumes ou alimentação, pois as colônias eram formadas de pessoas de vários países, embora os aspectos alimentares fossem parecidos (DONZELLI, 2009, p. 171; 176).

Já os descendentes de nordestinos e mineiros, como não eram proprietários e sim colonos, meeiros e parceiros, saíram dos bairros rurais e migraram por várias partes da região, mais especificamente para o meio urbano de cidades que dependem da cana para a sustentação orçamentária e geração de rendas e trabalho (DONZELLI, 2009, p.180).

A posse de terra pelos imigrantes e a falta de terra de posse dos nordestinos e mineiros pode ter sido um fator determinante para a sua pulverização na cidade e a perda de rituais que reunissem nordestinos como festas e eventos. Essa ritualização também não se desenvolveu entre os imigrantes, de acordo com Donzelli, devido à heterogeneidade da região de origem destes moradores. Mas no caso dos nordestinos essa pulverização pode ter

contribuído para a diluição das vozes dos contadores de histórias. Isso não significa que as histórias tenham sido apagadas, mas dissolvidas. Quem migrou junto, não ficou junto. Foram se mudando até encontrarem um lugar para si. Para esta pesquisa buscaremos observar, sobretudo, como se sentiram quando chegaram ao local de destino, se atribuem algum significado para sua adaptação na comunidade em que se estabeleceram.

Observamos que houve uma migração intensa de nordestinos para o interior do estado de São Paulo, seja através da política de imigração, pelas agências privadas ou pelas redes. Essa população migrante se deslocava de áreas rurais no Nordeste e se destinava a áreas rurais no interior de São Paulo. Posteriormente, com a industrialização houve uma migração no sentido inverso, tanto de estados do Nordeste para a capital paulista quanto do interior do próprio estado para a capital. Mesmo assim, muitos permaneceram no interior e, juntamente com os imigrantes estrangeiros, deram origem às cidades. Passaremos a considerar a convergência de vários costumes, tanto oriundos do Nordeste quanto do interior do estado de São Paulo, e a entender como a memória da migração foi incorporada na vivência dos descendentes destes migrantes.

## **2.2 Memórias e histórias de Barbosa**

A cidade é o lugar onde habitamos. É a nossa primeira referência social de pertencer a algum lugar. Inserimo-nos no ambiente social quando percebemos que nossa casa tem relação com a casa do vizinho e que fazemos parte de um mesmo lugar. A nossa história tem relação com a história de outros indivíduos formando uma rede de indivíduos que antes pareciam isolados, mas agora partilham interesses comuns. Assim, crescemos ouvindo histórias sobre a cidade e sobre as pessoas que a habitavam. Estas histórias nos introduzem na vida coletiva, mostrando que fazemos parte de algo que existia antes de nossa presença. Por isso, a cidade onde nascemos é nossa referência de lugar estável, anterior a nós.

Enquanto crescemos percebemos as mudanças que se desencadeiam junto à nossa própria existência, mas só podemos imaginar e suspeitar das mudanças anteriores através das histórias dos outros. “Muitas lembranças, que relatamos como nossas, mergulham num passado anterior a nosso nascimento e nos foram contadas tantas vezes que as incorporamos ao nosso cabedal” (BOSI, 1994, p. 425). Ouvir histórias sobre a cidade é também uma pesquisa lenta, cheia de recortes e interesse por saber de onde viemos. As histórias que ouvimos estão sempre sendo colocadas lado a lado, nos dando uma visão geral sobre o

passado. A seguir iremos conhecer um pouco sobre a história da cidade de Barbosa, onde foi realizada esta pesquisa, a partir de dados históricos que complementaremos com narrativas de moradores.

Na região Noroeste do estado de São Paulo, mesmo com as bandeiras de apresamento, o que havia eram poucos povoamentos dispersos que serviam mais para abastecimento de bens de consumo do que moradia fixa. Por ocasião da guerra do Paraguai (1864-1870), o governo imperial criou duas colônias militares nas margens do rio Tietê, a Colônia do Avanhandava criada em 23 de março de 1858, e a Colônia de Itapura, criado no mesmo ano (GHIRARDELLO, 2002, p. 73). Tinham como objetivo abastecer os soldados até o encontro do rio Tietê com o rio Paraná. Após a guerra as duas colônias foram abandonadas, e se iniciou um período de povoamento das terras devolutas do Estado.

O loteamento de terras devolutas e a construção da ferrovia impulsionaram o povoamento da região que até então não era atrativa. Ghirardello (2002) destaca a importância de Manoel Bento da Cruz, nascido no Rio de Janeiro em 1875, para a construção da cidade de Penápolis, a cerca de 30 quilômetros de Barbosa, e o povoamento da região. Bento da Cruz possuía uma extensão de terra na região que posteriormente foi vendida, aumentando sua influência na construção da ferrovia. Conseguiu desmembrar Penápolis da Comarca de São José do Rio Preto, anexando-a à Comarca de Bauru, em 1910.

Já a cidade de Barbosa foi constituída município em 1º de janeiro de 1960 e possui atualmente 6.593 habitantes (IBGE, Censo, 2010) <sup>5</sup>. A história da família fundadora e da cidade foi contada em um livro, *Barboza de Carvalho 1905-1997: a saga de uma família* (CARVALHO; CALDAS; ALENCAR, 1997) escrito por descendentes da família e de pouca circulação. O livro conta a história de como as terras foram adquiridas por Joaquim Barboza de Carvalho e sua esposa Ricardina Maria de Jesus. De acordo com o livro, casaram-se em Babanal-SP, município que faz divisa entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, mas vieram para o interior do estado com a expansão cafeeira. Neste livro, os autores contam que Joaquim e sua esposa compraram mil alqueires de terra de um general que teria recebido a terra de Dom Pedro I como doação. A família se mudou para a nova propriedade em 1º de maio de 1905. “Dona Ricardina fez promessa a Nossa Senhora Aparecida, sua santa de devoção: se encontrasse uma fazendinha boa, doaria dez alqueires e faria um patrimônio com capela” (CARVALHO; CALDAS; ALENCAR, 1997, p. 16).

---

<sup>5</sup> IBGE, cidades. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>.

No centro da cidade há uma praça, a disposição das casas segue uma distribuição geográfica comum, principalmente em pequenas cidades onde a praça é o principal lugar público e cultural. Nela há duas igrejas católicas, sendo a mais antiga construída como pagamento da promessa de dona Ricardina e tem a entrada voltada para a praça, atualmente Capela Nossa Senhora da Vida (fig. 1). Com o aumento da população foi construída uma nova igreja e inaugurada no final da década de 1980 com a entrada voltada para a rua. Perto das igrejas existe um parquinho para as crianças, depois alguns trailers onde se vendem lanches, sorveres e doces e há também um coreto com banheiros embaixo. Este coreto não é o original, pois a praça foi reformada em 1982 com a construção de um novo coreto. Nas histórias sobre a cidade os mais velhos também procuram descrever como era o coreto antigo e como as pessoas usavam aquele espaço. Na fotografia (fig. 2) podemos vê-lo, redondo com um telhado em formato de cone. Podemos observar como era o centro da cidade em uma procissão de Santo Antônio em 1948 (fig. 3).

Depois ficam os bancos da praça entre os espaços do jardim, no centro há uma fonte de água e logo depois uma rua, onde atualmente é o local onde jovens se reúnem durante o fim de semana. Em um dos lados, como continuação da praça, está a escola estadual Prof. José Carlos da Silva, única escola de Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio da cidade. Uma quadra abaixo fica a avenida principal, a Avenida Dona Ricardina (fig. 4). Esta avenida atravessa a cidade alcançando a Rodovia Assis Chateaubriand que segue ao Norte para a cidade de São José do Rio Preto, de um lado, e a estrada vicinal Rozendo Martins em direção aos sítios e a cidade vizinha, Avanhandava, de outro. Saindo da cidade, na Rodovia Assis Chateaubriand em direção a São José do Rio Preto, a aproximadamente 2 km, está a prainha municipal nas margens do rio Tietê, frequentada por moradores da cidade e região.

Existe um outro rio, antes da inundação para a construção da Usina Hidrelétrica Mario Lopes Leão cuja obra teve início em 1966<sup>6</sup>, que ficou na lembrança dos moradores mais antigos e em fotos e vídeos que circulam nas redes sociais, como Facebook, YouTube. Lembremos que o rio Tietê foi de grande importância para o povoamento do interior paulista. Afonso de Taunay (1876-1958) escreveu sobre a importância do rio Tietê nas bandeiras paulistas em *História das bandeiras paulistas* (2012). O nome de Salto do Avanhandava é devido à quantidade de quedas d'água que havia na região (fig. 5). Avanhandava tem origem

---

<sup>6</sup> Companhia Energética de São Paulo, CESP. Histórico da empresa. Disponível em: [http://www.cesp.com.br/portalCesp/portal.nsf/V03.02/Empresa\\_Historia?OpenDocument](http://www.cesp.com.br/portalCesp/portal.nsf/V03.02/Empresa_Historia?OpenDocument).

no dialeto nhandeva dos índios que habitavam esta região, por isso o salto dos índios avanhandava. De acordo com o blog do Ministério da Cultura, nhandeva é um subgrupo dos falantes da língua Guarani, também conhecidos como Chiripá ou Tupi Guarani, dependendo da localidade<sup>7</sup>. Na pesquisa de Costa (2003) também é possível obter informações sobre o tronco linguístico dos Nhandeva-Guarani. Com territórios que se estendem do Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e também Rio de Janeiro, estavam presentes na região noroeste paulista. Salto do Avanhandava dava nome a toda extensão de terras naquela região, onde hoje estão Barbosa, Avanhandava, Penápolis e José Bonifácio.

O rio Tietê é lembrado com muito pesar pelos mais velhos, como se todas as descrições não pudessem ser suficientes para os mais novos imaginarem como ele era. A abundância de peixes e a beleza das quedas d'água movimentavam o turismo da região. Cresci ouvindo as histórias que minha mãe contava sobre a época em que ela ajudava os irmãos a pescar e pegava os peixes com as mãos, os cascudos que ficavam nas pedras, e as histórias que ela ouvia dos irmãos sobre as habilidades do pai que era pescador.

A Biblioteca Municipal guarda parte da história da cidade em um acervo de fotografias sobre a abertura da cidade e eventos públicos que foram doadas por moradores e por registros da prefeitura. Na busca por registros sobre o início da cidade de Barbosa fui até a biblioteca municipal. Nesta visita conversamos com as funcionárias Rose e Suzel. A Suzel é uma das filhas do segundo prefeito da cidade, Ubirajara Barboza de Carvalho, cujo mandato se estende pelos anos de 1964 a 1969 e de 1973 a 1977 (CARVALHO; CALDAS; ALENCAR, 1997, p. 65), e assim estas mulheres lembraram fatos e histórias da cidade enquanto olhavam as fotos.

Fiquei um pouco surpresa por ter encontrado aquelas fotos ali, guardadas. Mesmo morando a maior parte do tempo em Barbosa não me lembrava de tê-las visto alguma vez. De acordo com a Rose, o processo de coleta e arquivamento das fotografias foi feito alguns anos atrás por uma bibliotecária para uma exposição. Ela teria entrado em contato com antigos moradores e reproduzido as fotografias. A Rose retirou as pastas de fotografias da gaveta e começou a folheá-las antes de me entregar, assim ela e a Suzel passaram a me fornecer várias informações sobre as datas das fotografias e eventos registrados, além de informações sobre as pessoas presentes nas fotos (Anexo).

---

<sup>7</sup>BRASIL, Ministério da Cultura. Disponível em: <http://blogs.cultura.gov.br/encontroguarani/2010/01/10/guarani-nhandeva-tupi-guarani-chiripa/>.

Foi muito interessante observar a reação delas diante das imagens. Frases como: “nossa... será que é ele mesmo aqui?”, ou “é fulana, não tem como não reconhecer”, ou “não me lembro deste aqui”, foram importantes para compreender como a memória pode resgatar sensações e ampliar a noção de pertencimento à história da comunidade. Não bastava me dizer quem era a pessoa, mas era necessário explicar qual sua família, profissão, como morreu, onde estão seus filhos, etc. Como nos relatos obtidos por Ecléa Bosi (BOSI, 2003, p. 202), em que as informações sobre as pessoas não se limitaram ao nome e sobrenome, mas onde morava e para onde se mudou, ou de quem era filho, o que aconteceu com os pais. O relato oral busca contar a trajetória conhecida sobre o outro, tudo que do ponto de vista de quem conta é importante para descrever aquela pessoa.

Essas fotografias foram arquivadas com a mudança da biblioteca para outro prédio; o antigo prédio da biblioteca agora abriga a Câmara Municipal. De acordo com a Rose, com a falta de espaço suficiente para fazer exposições dessas e outras imagens, os painéis foram guardados e as imagens arquivadas. Por isso não me lembrava de ter visto aquelas fotografias. Até mesmo Suzel, que tinha doado algumas fotografias que seu pai guardava em casa, não se lembrou de início que a biblioteca tivesse uma cópia delas. Conforme olhávamos as imagens, Suzel apontava aquelas que tinham sido doadas por sua família. O fato de estas fotografias estarem pouco acessíveis é ruim para os moradores da cidade, uma vez que parte da história do município poderia ser resgatada pelos antigos e novos moradores movimentando as histórias acerca deste lugar comum, a cidade. Talvez se a população tivesse acesso a essas imagens pudessem questionar sobre suas origens e fazer emergir mais histórias sobre suas famílias e tradições. Não se trata de preservar uma tradição, mas pensar sobre ela. A seguir serão expostas algumas lembranças e reflexões sobre eventos sociais e tradicionais na cidade. Veremos que estas manifestações fazem parte do cotidiano dos moradores da cidade. Apesar de haver eventos específicos como os rodeios, as pessoas estão imersas neste cotidiano do caipira que nos descreveu Antônio Cândido, porém é um modo de viver que vai se transformando e adaptando.

### **2.3 Manifestações culturais em uma cidade do interior paulista**

Esta seção procurar expor o cotidiano da cidade, sua vida social e cultural. Assim, apresenta muitas reflexões a partir de minhas memórias e vivências no município. Nesta pesquisa, muitas vezes precisou ser adotada a postura de um Geertz às avessas. Ao invés de

imersão na realidade da comunidade estudada precisei sair e olhar de fora dela. Buscar um olhar distanciado e depois permitir refletir sobre minhas lembranças. Da experiência sobre eventos sociais durante a infância lembro-me das festas de peão, os rodeios. Começaremos com a análise dos rodeios e boiadas não por ser uma questão central, mas por ser quase que uma entrada em nossa pesquisa e cidade. Estas festas fazem parte da cultura da cidade, das condições geográficas e econômicas da região. Depois falaremos de outras tradições, mais centrais e também mais íntimas.

O rodeio era e ainda é um evento muito esperado e organizado pela comunidade. Quando criança ia sempre aos rodeios com meus pais. No geral eles duravam cerca de quatro dias e aconteciam quase sempre por ocasião do aniversário da cidade. O local variava, às vezes o evento ocorria na prainha municipal, nas margens do rio Tietê, ou no Centro de Lazer, no centro da cidade (fig. 6). À noite, era hora das disputas mais acirradas dos peões que se inscreviam para competir nas provas de montaria em cavalo e touros. O ritual iniciava-se antes das competições, com o Baile da escolha da Rainha. Neste baile as meninas se inscreviam e desfilavam para que os jurados escolhessem três garotas: a rainha, a princesa e a madrinha do rodeio.

No primeiro dia de competição havia uma queima de fogos, apresentação da rainha, princesa e madrinha do rodeio, devidamente trajadas com roupas country. Havia sempre uma homenagem a Nossa Senhora Aparecida, padroeira dos peões e da cidade. Depois das provas, as pessoas se divertiam no parque de diversões que ali se instalava com brinquedos e música. No último dia, geralmente no domingo, havia à tarde provas de laço e do tambor em que os competidores deveriam laçar animais ou fazer performances com cavalos entre tambores dispostos na arena. Meus pais gostavam de nos levar nessas provas à tarde, mesmo com o sol reluzindo. No domingo à noite, após ser divulgado o vencedor das provas, havia novamente queima de fogos e mais homenagens, o que fechava a comemoração. As montarias também aconteciam em outros momentos do ano, mas em proporções menores, assim como era comum haver nas comemorações de 7 de Setembro desfile de cavalos, carros de boi, e de peões devidamente trajados (fig. 7).

Acostumados em lidar com animais por morarem em fazenda durante muitos anos, meus pais tentavam nos mostrar como se fazia para laçar de modo certo um bezerro, ou achavam graça quando as crianças tentavam montar nos bezerros e pôneis. Diziam algo como “no nosso tempo, não é, ‘bem’ – se referindo à minha mãe –, uma criança não demorava tanto tempo assim, era só chegar e pôr o cabresto e montava em pelo mesmo. Essas crianças de hoje

são muito moles”. Ou então quando viam alguma criança com destreza para montar em um animal, diziam, “olha aquele ali, é filho de quem será?”.

No Brasil houve várias adaptações dos estilos de competição com animais, principalmente cavalos e bois. Duas formas de competições conhecidas são as cavalcadas e a vaquejada. A cavalcada é uma forma de disputa que teve origem em Portugal, por volta do século XIII com motivos políticos e religiosos, a celebração representa a disputa do Conde de Rolando e sua guarda, os Doze pares da França. É realizada em pares, num total de 24 cavaleiros, doze representando os cristãos (vestidos de azul) contra doze representando os mouros (vestidos de vermelho). As cavalcadas são consideradas festas importantes em alguns estados do Brasil, do Centro-Oeste ao Nordeste. As vaquejadas surgiram das apartações de gado realizadas no Nordeste brasileiro. O gado era marcado e solto na mata. Então, uma vez por ano o proprietário dos bois contratava vaqueiros que tinham como função resgatar esses bois e suas crias para os currais do patrão. O pagamento era feito em espécie, “com ¼ das crias; pagamento que só se efetua decorridos cinco anos, acumuladas as quotas de todos eles” (PRADO Jr., 1997, p. 191). A forma de pegar essas reses, em duplas de vaqueiros, um preparando a pega e o outro derrubando pelo rabo deu origem às vaquejadas como competições. A cidade de Currais Novos, no Rio Grande do Norte, ganhou este nome por causa da popularidade das vaquejadas. Nas vaquejadas modernas o boi é solto na pista de corrida, onde no final existem duas faixas em que o boi deve ser derrubado. São dois vaqueiros encurralando-o. Um, o “esteira” é responsável por pegar a cauda e entregá-la ao outro, o “puxador”, responsável por derrubar o boi. Se conseguir derrubá-lo entre as duas faixas, então os pontos são contados e se diz “valeu boi”, caso contrário se diz “zero” (AIRES, 2008), (FELIX; ALENCAR, 2011).

Minha mãe conta que antes de haver rodeios e as provas de “pega do garrote”, “prova do Laço”, existiam as touradas. Segundo ela, as companhias de toureadas chegavam à cidade e eram como um circo sem a lona. Vinham com seus próprios toureiros e se apresentavam. As touradas têm origem na Espanha, mas também há competições em Portugal, na França, no México, e em outros países da América Latina. De acordo com Fernandes (2011) tanto as touradas como as cavalcadas eram festas típicas da corte brasileira. Com o tempo a tradição das touradas deu lugar ao rodeio.

Podemos perceber que vários elementos culturais se misturam na configuração do caipira que lida com o gado. É a influência da cultura portuguesa, mas também é o contexto do processo de cuidar dos animais, seja no interior de São Paulo ou por influência de

nordestinos que migravam para o interior. A pecuária coexistiu ora com a cultura de subsistência, ora com o objetivo de abastecer os grandes centros, principalmente do litoral (PRADO Jr., 1997, p. 187), difundindo no país a rusticidade, mas também a intimidade com os animais. A tradição caipira, a vida das pessoas nas fazendas, o trânsito das boiadas nas estradas extrapolavam os limites do trabalho e passavam aos jogos, competições, demonstrações de habilidades, confecção de objetos para montarias, etc. Caio Prado Jr. se refere ao rodeio:

Esta gente socialmente indecisa concorre sobretudo ao ‘rodeio’, o grande dia da estância, que se repete duas vezes por ano, e quando se procede à reunião do gado, inspeção, marcação e castração. Isto no meio de regozijos em que não faltam as carreiras de cavalos, o grande esporte dos pampas (PRADO Jr., 1997, p. 207).

Embora esta descrição se refira aos rodeios no Rio Grande do Sul, estas festividades estão diretamente relacionadas com a vida no campo. Os rituais dos rodeios e das provas com animais estão muito próximos do trabalho nas fazendas. Como pode ser observado em Caio Prado Jr., os rodeios aconteciam por uma necessidade real: reunir o gado, vacinar, marcar, castrar. No decorrer desta pesquisa, em 2013, por ocasião do aniversário da cidade me deparei novamente com um desses acontecimentos. Não houve rodeio, mas aconteceu algo que é comum em algumas datas no ano, as chamadas “cavalgadas” (fig. 8). Um desfile com cavalos e carros de boi, berrantes e outros adereços do peão de fazenda, as chamadas tralhas como selas, arreios, patuás, etc., passava pelas ruas da cidade.

Saí no portão de casa e vi jovens, adultos, crianças, homens e mulheres nos cavalos, seus ou emprestados, com calça jeans justa, camisa xadrez, chapéu. Havia comitivas e peões que acompanhavam o desfile, encaminhados por um carro de som que tocava moda de viola (fig. 9), reuniram-se no Centro de Lazer da cidade. É preciso dizer que não se trata apenas de peões homens; muitas mulheres participam destas manifestações, montadas a cavalo ou em carroças e caracterizadas com vestimenta apropriada. Juntaram-se a eles outros moradores para ver os animais, enquanto tocava uma fanfarra da cidade de Araçatuba-SP. Logo depois um grupo de moda de viola ocupou o palco organizado na quadra esportiva do Centro de Lazer e tocaram música caipira, em dupla e na viola. Durante a performance serviam o almoço, um típico churrasco. No cardápio havia arroz, farofa, vinagrete, mandioca, carne assada e refrigerante.

Aquela experiência fez ressurgir as imagens da infância, das festas de rodeio. Talvez porque agora minha presença era a de pesquisadora, pois as festas de rodeio existem com

regularidade nas cidades da região. Descobri, conversando com alguns meninos, que os mais novos tinham mais lembranças e afinidades com aquelas ocasiões do que eu com minhas lembranças de infância. Foram os meninos que puxaram o assunto me perguntando se eu havia gostado do desfile das comitivas. Explicaram que eles são chamados a desfilar em várias cidades da região e já foram a Barretos, cidade conhecida no interior de São Paulo por realizar festas de Peão de Boiadeiro, e começaram a contar suas experiências.

Aquelas pessoas estavam integradas naquele lugar, inseridos em uma tradição e por isso fazendo parte e dando continuidade a algo comum, coletivo. Bastou existir um lugar para que várias pessoas, assim como eu, relembassem as tradições de uma vida rural, tradições como a cavalgada, que remetem à prática de tocar a boiada com o berrante. Meus pais ainda se lembram de, na década de 1960 e início de 1970, durante sua infância, verem a passagem da boiada pela estrada Boiadeira, onde atualmente é a Rua Belo Horizonte. Contam que às vezes a boiada estourava, ou seja, se dispersava abruptamente, e quem estivesse na rua precisava correr e se abrigar. Chamava-se estrada Boiadeira, margeando a última quadra da cidade onde fica o cemitério. Em certa época do ano passava a boiada conduzida pelos peões em seus cavalos. Por essas estradas boiadeiras que o comércio de carne circulava pelo país, antes feita do Nordeste para o litoral e depois do Rio Grande do Sul para o restante do país (PRADO Jr, 1997, p. 66). Porém, esta prática marcou muito mais do que a economia de uma determinada época, marcou a cultura da população destes lugares.

A cavalgada é de certa forma uma reminiscência da passagem das comitivas de boiadeiros pela cidade, aliada à base de economia agrária e da vida do homem do campo. O berrante ainda é tocado, outrora servia para reunir o gado e hoje serve para lembrar ou para que se instaure um desafio de quem pode tocá-lo melhor (fig. 10). As músicas tocadas na viola e chamadas de “caipira” cultuam o homem que lidava com a terra e era o “chefe de família”. É comum nas músicas haver uma saudade quase nostálgica dos tempos da vida no campo. Essas músicas, ouvidas nestes encontros, contam a história de pessoas que também tem uma memória da vida no campo, com um imaginário rural, de explicações que não dependem da razão científica, mas da lógica, experiências e repetições dos acontecimentos da natureza.

Na próxima seção falaremos sobre a música caipira, pois durante a pesquisa entendemos que este tipo de manifestação cultural também é um lugar da memória, uma vez que suas letras contam histórias passadas no contexto rural. Sofreu adaptações para o sertanejo atual, mas ainda é uma influência musical que marca as reuniões de família. Mais do

que uma música comercial, ela está profundamente enraizada na cultura do interior e no imaginário popular. Assim, pensaremos a seguir sobre as manifestações populares na cultura do caipira.

### **2.3.1 A música caipira e suas manifestações**

Fenômeno musical, o estilo sertanejo e todas as suas ramificações atualmente conhecidas como sertanejo raiz, sertanejo romântico e sertanejo universitário são divulgadas no Brasil inteiro. Porém, a música sertaneja tem como antecedente a música caipira ou moda de viola. Para Antônio Cândido, pode-se definir o caipira como aquele que após o ciclo bandeirante, no século XVIII, se fixou no interior.

Um lençol de cultura caipira, com variações locais, que abrangia partes das Capitâneas de Minas, Goiás e mesmo Mato Grosso. Cultura ligada a formas de sociabilidade e de subsistência que se apoiavam, por assim dizer, em soluções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos bairros (CÂNDIDO, 1997, p. 79).

Retomando nossas considerações sobre a cultura caipira, o caipira é aquele que se estabeleceu e povoou o interior de São Paulo, parte de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, que na mistura da cultura portuguesa com a cultura indígena fez-se outra cultura, que não era nem a primeira, portuguesa, nem a segunda, indígena. A língua falada era a língua geral, o *nheengatu*. Língua brasileira criada pelos jesuítas no século XVI e falada até o século XVIII quando o Marques de Pombal proibiu o ensino do *nheengatu*. Porém, permaneceu na oralidade parte do dialeto que juntou palavras de origem portuguesa com pronúncia tupi. Por dificuldade de pronunciar os sons de consoantes do português, os índios fizeram adaptações.

De acordo com José de Souza Martins são características do *nheengatu* não pronunciar consoantes dobradas como os dois erres, “rr”, não pronunciar o “r” dos verbos no infinitivo, neste caso “falar” se pronuncia “falá”, e substituir consoantes por vogais, como “colher” se tornar “cuié”, “os olhos” se tornar “o zóio” (MARTINS, 2003). Os paulistas se integraram aos costumes dos indígenas que tinham vida muito simples, sem residência fixa, onde mais colhiam do que cultivavam. E pelo modo próprio do adentramento das bandeiras, o interior paulista era mais um lugar de passagem do que de residência. Este passado do interior paulista está contido em muitos aspectos da sociabilidade dos moradores ainda hoje, principalmente, quando a memória se refere ao passado rural.

Neste contexto, a música caipira tinha como motivo para as composições a vida simples do caipira, a lida com os animais, a culinária rústica, a vida familiar e fortemente marcada pela língua caipira. O ambiente é todo repleto de signos que inserem os moradores no modo de vida caipira. As pessoas podem escolher gostar mais ou menos deste ambiente. Às vezes a vontade dos jovens é sair daqui, sair do interior, sair da cidade pequena, mas dificilmente sairá totalmente. Faz parte de um modo de ser que existe antes do indivíduo e se insere na vida deste, no corpo, na mente, nos gostos.

Durante a pesquisa, por acaso, observei uma situação que coloca em questão a proximidade e a distância dos jovens com a cultura do interior. Não cabe generalizar a partir deste exemplo, mas apenas para pensarmos sobre a forma como as pessoas partilham a cultura onde estão inseridas. Observei em um sábado à noite dois rapazes tocando em uma lanchonete em Barbosa. Começaram tocando moda de viola, depois tocaram um pouco de sertanejo universitário. Fizeram um intervalo e voltaram com a moda de viola. Dois rapazes tocando músicas de Tião Carreiro e Pardinho, um dos representantes mais importantes da música sertaneja de raiz e inventores do pagode, começaram sua carreira em meados da década de 1950. Conversei com os pais de um deles que me contaram que desde os 13 anos o filho se apresentava pelas cidades da região tocando viola e cantando. Perguntei se havia alguém na família que tocava o instrumento e eles disseram que havia um avô que tocava viola. Poderia ter sido o avô que o influenciou a tocar também? A viola não é hoje o instrumento mais popular entre os jovens; dessa forma, provavelmente ela foi inserida naquela família como algo positivo, o que pode ter motivado que um membro da família quisesse tocar o instrumento.

Se hoje o violão e a música sertaneja nas suas várias vertentes dominam o mercado musical, seu parente mais velho, a viola, já ocupou lugar de destaque. De acordo com Garcia (2011), as origens da moda de viola remetem ao ano 711 d. C. quando a cultura europeia foi fortemente influenciada pela cultura moura, com a migração árabe para a Europa (GARCIA, 2011, p. 74). A viola chegou ao Brasil com os portugueses e as “expressões lírico-narrativas” foram utilizadas pelos jesuítas na sua catequese a partir de 1549 (GARCIA, 2011, p. 76). Garcia utiliza o termo caipira não apenas para descrever aquele homem rústico do campo, mas um “processo de *acaipiramento*, ou *acaipiração*” (GARCIA, 2011, p. 25) daqueles que vivem na cidade, mas partilham da cultura caipira.

A música de certa forma fez as histórias do meio rural transcenderem esta área e invadir as cidades. Antes de iniciar a pesquisa, sentia que todas aquelas lembranças de

infância e outras referências ao mundo caipira estavam restritas a alguns momentos. Quando meu tio tocava viola e violão, quando minha mãe cantava Cabocla Tereza, ou quando meu pai começava o domingo assistindo ao programa da Inezita Barroso na TV Cultura. Com a pesquisa percebi que esses não são momentos restritos, mas são o próprio meio. Estava tão imersa nele que poucas vezes o percebia. A viola está por todo o interior do estado e à disposição; ela não foi esquecida, mas foi incorporada em outros estilos musicais.

A cultura e o meio social da cidade foram construídos com a presença do migrante. Neste sentido, o elemento musical pode ser considerado um lugar da memória, mesmo que dissolvido no cotidiano, mesmo que disponível a todo o momento. Pois, a partir da música pode ser criado um lugar para lembrar o passado e para ensinar as futuras gerações. A música está disponível, todos podem acessá-la, mas pode ser reivindicada pelo migrante como uma porta para acessar lugares da memória. No capítulo 4 vamos observar nos relatos que nas festas de família a música caipira, sertaneja, o baião, são ritmos que marcam os encontros.

Neste capítulo buscamos reconstruir um cenário sobre a cidade de Barbosa, o contexto de povoamento da região noroeste do estado de São Paulo e como a migração nordestina se deu nesta região. A cultura caipira é constituinte da vida cultural da cidade e região. Assim, buscamos situar o leitor no contexto em que ocorreu a pesquisa e de onde parte nosso conhecimento prévio para nos inserirmos no campo de pesquisa. E no próximo capítulo há uma discussão teórica a fim de definirmos o que são e como são construídos os lugares da memória entre os migrantes nordestinos.

### 3 Relatos e Lugares

Neste capítulo iremos tratar dos conceitos que orientam a análise dos dados da pesquisa participante com os avós e netos e o problema da migração, geração e comunicação neste grupo. O que iremos tratar aqui partiu das necessidades encontradas ao ir a campo; na medida em que as questões se imbricavam, novas alternativas para analisá-las foram buscadas. Nossa intenção é refletir principalmente sobre o que são lugares da memória e como são construídos.

Na primeira parte do capítulo, *Lugares e espaços*, a migração é pensada em sua fluidez ao mesmo tempo em que delimita um território também introduz o sujeito no espaço, e, ao mesmo tempo em que desloca este sujeito do espaço, modifica-o culturalmente e socialmente, não excluindo conhecimento, mas agregando saberes. Queremos saber como os migrantes se pensam nesta viagem entre o lugar de origem e o lugar de destino. Quais suas lembranças? O que gostariam de reviver? Como fazem para manter o contato com os parentes que ficaram? É nesta seção que iremos pensar como os sujeitos interagem com os lugares e com seus costumes.

Na segunda parte do capítulo, *Lugares da memória*, abordamos a ideia dos lugares como uma construção do migrante para sanar a distância, a saudade, o deslocamento cultural, e a aquisição de novos saberes. Queremos saber como os migrantes podem criar lugares da memória e por que esses lugares seriam importantes em suas vidas. Qual sua intenção em contar suas histórias? Qual o motivo de reunir a família e as gerações? Há uma necessidade de contar suas histórias ou são contadas aleatoriamente? Queremos colocar em discussão o papel da memória nas famílias e os ensinamentos que são transmitidos pelas gerações.

A terceira parte do capítulo, *O narrador: oralidade e escrita*, irá pensar a importância do narrador para a história. Veremos que existem dois tipos de narrador, aquele que se expressa na forma escrita, como as formas épicas, e o narrador na sua essência, a narrativa oral. Ambas estão inseridas em um contexto onde a cultura possui fortes traços orais. Buscaremos saber nesta seção em que medida a cultura escrita está inserida no grupo pesquisado e como a cultura oral pode influenciar nas histórias e fatos narrados.

Na última parte do capítulo, *“O meio é a mensagem”*, utilizamos o termo de McLuhan para pensar na comunicação mediada entre aqueles que migraram e os parentes que ficaram. Queremos conhecer como esses migrantes se comunicavam ou se comunicam com os parentes que ficaram no Nordeste. Esses parentes ou conhecidos são pessoas que não

migraram, mas que de certa forma também viveram a migração. Eles não saíram do lugar de origem, mas tiveram que lidar com a partida e com a espera por informações. Propomos, que a partir dos meios de comunicação, a carta, o telefone é possível pensar este espaço praticado, entre o Nordeste e o Sudeste.

Queremos compreender a migração como um evento na vida das pessoas, portanto na sua característica mais individual, mas também como um processo de transformação cultural. Entendemos transformação cultural como um processo de construção contínuo da cultura. Interessamo-nos por este processo primeiro porque entendê-lo é entender como as pessoas interagem com a cultura. Segundo, porque compreendendo como a migração nordestina para o interior de São Paulo movimenta os valores morais, os costumes, as práticas culturais, também compreendemos um pouco mais sobre a forma como as relações sociais se dão em uma parte do país. Os lugares da memória são importantes porque são onde as pontes entre estes dois lugares, Nordeste e Sudeste, o antes e o depois da migração, são construídas. Passaremos a discorrer sobre o que estamos chamando de Lugares da Memória.

### **3.1 Lugares e espaços**

Migrar é trazer na bagagem objetos, experiências, modos de ser. Como uma viagem, ela só existe por causa de um espaço, um transporte, um deslocamento. Estar em um ônibus, em um carro, na estrada, é o mesmo que não estar em lugar nenhum. Não porque a estrada ou o carro não sejam um lugar. Eles existem. Mas não estamos em um lugar conhecido, estabelecido, fixo. O que era, agora não é mais, e o que será, ainda não chegou. Como falar dessa sensação? Como explicar essa experiência entre o pertencer e o não pertencer? Aquela famosa frase dita quando as pessoas não conseguem explicar uma sensação: “só vivendo o que eu vivi”. A migração é um pouco deste algo próprio da experiência.

Toda vez que se está em um ônibus, carro, avião, indo para algum lugar novo, aquele espaço entre o lugar antigo e o que será seu novo lugar pode se transformar em um lugar de reflexão, um olhar sobre si mesmo. Curiosamente, nestes momentos de viagens ficamos pensando sobre nossa vida, em nossas melhores lembranças e nos sentimos vivos. Vivos por ter consciência de que vivemos. E muitas vezes o novo lugar aparece como uma utopia, um lugar onde fazemos planos de uma vida nova, de mudar hábitos, de conquistar coisas, de realizar planos. Por mais difíceis que sejam as circunstâncias, uma mudança nos faz repensar nosso plano de vida.

Neste capítulo vamos refletir sobre a migração, o ato de viajar e a vida no novo lugar através de alguns conceitos que são utilizados para que possamos compreender este deslocamento no espaço-tempo e as transformações culturais que daí decorrem. Começaremos essa reflexão com as heterotopias de Foucault (1997). De acordo com Foucault, heterotopias são lugares heterogêneos que permitem uma reflexão sobre si mesmo. Ele cita como exemplo um espelho. Quando nos olhamos no espelho podemos nos ver onde não estamos, na imagem refletida no espelho, e pensar aqui, onde se está realmente. Como nossa imagem no espelho, as heterotopias são lugares que conectam as utopias, que são lugares não reais e lugares reais.

As heterotopias têm como característica compreender dois opostos. De um lado ela tem a função de criar um espaço de ilusão que mostre como o espaço real também é ilusório por causa da fragmentação da vida humana. De outro lado, cria outro lugar tão real como qualquer outro lugar real, incompleto e confuso. Este lugar real, onde as pessoas estão se pensando é, segundo Foucault, um lugar de compensação. A viagem é uma heterotopia porque une um lugar real a uma utopia. Mas também são heterotopias os lugares criados pelos migrantes, depois de fixados no lugar de destino, para lembrar sua vida passada. O lugar que o migrante cria depois de estabelecido é um lugar de compensação, na falta de poder voltar ao lugar de origem e ao passado é criado um lugar para que ele possa (tentar) reviver o que passou.

Em que momentos estes lugares de compensação podem acontecer? Os entrevistados relataram que geralmente a família ou parte dela se juntava ao final da tarde para conversar e era o momento em que os mais velhos contavam suas histórias. Também relataram sobre os encontros no fim de semana ou em festas em que a família se reunia. Estes encontros põem em contato duas realidades, uma utópica, um lugar que só pode ser visitado na memória, pois mesmo que volte ao lugar de origem, ao Nordeste, este não será mais o mesmo; como na metáfora de Heráclito, o homem não se banha duas vezes no mesmo rio, pois nem o rio nem ele são os mesmos. E a outra real, o lugar que a pessoa vivencia todos os dias: a cama, o quarto, a casa, a cidade, em que se levanta, trabalha e no final do dia volta para dormir. É quando as histórias de lá são contadas aqui.

Já para Michel de Certeau, o lugar “implica uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 2012, p. 184). O lugar pode ser encontrado porque ele está fixo e para se chegar até ele se faz necessário uma descrição, orientação ou explicação sobre o lugar. Vários lugares são encontrados todos os dias; lugares em que vamos, sejam nossos ou de outros. Lugares

como a casa, nossa ou do vizinho, o dentista da família, o supermercado, o hospital. Eles estão fixos, pois mesmo que mudem de endereço continuarão a ser o supermercado, o hospital, etc.

Um parque, um jardim, uma festa, a rua são lugares ou espaços? São lugares por onde as pessoas passam ou que se formam para uma determinada ocasião e depois se desfazem. Ou seja, lugares não fixos, ou lugares onde as pessoas, o público, não é fixo. Certeau analisa estes “espaços” como um lugar, porém ele só existe quando praticado, ou seja, ele não está parado. Os espaços são criados na medida em que as pessoas o fazem. Uma festa, por exemplo, é um lugar onde muitas coisas acontecem, pessoas se reencontram ou conhecem novas pessoas, mas quando a festa acaba aquele lugar deixa de existir, porque ele não está fixo, ele existe no movimento entre o se fazer e o desfazer.

O migrante nordestino é este sujeito que tem sua vivência entre o que aprendeu no lugar de nascimento e o que aprendeu com a experiência da migração. José de Souza Martins utiliza o termo de sujeitos híbridos quando se refere às pessoas que migraram da cidade para áreas rurais ou o contrário (MARTINS, 2011, p. 180). Ele está pensando nas suas experiências de família, e percebe que algumas pessoas, senão todas, nunca deixarão de ser o que aprenderam na infância, no lugar de origem. Pois a infância e o lugar em que ela aconteceu estão ligados e constroem uma forma de pensar o mundo e manter suas relações pessoais por toda a vida.

Partiremos da noção da existência de dois lugares estabelecidos, o lugar de origem, “lá no Norte” como muitos dizem, e o lugar de destino, “aqui”, aonde chegaram. Porém como dissemos no capítulo 1, iremos considerar “cultura nordestina” e “cultura do interior paulista” em suas generalizações, como um conjunto de elementos que explicam a prática difundida em um lugar. Essas categorias são importantes para demarcarmos os dois modos de vida: o lugar de origem e o lugar de destino.

“Nascer é nascer num lugar, ser designado à residência. Nesse sentido, o lugar de nascimento é constitutivo da identidade individual (...)” (AUGÉ, 2012, p. 52). A infância é definidora da identidade e o lugar de nascimento é importante como referência de identidade. O sujeito que não migrou também irá se referir ao tempo da infância que é um tempo passado e, por ser passado, também é outro lugar. Mas um lugar que mantém certa continuidade, ou seja, onde não houve uma cisão, a separação de abandonar um território e se inserir em outro. Entendemos esta cisão como a concebe Stuart Hall com seu conceito de diáspora.

O conceito mais amplo de diáspora, como proposto por Hall (2003), é utilizado para pensar a dispersão com povos que não possuem uma fronteira bem marcada entre o de dentro

e o de fora, partindo do princípio de que os povos não são homogêneos. No caso dos migrantes nordestinos, mesmo com dificuldades financeiras e de deslocamento com meios de transportes demorados, em certas circunstâncias era possível retornar à terra natal. Talvez não com o intuito de se estabelecer novamente, mas para visitar, buscar parentes, lembrar, possuir a sensação de retorno a casa. Ou seja, não havia uma proibição política de retorno como frequentemente na diáspora judaica, por exemplo. Para Hall (2003) a diáspora caribenha, assim como outras diásporas onde não uma diferença binária, deve ser considerado a pluralidade de origens e destinos, assim como a cultura que se forma a partir deste contato cultural diferenciado.

É comum considerarmos nordestino aquele que migrou de estados do Nordeste; logo, relacionamos a pessoa com o seu território. Como já dissemos, o que entendemos como Nordeste é uma construção histórica composta de vários elementos que permeiam o imaginário dos seus conterrâneos e não conterrâneos de forma a perpetuar uma ideia sobre a gente nordestina. É a partir do território que relacionamos os elementos dessa cultura nordestina quando nos referimos às pessoas que moraram neste lugar. Nos parágrafos que se seguem iremos pensar qual a importância do território na construção da identidade nacional e da identidade nordestino.

Estes lugares são a priori territórios como estamos tratando aqui. Quem migrou saiu de um lugar para morar em outro. Estes lugares são formados com modos de ser e viver, ou seja, uma cultura própria que é criada por todo tipo de especificidade que podemos imaginar: o tipo de colonização, revoltas e conflitos, organização política, a subjetividade das pessoas que ali residem, etc., dando origem a formas de manifestação artística, econômica, social. Mudar de território implica transitar entre estes modos de ser e viver. Ou seja, implica se adaptar, aprender, compreender novos costumes. De acordo com Renato Ortiz em *Cultura brasileira e identidade nacional* (1998), a identidade nacional começou a ser delineada durante o romantismo com a preocupação de identificar o elemento nacional. Essa ideia de identidade nacional foi influenciada pela teoria evolucionista, e buscava formas de alcançar o ideal do homem civilizado, europeu. De acordo com Ortiz, autores brasileiros como Silvio Romero, Euclides da Cunha e Nina Rodrigues, influenciados pelo evolucionismo de Spencer e o positivismo de Comte, formularam explicações para o “atraso” brasileiro comparado aos países civilizados.

De acordo com Ortiz (1998), estes autores a nacionalidade brasileira começa a ser explicada através de uma descrição do nordeste: o ser nordestino, o sertanejo, a fome, a seca,

o messianismo. Ainda de acordo com o autor, em *Os Sertões* de Euclides da Cunha, por exemplo, há uma descrição do clima, relevo, território, numa explicação de como o meio molda esse sertanejo, como sua vida está marcada pelo meio em que vive, muitas vezes mostrando as impossibilidades de mudança social naquele contexto. “O nordestino só é forte na medida em que se insere num meio inóspito ao florescimento da civilização europeia” (ORTIZ, 1998, p. 18). Produzindo assim uma visão pessimista do Brasil em comparação à Europa e do Nordeste em comparação ao Sudeste. De acordo com Ortiz, é com Gilberto Freyre que os mesmo elementos, clima e raça, são transformados em características positivas, traduzindo definitivamente a característica da mestiçagem como ideologia nacional, pois permitia que todos pudessem se ver contidos na mestiçagem. Essa identidade nacional só produz resultados se olhada pelo viés da homogeneidade, pois se olhada pelas diferenças o elemento que identifica a todos se dilui nas particularidades.

Poderíamos então questionar a ideia de privilegiar uma cultura em detrimento de outra: a identidade nacional em detrimento de uma identidade “arcaica” associada à cultura nordestina. Nestes termos, essa visão negativa produzida para o Nordeste, entre o final do século XIX e início do XX, estaria, de acordo com o pensamento de Benjamin em *Teses sobre a história*, sendo destruída, ela própria, para das suas ruínas surgir a construção de uma identidade “melhor”, civilizada. “E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é tão pouco, o processo de transmissão da cultura” (BENJAMIN, 1994, p. 225). Ou seja, a visão positiva do Sudeste se deu pela destruição do que representava o Nordeste. Olhadas de cima para baixo, pelo grande movimento da história, este processo migratório se assemelharia ao processo de destruição de um passado, que assim deve ser negado, e a valorização da civilização.

Porém o que observamos nesta pesquisa que investiga a migração de dentro para fora, é que no meio de histórias de sofrimento existem histórias de superação, de pessoas conscientes do processo histórico ou não, mas que foram a mola propulsora desta nova sociedade. Foram eles, os migrantes, que empregaram seus esforços aqui, no lugar de destino para construir algo novo. Os migrantes relataram o desejo de melhorar de vida, assim como disseram que migraram “porque estava todo mundo vindo”. Podemos questionar se os migrantes estavam conscientes de que estariam ajudando a construir o ideal de civilização. Para Benjamin (1994) esta é a principal ruína da classe operária, acreditar que estavam caminhando com o progresso técnico. Mas durante as visitas aos migrantes, mencionavam que a vida no passado era mais difícil e agora é mais fácil. Neste sentido, lembrar o passado

não significa negar o presente. Os migrantes são conscientes de que hoje seus filhos, por exemplo, têm uma vida melhor do que eles tiveram, mas também têm consciência de que o conforto deles dependeu do seu trabalho. Pensar a questão da identidade nordestina é importante não no objetivo de defini-la de modo rígido, mas porque faz parte de um debate nas Ciências Sociais que questionam uma identidade única, pronta. De acordo com Hall (2003), a identidade nacional tem sido questionada pelas ciências sociais como uma crítica na crença da centralidade do sujeito moderno. Se no período colonial as pessoas se deslocavam dos grandes centros para as periferias, ou seja, da Europa para as colônias, no último século tem se intensificado a migração da periferia para os grandes centros, das antigas colônias para a Europa. Para o autor, neste processo as identidades nacionais têm sido questionadas e as identidades regionais reforçadas.

Ainda segundo Hall, esta mistura de sujeitos que não são puros e que estão migrando não apenas em suas regiões de origem, mas indo para o centro, está transformando identidades, tornando-as menos fixas ou criando outras identidades, mas sem serem assimiladas ou unificadas. Há uma pluralidade de identidades se relacionando entre si. Em lugares onde as identidades não são fortes os sujeitos conseguem transitar melhor pelas suas várias identidades dependendo do grupo onde estão, o que aumenta a tolerância pelas diferenças e reduz conflitos desta ordem, como parece ter sido o caso do interior paulista. Como vamos observar nos próximos capítulos, os migrantes tiveram sua identidade questionada quando chegaram ao lugar de destino. Porém, os conflitos de identidade aconteceram durante os primeiros anos da migração. Atualmente, como observamos na pesquisa, no interior do estado o termo nordestino não soa aos migrantes da década de 1960 como pejorativo. Na medida em que os migrantes da década de 1960 se estabeleceram, o termo nordestino atualmente é empregado aos migrantes da última década, de 2000, que migraram de estados do Nordeste principalmente para trabalhar no corte de cana-de-açúcar no interior de São Paulo<sup>8</sup>.

Durante a pesquisa observamos que em vários momentos as crianças não identificam seus avós como nordestinos. Primeiro pensamos que esta não identificação estava relacionada

---

<sup>8</sup> Há muitas pesquisas sobre a migração nordestina para o corte de cana-de-açúcar que se estende da década de 1980, principalmente nas regiões de Ribeirão Preto e Franca, e nas décadas posteriores se encaminha em direção ao oeste paulista. Sobre esta migração pode-se consultar os trabalhos de Maria Ap. de Moraes Silva. Ver: SILVA, Maria Ap. de Moraes. Morte e acidentes nas profundezas do “mar de cana” e dos laranjais paulistas. In: *InterfaceEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*. Vol. 3, nº. 2, artigo 1, abr/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.sp.senac.br/index.php/ITF/article/viewFile/112/129>>. Acesso em: 04 jan. 2014.

com uma falta de convívio familiar e por isso as crianças não sabiam da história dos avós. Mas percebemos que a definição de nordestino estava neste entremear entre o pertencer e o não pertencer a um território. Para os netos que tem avós morando em estados do Nordeste, é visível que o avô é nordestino – e nestes casos as crianças também são migrantes. Para as crianças que conheceram seus avós no estado de São Paulo, em um primeiro momento elas não definem seus avós como nordestinos. Apenas quando perguntamos onde os avós nasceram alguns respondem que vieram de estados do Nordeste e outros precisaram perguntar aos familiares. O que se observa é que o conflito identitário foi deslocado para os migrantes recentes.

Acompanhando a dinâmica econômica do estado de São Paulo, a cidade de Barbosa tem recebido migrantes nordestinos desde a década de 2000. Estes sujeitos são vistos como migrantes nordestinos e na maioria das vezes identificados apenas como “baianos”, mesmo quando oriundos de outros estados do Nordeste. Isso acontece porque tanto na migração da década de 1960 quanto no começo desta migração sazonal para o corte de cana de açúcar, houve uma maioria de migrantes baianos. Quando é preciso se referir aos nordestinos que chegaram se diz genericamente “os baianos”. Esta distinção não é tão marcada pelos migrantes estabelecidos com os recém-chegados. Pois os avós, os migrantes estabelecidos, são sujeitos híbridos, eles são sujeitos migrantes. Porém, entre os migrantes recentes e os netos dos migrantes da cidade há uma diferença de identidade bem marcada. Ou seja, há sempre um momento de conflito ou tensão no contato entre população local e migrante. Esta reflexão sobre identidade é necessária tanto para pensarmos a relação entre avós e netos que será discutida nos capítulos 3 e 4, quanto para pensarmos a migração e as histórias de família como um elo entre os lugares de origem e destino e não para aumentar as distâncias.

Até agora vimos que são várias as questões que se colocam para pensarmos como esse sujeito existe na migração. Podemos pensar a migração, como dissemos, neste deslocamento que é a viagem, portanto, é um percurso que cada sujeito faz de uma forma específica. Também é pensar em dois lugares: o lugar ao qual pertencia e o lugar ao qual irá pertencer. Lugares que podem ser reforçados por identidades fortes, mas não homogêneas. E há outro lugar, que o migrante cria para se pensar nesta condição de sujeito híbrido, fundido pela experiência de conhecer dois lugares. A seguir passaremos à discussão sobre as formas de lembrar o passado e delimitar o que entendemos como lugares da memória.

### 3.2 Lugares da memória

Nesta seção vamos retomar a discussão sobre os lugares, mas agora sobre os lugares criados dentro da família, nos quais as gerações se encontram e compartilham suas vivências. Buscaremos compreender como são os lugares da memória em que a relação entre avós e netos acontecem através do compartilhamento de experiências. Parte das reflexões a seguir inclui a pesquisa desenvolvida, mas elas também estão mergulhadas em minha experiência como neta de migrantes nordestinos que por várias vezes vivi momentos de encontro familiar em que as histórias eram contadas. São as lembranças que guardamos na mente que continuarão a contar a história da família para as futuras gerações.

Os lugares da memória são criados pelos avós para lembrar sua história de vida. Essas histórias são marcadas pela experiência da migração e, desta forma, as memórias da migração são constitutivas da própria história de vida deste grupo. Mas não é uma memória isenta. Ela é intencional e tem como objetivo ensinar à geração futura uma conduta de vida baseada nas experiências passadas. Neste grupo migrante pesquisado, os lugares da memória surgem a partir de eventos ou objetos a que chamamos de portas. Os lugares da memória são como uma sala de memórias aberta a partir de portas. Essas portas podem ser fotografias, retratos de parede, a música, as festas ou os encontros de família e narrativas de sofrimento. Nestes lugares da memória são ensinadas histórias, normas morais, costumes. Passaremos a entender o que são estes lugares.

Talvez fosse importante começar explicando por que alguém que migrou gostaria de relembrar seu passado. De maneira geral, poderíamos concordar que todos, à medida que o tempo passa, começam a relembrar os anos vividos. Quando se é criança as lembranças mais remotas ainda estão cercadas do presente. Mas com o tempo passa-se a pensar como alguém que viveu no passado. Na maioria das vezes, quando a família se reúne ou quando alguém vem nos visitar, as conversas não começam pelo passado. Nas minhas experiências de encontros familiares, percebi que quando alguém vem em minha casa é para falar de algo recente. Quando algo acontecia meus pais diziam “fulano vai vir aqui para contar”. Passavam-se uns dois dias e alguém vinha para comentar. Havia algo nas conversas das mulheres que visitavam minha mãe, da família ou conhecidas, que por muito tempo me fazia sentir confortável. Geralmente chegavam à tarde, logo após o almoço, quando meu pai tinha voltado para o trabalho, minha irmã estava na escola, eu lavava a louça e minha mãe ia para sua máquina de costura. Então elas chamavam, entravam e conversavam durante várias horas, até

o café da tarde, lá pelas quatro horas. Eu ficava ali, às vezes assistindo à televisão, às vezes brincando por perto ou mesmo sentada ouvindo. As histórias começavam por acontecimentos recentes e logo, como diz minha mãe, ia-se “desenterrando defuntos”. Os julgamentos sobre os acontecimentos eram imprescindíveis, sempre em uma comparação moral: “em nossa época, lembra? Não era assim”. O indivíduo está sempre imerso na realidade de sua época.

A história passada dos membros da família sempre vem à tona, pois se trata da experiência de cada um. Estas experiências se dão em diferentes momentos. Por exemplo, em festas de família os fatos sórdidos, os fatos moralmente reprimidos nunca vinham à tona, porque se viessem o conflito estaria estabelecido e logo se tentaria abafar. Não porque estivessem ocultando os desvios, como geralmente se diz “colocar panos quentes”, e sim porque se a discussão continuasse a ruptura poderia acontecer cindindo as relações de toda a família. Mas em ambientes mais restritos, esses assuntos podiam ser comentados, “isso fica apenas entre nós, mas aconteceu isso, isso e isso”. E neste “apenas entre nós” todos ficavam sabendo dos fatos, mas cada um por um viés. Isso não era um problema, pois as visões não seriam confrontadas todas de uma vez. E por isso as visitas eram tão importantes, pois o conflito era resolvido aos poucos em um trabalho que todos os membros da família se empenham, de convencer ou entender um a um sobre a sua opinião.

Essas histórias são aumentadas, recriadas, recontadas sempre que algum evento familiar acontece. Quando novos membros surgem na família com nascimentos, casamentos, ou quando estes membros estão ausentes como em viagens, mudanças, separações e mortes, ou seja, sempre que a trama familiar se modifica, as histórias sobre as experiências são modificadas. Às vezes a intimidade entre os membros da família pode modificar a forma de contar um acontecimento passado. Principalmente no casamento, quando se agrega à família um membro de outra, as histórias são transmitidas conforme a intencionalidade e a impressão que se deseja transmitir ao novo membro. A pessoa agregada não vivenciou nenhum acontecimento importante com a família, o que ela saberá é o que será transmitido até que ela se torne parte das histórias também. Cada um conta a experiência que teve ou que ouviu muito próximo a ele. Depois desse nível, as histórias são contadas como “alguém disse para ela, que contou que aconteceu isso com alguém que meu avô conhecia”. A história perde o contexto, mas passa a operar como uma experiência de vida. Continua a ser experiência, mas distante. Existe sem a comprovação, mas ganha legitimidade por quem a contou e pela forma como contou.

Utilizei a minha experiência nos encontros de família, pois é o grupo onde mais estou inserida e, como minha família é migrante e vive no mesmo contexto onde o grupo estudado vive, provavelmente estas análises não estejam em desacordo com a experiência de outros migrantes. Mesmo assim, poderemos observar nos capítulos 3 e 4 que os entrevistados também relatam a diferença entre as conversas nas festas de família e as conversas mais restritas ou cotidianas.

As experiências são o núcleo da memória coletiva, segundo Halbwachs (1990). Elas podem ser contadas em diversos momentos. Conforme mencionado, a pesquisa tem como objetivo saber como as experiências dos migrantes são contadas em sua família, e em que lugares são contadas essas histórias. Chamamos de lugares da memória os lugares em que as experiências da migração são socializadas, contudo é necessário esclarecer que o conceito de lugares de memória foi formulado pelo historiador francês Pierre Nora, onde analisa as transformações nas tendências da historiografia na sociedade francesa. Para ele os lugares da memória estão condensados em monumentos e documentos, em grande medida por ajuda dos historiadores. O que significa que na sociedade contemporânea o conceito de memória foi apropriado pelos historiadores. Para Pierre Nora, os lugares da memória só existem porque a memória não existe mais como “memória verdadeira”. “A necessidade de memória é uma necessidade da história” (NORA, 1993, p. 14).

Os lugares de memória fazem parte de uma necessidade de congelar a memória, e assim salvá-la do esquecimento. A necessidade de arquivar a memória predispõe de mecanismos para arquivá-la. São eles o arquivo, o registro, o papel, materiais que dependem da escrita e é pela escrita que eles sobrevivem. “Na mistura, é a memória que dita e a história que escreve” (NORA, 1993, p. 24). A escrita é o lugar por excelência do que deve ser guardado para não ser esquecido. Não usaremos o conceito de lugares da memória como propõe Nora, pois percebemos estes lugares da memória como vivos, ativos dentro do grupo. A memória nesta pesquisa não precisa ser congelada como uma evidência do passado, mas ela existe como forma de ensinamento. A memória coletiva, social, está presente nos grupos enquanto alguém que vivenciou o momento estiver transmitindo sua experiência. Este contato acontece, principalmente, no diálogo entre gerações.

Halbwachs (1990) é importante nesta pesquisa, principalmente pela noção de socialização da memória. O autor fala sobre a dimensão da socialização da memória entre as gerações e o grupo familiar. De acordo com ele, a experiência para adultos e crianças tem significado diferente, pois o que é importante para um adulto não é importante para uma

criança. As histórias que os pais e avós contam apenas começam a ter significado para a criança quando ela começa a se interessar pelo que é exterior, pelo que não faz parte de seu cotidiano, mas do cotidiano de outros. Porém, a vida dos adultos e das crianças não está separada por uma barreira intransponível, pois os adultos buscam inserir as crianças na vida adulta e as crianças se tornam cada vez mais sensíveis aos acontecimentos exteriores. Quando os pais, ou outra pessoa adulta, se relacionam com uma criança em uma conversa, por exemplo, com objetivo de que ambos compreendam o assunto tratado, muitas vezes o adulto modifica a voz ou fala simplificando o assunto como se falasse com alguém de outro dialeto. A partir do momento que a criança começa a agregar o conhecimento da linguagem adulta e do contexto em que vivem, os adultos passam a cobrar desta criança uma postura menos infantil. É assim que descobrimos que não podemos fazer as mesmas coisas sempre do mesmo modo. Halbwachs vê essa compreensão do mundo dos adultos pelas crianças como algo que acontece sempre por uma propensão humana a se interessar pelas questões exteriores, pois são questões que estão presentes no interior de todas as pessoas, e por isso não são estranhas à vida pessoal (HALBWACHS, 1990).

Nesta pesquisa queremos compreender como a socialização da memória acontece e se esta memória é entendida como importante para o grupo de migrantes pesquisado. Assim, os lugares da memória são lugares onde a socialização da memória acontece. Por definição são lugares coletivos, reúnem gerações diferentes de uma mesma família, transmitem costumes de uma geração a outra, e neste caso, surgem como necessidade do grupo migrante em lembrar sua própria vida, seja no lugar de origem, durante a viagem para São Paulo, ou seus primeiros anos no lugar de destino. Tem uma motivação cultural de lembrar costumes que os faz lembrar quem são, mas também têm como objetivo ensinar às futuras gerações formas de ser e agir aceitas na comunidade.

É nisso que consiste nossa pesquisa. Identificar se a memória da migração nordestina existe no grupo pesquisado, como memória viva, ou guardada em parte deste grupo. Não se trata de reforçar uma identidade nordestina, como já dissemos, mas também não se trata de negá-la. Queremos entender se a convivência de grupos culturais pode se manter na passagem das gerações, se há tolerância ou intolerância, quais memórias sobressaem, qual é a forma de recepção das memórias e costumes pelos netos.

É difícil determinar em que momentos as histórias de família são contadas, pois isso depende de uma lógica interna da família. No entanto, compreendemos que existem lugares onde a família se reúne e as experiências são contadas. Estes momentos podem ser a

expressão da vontade dos mais velhos, até porque em nossa sociedade não está na criança a responsabilidade por organizar eventos. A criança participa e interage com os instrumentos disponíveis a ela. É neste momento que ela aprende os costumes da família mesmo em famílias onde não há o costume de contar as histórias de família, estes lugares são lugares de memória por conter as formas de manifestar a cultura como alimentação, música, valores morais. Estudaremos as narrativas, mas também o máximo de informação que estes lugares de memória compreendem sobre trocas culturais e aprendizado nas histórias de família.

Se compararmos à diáspora judaica, os lugares da memória na migração nordestina são mais fluidos, pois não acontecem de maneira sistemática. De acordo com Krausz, judeus como o escritor Appelfeld buscam recompor seus costumes fazendo um esforço anti-histórico de vasculhar o passado e a memória para sentir mais uma vez o que tinha vivido no lugar de origem. Appelfeld escreve sobre o mundo germânico de sua infância após ter migrado para Israel devido ao movimento sionista. Eram judeus assimilados que foram retirados da Alemanha pelo movimento sionista e a ameaça nazista e levados para Israel. Recompor é a forma como o sujeito da diáspora refaz um cenário que foi destruído, “e esta reconstrução se dá por meio de um paciente colecionismo, que reúne memórias esparsas e encontros esporádicos...” (KRAUSZ, 2011, p. 129). Estes judeus tentavam recompor sua vida passada na Europa se negando a partilhar do ideal do “judeu novo”. Todo este contexto buscava impor uma identidade aos judeus retornados, de voltar a ser judeus como se eles ainda fossem aqueles judeus da diáspora passada, que foram obrigados a sair de sua terra prometida. Acontece que estes judeus já estavam assimilados e passaram muito tempo tentando se diferenciar dos que haviam sido perseguidos pelo nazismo.

Para a migração nordestina não há uma proibição política em ser nordestino e os vestígios do passado não foram totalmente apagados e, por isso, estão disponíveis com mais facilidade no cotidiano do que no caso dos judeus. Com o tempo este ser baiano, piauiense, paraibano, pernambucano, cearense, perdeu o peso de distingui-los entre os habitantes da cidade. Estes adjetivos ficaram em muitos apelidos, como Mané cearense, Mané Bahia, José Pernambuco, mas foram incorporados na linguagem cotidiana. Por isso, estes lugares de recomposição não demarcam uma identidade, mas uma prática. Os lugares da memória para o migrante nordestino não é reivindicar uma identidade, mas um passado. Como o passado foi modificado pela migração, os migrantes buscam lembrar e reviver costumes do passado em uma tentativa de não negarem a si próprios ou se privarem de ser quem realmente são. Esses

lugares da memória existem para que se possa ser o que se é, mesmo que seja numa reconstrução de fragmentos de memórias, de rituais, de objetos.

Vimos que os lugares da memória, nesta pesquisa, são ambientes propícios à reunião de pessoas e que permitem que se construam elos entre a memória de pessoas que viveram a migração e pessoas que irão incorporar essa memória como parte de sua história. Lugares em que a história da migração, as trajetórias, as justificativas, os ensinamentos, os costumes possam ser transmitidos dentro de um grupo social que compartilha algo em comum. É o lugar onde estes migrantes procuram reconstruir seus costumes por meio de festas, alimentação, música e fotografias penduradas nas paredes fazendo companhia às fotos mais recente dos netos, a mala antiga guardada. Enfim, tudo que transmite informações sobre quem são essas pessoas.

### **3.3 O narrador: oralidade e escrita**

Nesta seção vamos buscar formas de compreender como o migrante se constitui em narrador de sua história. Vamos colocar em debate a influência da oralidade e da escrita no grupo pesquisado. Partimos do pressuposto de que os lugares da memória são construídos para socializar memórias. Essas memórias são narráveis e queremos entender qual é a função da narrativa, como ela se constrói, qual é seu espaço na sociedade.

A memória é a lembrança de algo passado, de uma experiência de vida ou do conhecimento da experiência de alguém. A lembrança surge conforme o lugar em que o sujeito está inserido. Cabe ao sujeito tomar a decisão de expor sua memória ou escondê-la. Quais lembranças nós queremos apagar, esquecer, não lembrar? Provavelmente as mais traumáticas e as mais recentes. Mesmo quando uma lembrança é muito traumática, como a morte de um familiar, um acidente, uma humilhação pública, com o passar do tempo ela tende a interferir menos em nossa vida ou a ganhar um lugar simbólico e por isso pode vir a ser contada. Um relato se transforma, isto é, ganha forma, no momento que é contado.

“Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço” (CERTEAU, 2012, p. 183). A migração é duplamente uma viagem, pois é a prática do espaço no território e a prática do espaço no relato. E se todo relato é uma viagem, o relato de uma viagem é uma nova viagem. Neste sentido as imagens do passado continuam as mesmas, mas conforme a história é recontada outras justificativas e sequências de fatos são desenhadas. E não há uma forma de contar específica ou um único tema para ser relatado. Pode ser o próprio sujeito

contando sobre sua experiência como migrante, ou pode contar a história de outra pessoa e se identificar ou não com ela, e pode ainda falar de sua própria história criando para ela um outro personagem, ou seja, narrando em terceira pessoa. Pode ser sobre as experiências que teve no lugar de origem, na viagem, ou onde se estabeleceu. Podem ser histórias que são transmitidas e contadas através de gerações.

O migrante nordestino é o sujeito que possui em sua vivência esta complexidade de culturas o que torna difícil delinear na prática onde começa uma e onde termina a outra. Na verdade não há nenhum fim, mas dois começos; a prática incorpora uma cultura e não o contrário, encerra-a. Neste sentido ele também interfere e recria sua própria cultura de origem no lugar em que foi inserido, recriando mutuamente o lugar que ficou e o lugar em que está a partir dos relatos e da prática, do saber-fazer aprendido. Na definição de Certeau sobre o relato: “o relato não se cansa de colocar fronteiras. Multiplica-as, mas em termos de interações entre personagens” (CERTEAU, 2012, p. 194). Assim também a fronteira entre Nordeste e Sudeste se transforma através da comunicação e da ação do migrante. Para Certeau, essas fronteiras não são divisores, não se trata de separação, mas de articulação entre os lugares. Contar uma história, mesmo que seja a sua, não é um fato comum, banal, corriqueiro, principalmente, porque terá que invocar um passado. Falar sobre o passado que se viveu é algo interessante, pois não é o passado que outros te contaram, mas o que você vivenciou, e nisso pressupõe uma autoridade, um poder. Quais fatores podem fazer com que esses senhores e senhoras, que deixaram suas casas há 50 anos para ir a outro estado, outras cidades e reconstruíram suas vidas, contem ou não histórias sobre seu passado? Para José de Souza Martins, “Contar histórias para os netos era um ato de amor porque era, sobretudo, um legado, a outorga de uma missão, a de não esquecer para não se perder” (MARTINS, 2011, p. 443).

Contar uma história denota certa autoridade. Pressupõe-se que quando alguém conta algo sempre faz isso a alguém e, portanto, existe um interlocutor. Essas duas pessoas, ou mais, podem estar no mesmo lugar, uma de frente para a outra e não será necessário nenhum meio intercambiando a fala e a escuta, ou podem estar afastadas fisicamente, mas conectadas pelo fio do telefone, ou pela internet. Em qualquer uma dessas formas sua relação está marcada pela fluidez do momento e do som. É sobre esta fluidez que o estudo de Walter Ong, em *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra* (1998) reflete.

Sem a escrita, as palavras em si não possuem uma presença visual, mesmo que os objetos que elas representam sejam visuais. Elas são sons. Poder-se-ia “evocá-las” – “reevocá-las”. Porém não estão em lugar algum onde

poderiam ser “procuradas”. Não têm sede, nem rastro (uma metáfora visual, que mostra a subordinação à escrita), nem mesmo uma trajetória. São ocorrências, eventos (ONG, 1998, p. 42).

Mesmo que as palavras sejam fluidas elas são um evento. O fato de não serem registradas conferem uma importância muito grande ao que foi dito. É comum escutar pessoas mais velhas dizendo: “não volto minha palavra”. Já escutei várias vezes pessoas dizendo que não confiam naquelas que mudam de opinião. Não faz muito tempo que ouvi minha mãe falando ao telefone com minha tia sobre sua aposentadoria e se lembrou de uma história com meu avô, sogro da minha mãe que expõe de forma clara a citação de Ong. Segunda ela, quando meu avô completou tempo de contribuição para se aposentar descobriu que nunca tinha sido registrado de fato, o seu patrão assinava a carteira, mas não recolhia contribuição. Tentaram explicar que ele poderia entrar com um processo para tentar se aposentar. Meu avô não aceitou, disse que o patrão “comeria o dinheiro no caminho dos infernos!”. O mais interessante foi o que minha mãe disse depois à minha tia: que ele não aceitava e não entendia o que era um processo jurídico e o tempo que levaria até receber alguma indenização ou a própria aposentadoria. A palavra dele era um “documento”, se ele falasse não tinha nada que o fazia voltar atrás e considerava que as pessoas fossem agir assim com ele. Nas entrevistas também observamos essa valorização no evento da fala. Veremos no capítulo 3 o relato da filha de um migrante dizendo que o pai nunca se interessou em voltar à casa de um irmão. Quando migrou e foi a sua casa para saber se podia morar com o irmão, este teria dito que não poderia morar com ele porque ainda era um moleque. Por essa fala, por ter sido chamado de moleque e ser rejeitado pelo irmão, ele nunca voltou à casa deste senão por motivo de doença, muitos anos após o ocorrido.

De acordo com Ong (1998), a forma de pensar é diferente em sociedades onde há resquícios da oralidade e da sociedade onde há a escrita, pois na oralidade não há representação de signos visuais, mesmo que o objeto possa ser visualizado. Uma pessoa de cultura oral pode imaginar um cachorro quando alguém pronuncia esta palavra, mas não poderá imaginá-la escrita “cachorro”. A palavra existe no momento em que é pronunciada, e por não ter “lastro” é preciso ser memorizada, por isso um evento, um acontecimento. Quando a palavra é escrita o sujeito pode ir consultá-la, ou seja, ir a algum lugar ver a palavra.

Para Ong, a oralidade está marcada pelo evento e tem um limite por não ter registro mesmo que a memória consiga guardar grande quantidade de informações utilizando vários recursos, entre eles o de agregar significados usando adjetivos. Por exemplo, quando se diz:

Alexandre, o “grande”, usa-se o adjetivo como um recurso mnemônico que facilita a associação dos fatos e o recordar das narrativas. Por outro lado, a escrita potencializa a capacidade humana de comunicação, pois libera a mente humana para outras reflexões uma vez que o que precisa ser guardado e reproduzido pode ser inscrito (ONG, 1998). A escrita é uma tecnologização da palavra por poder ser registrada libera o indivíduo da necessidade de memorizar certos acontecimentos. Para Ong, a escrita pode ter destruído uma memória, pois populações minimamente letradas jamais voltarão a ter a oralidade primária (ONG, 1998). Porém, a escrita pode resgatar a memória, inclusive a memória da cultura escrita e estudá-la, ou seja, reconstruir e compreender o processo da consciência humana como algo positivo.

Em sociedades que possuem fortes resquícios orais tem sua escrita muito próxima da linguagem oral. Historicamente no Nordeste a literatura de cordel, mantém nos textos escritos certa semelhança com a oralidade já bastante sofisticada. Galvão (2002) observou em sua pesquisa com pessoas que conviveram densamente com o cordel, seja por saber ler ou por escutar, que muitas pessoas aprenderam a ler, o que ela chama de letramento, a partir das experiências com o cordel. Pois, as histórias eram lidas em voz alta, quando alguém comprava um folheto chamava todos os conhecidos para ler com ele em sua casa e essa cena se repetia sempre cada vez na casa de uma pessoa diferente. As histórias eram lidas repetidamente e assim se memorizava, ou por ler ou por ouvir.

Em todos os folhetos analisados, verifiquei a utilização de um léxico, de expressões e de uma sintaxe típicos do dialeto regional oral. A pontuação utilizada parece, muitas vezes, obedecer mais ao ritmo da fala, declamatória ou não, do que às exigências da leitura (GALVÃO, 2002).

Segundo a autora, esta facilidade em aprender a ler e a memorizar histórias de cordel está relacionada com sua semelhança com a oralidade. As histórias eram escritas em versos, com estrofes que se repetiam, os personagens também eram repetidos, os lugares, os fatos. Muitas vezes as histórias eram conhecidas, mas se reproduziam porque o que prendia o público era a *performance* do narrador. A forma como contava quase sempre histórias com temas jocosos que reunia a plateia para ouvir à noite.

Podemos perceber que a narrativa está além do dizer, mas diz respeito também ao como dizer. Em “O Narrador” Walter Benjamin (1994) faz uma análise da diferença entre a narrativa e o romance, em que a noção do tempo histórico e do tempo cronológico são definidores para o desenvolvimento do modo de escrever histórias entre os homens. De acordo com Benjamin, a escrita narrativa ainda conserva muito da forma de pensamento da oralidade, a epopeia. Uma característica da narrativa é que a história não acaba com uma

informação principal, mas ela sempre se levanta após algum suposto fim deixando para o leitor imaginar as possibilidades de ações após o fim escrito pelo autor, assim a história sempre continua, como “as mil e uma noites” de Sherazade.

Benjamin distingue três fatores que levaram ao fim da arte de narrar: o fim da experiência, o fim do tédio e o fim da ideia de eternidade. Para Benjamin, o narrador é aquele que conta a experiência. É da experiência que nascem as histórias e é para sua perpetuação que se passa a diante. O narrador por excelência é quem consegue dar conselhos com a narrativa. “Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (BENJAMIN, 1994, p. 200). O conselho sempre evoca uma experiência passada, um problema relatado no presente e uma oportunidade para as histórias passadas.

O conselho é parte da experiência, pois o conselho só se realiza quando o ouvinte o quer escutar. E não há nada mais eficaz para dar um conselho do que narrando uma experiência parecida. Quando se diz “é melhor fazer isso” ou “se eu fosse você faria assim”, se assemelha mais com uma ordem do que uma orientação. Quando se diz que outra pessoa passou por algo parecido, o que se faz é colocar as pessoas em um grau de igualdade, equipara as dificuldades mesmo que as condições sejam diferentes. O conselho não mostra superioridade, mas sabedoria. “O grande narrador tem suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (BENJAMIN, 1994, p. 214).

O segundo fator é o tédio.

Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos – as atividades intimamente associadas ao tédio – já se extinguiram na cidade e estão em vias de extinção no campo (BENJAMIN, 1994, p. 204-205).

Atualmente, o tédio ou o ócio é algo mal visto na sociedade. Quem está entediado é porque não tem nada de interessante para fazer, e não fazer algo ou não ter algo interessante disponível é análogo à falta de prestígio. Lembro-me, durante a infância no sítio, que à noite alguns tios nos visitavam e todos ficavam do lado de fora da casa, sentados. Tinha o céu, os sapos, a escuridão e os adultos contando história. As crianças não podiam ficar longe das histórias, pois a escuridão nos colocava medo. O que era seguro à noite era brincar perto dos adultos e perto das histórias. Isso não era tédio. Pelo menos não para as crianças, ficávamos ansiosas por esse momento de atenção. Por isso, não chamaria este segundo fator do fim das narrativas de falta de tédio, mas de falta de contemplação, de ficar parado contemplando as

histórias, o invisível, a escuridão tomar o ambiente. Para todos os entrevistados perguntei em que momentos eles ouviam essas histórias. Muitos entrevistados, principalmente os avós e filhos, disseram que histórias eram contadas no início da noite e geralmente do lado de fora da casa.

Várias vezes minha mãe falava sobre essas conversas com os mais velhos. Este termo, os mais velhos, é usado aqui como uma categoria nativa. Ela contava que depois do trabalho se jantava cedo, pois quem trabalha no campo dorme cedo, e no quintal comum os moradores da fazenda sentavam para contar casos, ouvir histórias. Quando era criança e ainda morava na “vila”, lembra, brincava com as crianças na rua e entre uma brincadeira e outra escutavam histórias dos mais velhos.

Perguntei a Lúcia, uma das filhas do seu Manoel, se o pai dela contava histórias sobre a vida dele. Ela disse que contava quando era para dar algum ensinamento, mas era sua mãe, dona Lourdes, que contava histórias para as filhas à noite, enquanto seu Manoel trabalhava no bar que era dono. Ela se lembra de ouvir as tias contando histórias também. Dona Celeste, uma dessas tias, lembra-se de ouvir histórias de um tio que morava na Bahia com sua família e quando seu Manoel foi buscá-los, ele veio junto para o interior de São Paulo. Esse tio era uma espécie de curandeiro, fazia remédios à base de plantas e também benzia. A história desse tio é tão interessante que ela conta que ninguém, nem ele mesmo, sabia sua idade. O seu quarto era um cômodo simples de chão batido e, à noite, para dormir, acendia uma fogueira no centro do quarto, tirava toda a roupa e dormia agachado, de cócoras. Assim também, dona Marta relatou das festas na fazenda onde morava e dos “causos” contados. E o mesmo nos relatou dona Emília e seu José.

De forma comum, todos evidenciaram que os relatos eram frequentemente contados à noite, do lado de fora da casa, onde as pessoas sentavam para ouvir. Por isso, esse tédio que fala Benjamin, pode ser pensado nesta pesquisa como um momento coletivo de ócio quando podem conversar, pois já trabalharam o dia todo, todas as obrigações foram feitas e resta esse encontro noturno.

O terceiro fator apontado por Benjamin (1994) é a falta da necessidade de pensar na eternidade. A morte não é mais uma passagem para a eternidade. A ciência tornou a morte explicável objetivamente. Segundo o autor, se a ideia de eternidade é cada vez menos importante, a narrativa também perde seu público, pois narrar é querer que o que se conta continue a ser contado. Então, as pessoas contavam suas histórias para ser lembradas após a morte e com a morte. As narrativas de morte são um fio que alinhava as histórias de vida.

Sempre que se começa a dizer sobre como a pessoa morreu, outras histórias vão sendo acrescentadas na arte própria de narrar onde não há um fim, e quando se percebe, estão falando de outro assunto que não tem nenhuma ligação direta com o primeiro, pois a história foi se desenrolando, assim como faz Sherazade.

Mas então, o que pode fazer a narrativa, o relato, continuar a interessar as pessoas? De acordo com Benjamin, mesmo que a narrativa ceda cada vez mais à escrita, é possível construir narrativas em textos escritos. Se isso é possível mesmo que seja difícil, a memória não está fadada a se tornar imóvel, congelada na escrita. Como então melhorar a arte de narrar nas escolas? Como privilegiar também o gênero narrativo? Como fazer com que as crianças gostem de histórias que não tem fim?

Benjamin dirá que os contos de fadas fazem esse papel de dar conselhos e contar histórias que acontecem “para sempre”. “O conto de fadas ensina há muitos séculos à humanidade, e continua ensinando hoje às crianças, que o aconselhável, é enfrentar as forças do mundo mítico com astúcia e arrogância” (BENJAMIN, 1994, p. 215). Nos contos de fadas o elemento mítico é incorporado na vivência das pessoas, e não deve ser temido, pois ele se comunica e pode ser vencido. Por vezes não é necessário que haja algum combate, pois a natureza e o indivíduo se tornam cúmplices e a hierarquia da daquela é incorporada na vida deste. Não há dois mundos, mas um único mundo em que natureza e indivíduo convivem no mesmo plano real e mágico.

Percebemos na pesquisa que os relatos contados pelos “mais velhos”, considerando os fortes resquícios de oralidade nesta sociedade, são permeados de explicações míticas, onde o real e o mágico fazem parte do mesmo plano de verdade. Cresci neste ambiente de narrativas mágicas, ouvindo meus pais contarem fatos dotados de autoridade que ganham sentido especial com o elemento mágico. Ainda podemos nos lembrar do tio da dona Celeste, que preparava remédios a partir de plantas, uma herança indígena, mas acompanhada de rituais em que a natureza não pode ser totalmente manipulada sem que haja a permissão. “Você tem que pedir licença”. Não se pode entrar na mata e pegar o que quiser, “ela” não dá nada para quem faz isso. “Você tem que pedir licença, pedir permissão antes de entrar, para caçar ou pegar alguma erva”. Quem é “ela”? Seria a natureza, ou quem cuida da natureza, ou algum espírito, ou alguma força que mantém o equilíbrio dos seres vivos?

Nestes relatos o sujeito não está separado da natureza, ele não a manipula para dominar, mas para se beneficiar dela. “Ela” não é algo invisível, que pertence a outro mundo, mas algo real que se pode. De acordo com o pensamento de Merleau-Ponty, o ser humano

como ser sensível ao entrar em contato com a natureza também se torna ser sentiente, ou seja, também pode senti-la, e ao fazer isso ambos se tornam outra coisa juntos. O que entende como “ela” é fruto da sua percepção, dos sons da mata, da luz da lua nas arestas da mata, dos períodos em que a caça é mais abundante, dos perigos que pode haver por não se orientar com calma e conhecimento da mata. Para Merleau-Ponty, essa percepção não é o invisível, mas o que pode ser visível.

Toda visão ou todo visível parcial que fracassasse definitivamente seria, de antemão, não anulado, o que deixaria uma lacuna, mas, o que é melhor, substituído por uma visão e um visível mais exatos, segundo o princípio da visibilidade que, como por uma espécie de horror ao vácuo, já chama a visão e o visível verdadeiros, não somente como substitutos de seus erros mas ainda como sua explicação, sua relativa justificação, de tal sorte que são, como diz tão bem Husserl, não apagados mas “riscadas”... (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 136).

Em Merleau-Ponty o visível e o invisível fazem parte do mesmo mundo. O invisível é a parte que nós interpretamos do que não é visível. Uma parte da coisa, a que é visível, explica a outra, que não pode ser totalmente visível. Assim, a experiência, substância essencial da narrativa, pode ser transmitida com uma explicação, e com uma função, a de dar conselhos.

Estas narrativas, como vamos ver nos próximos capítulos, existem em alguns momentos como narrativas místicas. Os entrevistados mencionaram ser à tarde o momento em que os “mais velhos” contavam seus casos. Segundo Mauss,

Estes traços místicos, maravilhosos são objeto de mitos, ou melhor, de tradições orais que em geral são apresentadas ou sob a forma de lenda, de conto ou de romance e têm lugar considerável na vida popular do mundo todo, constituindo uma das partes principais do folclore. (...) Ademais, não há limite possível entre a fábula e a crença, entre, de um lado, o conto, e, de outro, a verdadeira história e o mito em que se crê obrigatoriamente. De tanto ouvir falar do mágico, acaba-se por vê-lo agir e sobretudo por consultá-lo (MAUSS, 1974, p. 62-3).

Além das narrativas com elementos místicos os entrevistados mencionaram ter parentes que faziam benzimentos. Muitas vezes, os próprios pais faziam benzimentos nos filhos e quando possível iam até uma pessoa que fosse benzedor. Para Mauss (1974) o que determina a magia não são os seus ritos, mas as condições em que são feitos. Ainda para o autor, a magia precede a ciência e existe em quase todas as sociedades. Seus rituais são transmitidos pela narrativa e coexiste como alternativa à ciência e à religião. Recorre-se à magia por necessidade e não por culto como na religião. Assim, os rituais mágicos são sempre feitos às sombras, com fala baixa, por um mágico que possui características visíveis e por

essas características pode ser identificado. Vamos observar no próximo capítulo como essas narrativas mágicas fazem parte das narrativas de família e buscam ensinar não apenas a tradição da magia, mas aconselham e propõem soluções para certos problemas ou dificuldades.

Vimos que a narrativa é importante por traduzir histórias em conselhos, em ensinamentos. A narrativa está sempre associada à experiência, dando legitimidade aos fatos narrados. Vimos também que a cultura nordestina está mais próxima da oralidade do que da escrita e que as narrativas são importante meio de transmissão de informações dos costumes de determinado grupo. Assim, podemos perceber que as narrativas estão presentes nos lugares da memória como meio pelo qual a memória é socializada. É pela narrativa que passado e presente, lugar de origem e de destino, são traduzidos em relatos e transmitidos nas famílias. Como os lugares da memória estão para a memória da migração, as narrativas estão para a socialização da memória. Nos capítulos 3 e 4 vamos ver que o fato narrado nem sempre é lembrado, isto porque não nos lembramos da conversa, mas do assunto da conversa, não nos lembramos do fato, mas do evento. As narrativas são evidenciadas em expressões como “eles contavam que aconteceu isso”, ou “meu bisavô contou para minha avó, que contou para minha mãe que certa coisa aconteceu”. Tomando aqui a própria entrevista como uma narrativa pelo modo como contaram suas histórias, esta pesquisa criou lugares da memória.

### **3.4 “O meio é a mensagem”**

Os meios de comunicação são importantes para a migração, pois fazem as histórias se expandirem para outros lugares. A comunicação entre os migrantes e seus familiares no lugar de destino enriquece a história de família e faz com que de alguma forma as histórias sejam contadas e lembradas pelos membros da família. E se parte destes migrantes guardam ou ainda mantêm esse contato sempre vai haver vestígios da história da família e da migração, com o acesso dos netos e futuras gerações a esses objetos. Vamos ver nas entrevistas no capítulo 3 que os meios de comunicação são portas que transportam as pessoas para lugares da memória. Os entrevistados relataram como acontece ou acontecia a comunicação entre eles e os familiares que não migraram. Seja por meio de cartas, fotografias trocadas nas cartas ou por telefone, essas pessoas continuaram a relatar sua experiência da migração. Para analisar estes relatos, iremos agora pensar sobre as particularidades destes meios de comunicação e sua importância para os lugares da memória. A seguir falaremos sobre alguns sociólogos que

consideramos importantes para a análise nos meios de comunicação nas relações sociais, como forma de ampliar o diálogo através da distância.

Nas ciências sociais os estudos sobre media e comunicação tiveram grande contribuição da chamada escola de Toronto, com os estudos de Harold Adams Innis e Hebert Marshall McLuhan. Eles contribuíram para a formação de uma disciplina de estudos sobre comunicação. De acordo com Menahem Blondheim e Rita Watson (2007) entre as contribuições da escola de Toronto destaca-se o foco nos efeitos, ou consequências da comunicação. Os meios de comunicação podem introduzem novas formas de relações na economia, na esfera social e cultural influenciando a personalidade, maneira de ser das pessoas. McLuhan analisa o próprio meio de comunicação como uma mensagem. O meio é uma informação, mas não a percebemos, pois o damos como dado. “O “conteúdo” de um meio é como a “bola” de carne que o assaltante leva consigo para distrair o cão de guarda da mente” (MCLUHAN, 2006, p. 33). Estamos sempre tão interessados na informação que o meio carrega que não percebemos que o meio também é uma informação. Muitas vezes só nos damos conta do que é a luz elétrica quando ela falta. “Este fato apenas serve para destacar o ponto de que ‘o meio é a mensagem’, porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas” (MCLUHAN, 2006, p. 23). O meio modifica nossas relações e nossa forma de agir.

Neste mesmo sentido, John B. Thompson, leitor da escola de Toronto, estudou o desenvolvimento das sociedades modernas através dos meios de comunicação. Várias inovações técnicas, incluindo a imprensa, fizeram as informações circularem com maior rapidez na Europa, levando ao desenvolvimento de organizações de mídia na segunda metade do século XV (THOMPSON, 2002, p. 49). Em seu livro *A mídia e a modernidade*, o autor traça um panorama histórico de como o aumento da circulação de textos escritos modificou a vida urbana na Europa, com a circulação de livros, de notícias, o uso do telégrafo, e a forma de se relacionar das pessoas, uma vez que mais notícias se tornavam públicas e a população teve acesso a mais informação.

Com esses autores retomamos, de certa forma, a discussão anterior sobre a oralidade e a escrita. A sociedade interage com o meio de comunicação e o meio com a sociedade. O meio de comunicação modifica as relações sociais. Em sociedades orais as coisas possuem outros significados, pois as palavras são mecanismos que não podem ser procurados e armazenados em arquivos. Procurar algo em um texto é específico de sociedades escritas. Sobretudo Thompson analisa essa sociedade europeia totalmente modificada pela imprensa,

facilitando a reprodução de informações, livros, jornais, ideias, ampliando as possibilidades do debate público. Essa sociedade nunca mais voltará a ser como era. Assim como a imprensa só existe por causa da escrita que tem sua maior transformação com a invenção do alfabeto.

Como vimos anteriormente, o grupo que estamos pesquisando, mesmo letrado, possui fortes traços da cultura oral. O próprio cordel, com sua estrutura rítmica, e escrita aproximada da fala serviu para a alfabetização dentro de grupos pequenos como nas famílias. De modo geral, no Brasil, o letramento e a alfabetização estiveram restritos por séculos a uma minoria. A educação pública para ampla maioria como conhecemos hoje apenas começou a existir com a República, em São Paulo a partir de 1890 (SAVIANI, p. 10).

Os meios de comunicação mais utilizados pelos migrantes nordestinos da última metade do século XX, conforme o relato dos entrevistados são cartas, fotografias e ligações telefônicas. Logo que migraram utilizavam cartas e trocavam fotografias junto com as informações da família, dos conhecidos e dos lugares de origem e destino. As fotografias são leves e pequenas, e por isso fácil de serem enviadas dentro dos envelopes pelos Correios. Conforme Flusser, “a observação das cartas deve partir desse ponto: a carta como uma publicação comemorativa” (FLUSSER, 2010, p. 163). A carta segue rituais determinados como saudação e despedida, além disso, nas cartas não são contados os fatos ocorridos no dia-a-dia, e sim uma informação geral sobre determinado período ou uma resposta às perguntas feitas na carta anterior. Geralmente as cartas não são muito longas e registram os acontecimentos de forma breve, contando desfechos das situações. “Cartas são coisas por que se esperam – ou que chegam inesperadamente” (FLUSSER, 2010, p. 162). Quando a carta chega o que é noticiado provavelmente já aconteceu, está no passado.

Com a difusão das linhas telefônicas a comunicação por cartas foi trocada pelas ligações telefônicas. O telefone permite que a fala possa ganhar o centro da comunicação. Ele possibilita a fala em sua fluidez. Para populações que priorizam a fala à escrita é mais adequada que o telefone. Como nos diz McLuhan (1974), o conteúdo da escrita é a fala e quando podemos falar diretamente dispensamos a escrita.

Durante a pesquisa – será tratada de forma detalhada no próximo capítulo – os migrantes entrevistados não encontraram nenhuma carta. As cartas foram guardadas inicialmente, mas com o tempo foram descartadas, e o contato passou a ser mais frequente através do telefone. Mas as fotografias permaneceram. “Assim como as cartas, e bem melhor do que elas, as fotografias assumem um importante papel na atualização contínua do reconhecimento mútuo” (BOURDIEU, 2006, p. 33). Fotos 3x4 em preto e branco e retratos

nas paredes das casas, fotografias paradas, poses para a foto, ou de datas comemorativas, casamento e batizados, são partes de uma cultura que é marcada pela oralidade. Estas fotografias são portas para lugares da memória, de onde o migrante rememora o passado e conta suas histórias para seus descendentes, e de onde os filhos e netos podem acessar estas fotografias e indagar sobre as histórias que guardam.

Neste capítulo nosso objetivo foi mostrar ao leitor os instrumentos teóricos usados na análise da pesquisa. A narrativa é um elemento importante para entender essa cultura onde a oralidade organiza a vida social, seja, pela música, histórias ou encontros noturnos. A narrativa liga os lugares, são as pontes que nos fala Certeau, pontes que permitem às pessoas atravessarem territórios, o tempo, as condições dadas e em muitas vezes se imaginar em um lugar utópico, onde gostaria de se estar, e transpô-lo para onde se está realmente, como as heterotopias de Foucault. Se avós e netos se encontram? Sim. Os meios utilizados para construir este encontro são o tema dos próximos capítulos.

No próximo capítulo passaremos à pesquisa de campo em si, em que será apresentado o que foi observado sobre a vivência dos avós, a interação com os meios de comunicação, a criação dos lugares da memória, e as narrativas de família.

#### **4 Os lugares da memória: a migração sob a perspectiva dos avós**

Neste e no próximo capítulo falaremos sobre a pesquisa de campo. No quarto capítulo são apresentadas as reflexões sobre as visitas nas festas de família e as entrevistas com os avós e, no quinto capítulo serão analisadas as conversas com os netos. No capítulo anterior tínhamos refletido sobre a relação entre a família e as gerações através de diferentes conceitos para definir como vamos observar essas relações e indicar o que são lugares da memória nas famílias de migrantes nordestinos no interior de São Paulo. Os lugares da memória foram apresentados como lugares vivos, em constante transformação. São lugares criados pelos migrantes para relembrar o passado, contar suas histórias, ensinar costumes e condutas morais de modos de viver. Ele conecta tempos, passado e presente; culturas, a do lugar de onde o migrante partiu e a do lugar onde está; e gerações, os avós e netos, que criam estes lugares da memória contando e modificando as histórias e os lugares.

O objetivo deste capítulo é descrever os relatos coletados durante a pesquisa com os avós além de descrever o ambiente, as cores, a comida, a conversa, a música. O passado dessas famílias está presente nas histórias que elas guardaram e contam como uma recordação de sua própria vida, de quem elas são ou foram. Não existe um antes e um depois na configuração do ser, do existir do migrante. Ele pode se pensar sobre suas vidas com um antes e um depois, mas tudo está contido, às vezes como uma síntese, às vezes como fragmentos.

Os lugares da memória no grupo pesquisado acontecem de diferentes formas. O que buscamos entender nestes lugares são suas características principais, como são construídos e como os indivíduos interagem nestes lugares. Não há um dia fixo para se lembrar da migração, para essa comunidade. Os lugares da memória são construídos nas conversas familiares que podem ser tanto as festas como as conversas que acontecem no dia-a-dia. Consideramos festas familiares tanto as festas de fim de ano, aniversários, quanto os encontros de fim de semana, almoços de domingo. A característica destas festas é que vários membros da família estão reunidos, composta por pais, tios, primos e avós, além dos agregados como namorados, cunhados, amigos de parentes. As histórias nestas festas são contadas para o público, são comentadas coletivamente. A formação de grupos nestes encontros é mais nítida. As mulheres ficam próximas cuidando dos preparativos, da comida. Os homens se reúnem, e por vezes são responsáveis por preparar o churrasco, comida que parece ter se tornado comum nestes encontros. As crianças formam outro núcleo e aproveitam

para interagir com os primos. Estes grupos estão em constante contato, porém é possível perceber a formação e a diferenciação entre eles.

Nas conversas cotidianas percebemos que os lugares da memória precisam de um motivo para acontecer. Os entrevistados descreveram que as histórias contadas pelos pais ou avós começavam de um problema atual, e por aquele problema eles lembravam o passado em busca de acontecimentos semelhantes para dizer que passaram por problemas mais difíceis: a vida era mais difícil, as condições econômicas eram piores, o trabalho excessivo, e havia a necessidade de vencer na vida. Enfim, as histórias da migração eram histórias de sofrimento e de superação.

Também observamos que há diferença entre a forma como os homens contam suas histórias e a forma como as mulheres a contam. Os homens, quando são pais, não contam as histórias dentro de casa. Há pouco contato com os filhos. As histórias são contadas para o público, para outras pessoas, geralmente nos encontros familiares ou com amigos. As crianças escutam as histórias por participarem do mesmo ambiente, mas não são diretamente relacionadas a elas. Foi assim que descreveram os filhos e os avós nesta pesquisa. Perguntamos a todos os entrevistados quando os parentes contavam as histórias e como os entrevistados ficaram sabendo das histórias de família. Descreviam que durante a infância tinham pouco contato com os pais, ouviam as histórias porque os pais contavam a outros. Apenas quando ficaram adultos e os pais já estavam mais velhos é que os filhos conversavam com os pais sobre as histórias de família diretamente. Por outro lado, os entrevistados relataram que as mães sempre estavam muito próximas a eles e que as histórias de família, as histórias sobre a Bahia, as histórias sobre a migração eram contadas às crianças, em casa.

Nancy Fraser aponta que durante as décadas de 1960 ao final de 1980, mesmo período em que os entrevistados migraram, as feministas criticaram o ideal do Welfare State. Este tinha naturalizado um padrão de família em que o Estado dava suporte para o trabalho do marido fora de casa, o tornava o mantenedor da família que provia os filhos e a mulher, conseqüentemente era vista como mãe. Delimitava o papel da mulher dentro de casa como aquela que cuida dos afazeres domésticos e da criação dos filhos (FRASER, 1994, p. 591-2; FRASER, 2007, p. 295).

Retomando Fraser (1994; 2007), mesmo havendo muitas mudanças economicamente, ou seja, ligadas ao modo de trabalho – o salário das mulheres a partir de 1970 passou a ser muito importante para o sustento da família, principalmente nas classes baixas e na classe média baixa – os valores familiares continuaram os mesmos. O homem

como provedor do lar e a mulher como a dona de casa e cuidadora dos filhos foi mantido politicamente, nas campanhas governamentais, como a do Bush nos EUA, e os militares no Brasil. Isto para contextualizar que mesmo havendo uma luta dos feminismos questionando a função da mulher, nossos pesquisados estavam em 1960 e 70, período em que migraram e formaram família, dentro de um tipo específico de família em que a educação do homem e da mulher se direcionava para polos opostos.

Podemos dizer que as histórias são contadas de maneira diferentes conforme o narrador. O homem conta como figura pública, e assim conta suas histórias ao público, e a mulher inserida no ambiente familiar conta as histórias de forma privada, de uma forma mais íntima. Vamos observar nos relatos dos entrevistados que os lugares da memória criados pelos homens são para o público: os vizinhos, os parentes adultos. As crianças ouvem essas histórias, mas há pouca abertura para o relacionamento íntimo entre pais e filhos. Do outro lado está a mãe, dentro de casa com os filhos e com outras mulheres da família. Assim, os filhos ouviam a história contada pelo pai em público, e depois perguntava sobre a história para a mãe em um ambiente mais íntimo. A mãe contava suas histórias, criava lugares da memória, e com essas histórias desenhava aos filhos a personalidade dos pais. Apenas para adiantar ao leitor, vamos ver no próximo capítulo que os lugares da memória criados pelos migrantes aos filhos possuem diferenças com os criados aos netos, e a percepção das histórias de família pelos netos tem diferenças com a percepção dos filhos.

Outra porta que acessa lugares da memória são os meios de comunicação, principalmente as fotografias. Os avós mantêm guardadas fotografias de quando moravam na Bahia, ou de épocas recentes a sua chegada ao lugar de destino, mas principalmente, foi interessante notar que eles trocavam fotografias junto com as cartas. Antes do uso generalizado do telefone, os migrantes enviavam cartas aos parentes no Nordeste. Tanto os migrantes enviavam quanto recebiam junto às cartas fotografias dos parentes e das casas dos parentes. As fotografias explicavam quem eram os filhos, quem havia se casado, como estavam as casas. Com o tempo as cartas foram jogadas ou perdidas, mas as fotografias ainda permanecem. Assim como permanecem os retratos na parede. São retratos feitos por retratista, geralmente com membros da família, irmãos, pais, ou retratos de casamento. As fotografias e os retratos são portas para acessar lugares da memória, pois mantêm os laços com o passado, com pessoas que fizeram parte do passado, relembram momentos, histórias, e podem ser acessados pelos filhos e netos.

Existe outra festa que acessa lugares da memória. As festas juninas, que são festas tradicionais e acontecem em grande parte do país, funcionam como portas para o grupo migrante e para a cultura local lembrar histórias de vida e costumes. Coexistente a esta festa junina mais popular existe uma outra festa que acontece nas casas das pessoas: são os terços. Os terços aos santos católicos do mês de junho e julho são festas juninas que abrangem um público menor, mas ainda assim expressivo. Elas são importantes para acessar lugares da memória, pois acontecem de forma mais íntima e interna aos costumes locais e um pouco mais distantes dos símbolos característicos e conhecidos da festa junina.

A música, como dissemos no capítulo 1, tem suas especificidades e faz parte dos costumes da região. Tanto nas festas juninas quanto nas festas familiares, a música funciona como uma porta para acessar lugares da memória, pois elas próprias contam histórias que fazem parte das histórias do outro lugar, de outro tempo, e histórias de vida. Estas portas que descrevemos aqui estão presentes nos relatos dos entrevistados que veremos a seguir. Os lugares da memória, em sua maioria, acontecem por desencadeamento destas situações que descrevemos acima. Preferimos falar das entrevistas separadamente, relatando cada entrevistado por vez, para que o leitor perceba como as histórias são desencadeadas e possa visualizar a trajetória de cada migrante, mas também para preservar o sentido que cada um dos entrevistados quis dar à sua história. Em todas as entrevistas, me apresentei como pessoa da comunidade e como pesquisadora. Muitos entrevistados me disseram, “mas faz muito tempo isso, você não prefere falar com fulano que veio faz pouco tempo?”. Primeiro senti que eles não falavam da época em que migraram fazia muito tempo, pois o tom da pergunta era de perplexidade: como alguém gostaria de saber dessa época? Mas também por um motivo óbvio, se eu queria saber do Nordeste seria melhor perguntar para pessoas que vieram de lá há pouco tempo.

Expliquei que a pesquisa era sobre os primeiros migrantes nordestinos que vieram para o interior de São Paulo, queria saber como tinha sido a viagem, o que os motivou a vir para São Paulo, e como mantiveram contato com os parentes que ficaram no Nordeste. Após essa explicação começaram a falar e aí fiquei mais de uma hora na casa de cada um deles. Contaram de parentes que tinham mais afinidades, dos que não tinham, das dificuldades de morar na Bahia, da falta de conforto, da criação rígida dos pais, da vontade de voltar ou não voltar para ver os parentes que ficaram.

Vamos conhecer a história de seu Manoel, por onde a pesquisa se iniciou, e em seguida a história de dona Marta, dona Emília e seu José. Também está relatada a observação

participante que foi realizada em duas festas da família de seu Manoel, as bodas de prata de sua filha Lúcia, e o aniversário de 70 anos de sua esposa Lourdes, também migrante. Para os outros três avós foi realizada uma entrevista com cerca de uma hora, cujos trechos dos relatos serão transcritos aqui. Também há entrevistas com três filhas de migrantes: Lúcia, filha de seu Manoel; Elisângela, filha de dona Celeste; e Heloisa, filha de dona Marta. As entrevistas com os filhos foram realizadas para entendermos como as histórias são contadas entre migrantes e filhos e migrantes e netos. Depois há uma seção para as festas juninas e seu papel como lugares da memória nesta comunidade. Foi realizada para esta seção uma entrevista com um sanfoneiro da cidade que conta o que mudou e o que se manteve nessas festas.

#### **4.1 A família do seu Manoel**

Quando comecei a fazer a pesquisa de campo observei que havia alguma satisfação quando me contavam suas histórias, o que me fez afastar logo de início o receio de que não fosse importante para aquelas pessoas dar voz às suas memórias. O que motivou a pesquisar esta família em um primeiro momento foi o apelido do seu Manoel, Mané Bahia. Entre tantos Manoel, por que dizer que este era da Bahia? Quando o entrevistei pela primeira vez percebi que ele não era apenas um migrante, mas um aventureiro, no sentido de ser alguém que se lançou com o objetivo de conhecer outro lugar. E isso com certeza me motivou a conhecer suas histórias.

Nesta primeira parte vamos conhecer a história de migração pensada pela família do seu Manoel. Entrevistamos seu Manoel e sua esposa Lourdes, dona Celeste (irmã do seu Manoel) e seu esposo Antônio e dona Sebastiana (cunhada de seu Manoel), que migraram da Bahia. Entrevistei também uma das filhas de seu Manoel, a Lúcia, e participei de duas festas de família: as bodas de prata da Lúcia e o aniversário de 70 anos de dona Lourdes, onde pude observar e conversar com outras pessoas da família. Em geral, as visitas duraram entre uma hora e meia a duas horas. Não foi difícil estabelecer este contato, pois essa família é bem conhecida na cidade e, além disso, eu frequentava a casa da Lúcia quando era criança. Embora tivesse esta proximidade, foi apenas durante a pesquisa que comecei a olhar essa família com o estranhamento de pesquisadora.

Nossas conversas começaram um pouco acanhadas, mas o fato de estar ali para escutar suas lembranças fez emergir várias histórias, reminiscências, particularidades. As pessoas querem contar suas histórias, de forma geral precisam ser ouvidas. Nas visitas diziam

frases como a de seu Manoel: “é... não foi fácil não, mas era bom. Eu não era um menino fácil, vim para cá sozinho. Quem me criou foi o mundo.” A memória de vida, da sua própria experiência parece estar latente nas pessoas, ela virá à tona sempre que as situações presentes a reivindicarem.

Seu Manoel chegou a São Paulo em 26 de janeiro de 1958. Foi assim que ele descreveu sua trajetória entre os dois lugares. A descrição que se segue não é literal, mas vem de registros na pesquisa de campo durante uma entrevista que seu Manoel deu à escola estadual Prof. José Carlos da Silva, localizada no centro da cidade a única escola de Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio, ao terceiro ano A do Ensino Médio, no ano de 2011. Ele havia me contado sua história, mas essa foi a sequência de fatos relatado aos alunos. É a sequência escolhida por ele para ser exposta em público. Ele relata que pegou a Maria Fumaça em Ovíres, Bahia, fez uma baldeação em Monte Azul, Minas Gerais, e outra no Rio de Janeiro até chegar a São Paulo. Ficou na Hospedaria dos Imigrantes por três dias, tomou vacina e seguiu para o interior de São Paulo. Lembrou-se dos três caminhos possíveis para o interior: via Paulista, via Sorocabana e via Mogiana. Trabalhou em vários lugares, desmatando fazendas, no café e cana-de-açúcar, na construção da estrada de ferro pela Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (CEFNOB), em usinas de açúcar e álcool, foi dono de bar e mascate entre outras funções e casou-se com dona Lourdes.

Dona Lourdes migrou alguns anos depois dele. Depois que sua irmã se casou, ainda na Bahia, com um irmão de seu Manoel, ela viajou então com a irmã e o cunhado, escondida de sua mãe. Sua filha Lúcia disse que ela nunca se conformou de ter deixado a mãe sem notícias, mesmo tendo-a buscado anos depois para morar com ela, em Barbosa. Conheceu seu Manoel quando estava no estado de São Paulo, que de cunhado se tornou marido. Tiveram sete filhas; a mais velha se chama Neuza e a mais nova Sandra, as outras filhas se chamam Lúcia, Marlene, Maria Oneide, Almira e Célia. Há uma história interessante sobre as filhas de seu Manoel. Como tiveram sete filhas, a filha mais velha, Neuza, batizou a irmã mais nova, Sandra, pois na crença popular a sétima filha mulher se transformaria em mula sem cabeça caso a mais velha não a batizasse, fato que as irmãs sempre lembram quando contam sobre suas vidas.

A irmã mais nova de seu Manoel, dona Celeste migrou para Barbosa quando seu irmão, Manoel, voltou à Bahia para buscar toda a família, seus pais, irmãos, e alguns tios que moravam com eles. Quando cheguei à casa dela estava presente apenas seu esposo Antônio, então comecei a falar com ele sobre o que estava pesquisando, e ele disse que ela não gostava

de falar sobre a Bahia. Seu Antônio é filho de pai migrante, mas não conhecia histórias da Bahia, pois segundo ele seu pai não gostava de comentar.

Quando dona Celeste chegou a sua casa, perguntei a ela por que não gostava de falar sobre a Bahia, como seu esposo tinha informado. Ela respondeu que um dos motivos era que não se lembrava de muitas coisas, pois veio com quatro anos de idade para São Paulo. Lembra-se de buscar água com a lata na cabeça, e de certo dia ter deixado cair toda a água; ficou preocupada pensando que o tio iria ficar bravo, mas ele não ficou. Outro motivo era que sua mãe não gostava de falar das histórias da Bahia, pois havia sofrido muito com a seca e com as maldades de sua madrasta. Então disse que se sua mãe não queria se lembrar, ela também não queria.

Como se lembrava de pouca coisa na Bahia, dona Celeste contou algumas histórias sobre sua vida em Barbosa. Lembra-se de quando a cidade ainda era uma pequena vila onde só havia iluminação pública nas quadras do centro. Seu pai não permitia que as filhas andassem nas ruas sozinhas e sair à noite era permitido apenas para ir à igreja, acompanhadas com um de seus irmãos. Lembrou-se da primeira vez que viu uma televisão na cidade, “uma luzinha azul”; seu irmão chegou à conclusão de que era um rádio diferente, pois estava passando um jogo de futebol. Ela disse que já sabia que era uma televisão, pois havia aprendido na escola, e como os irmãos não frequentavam a escola ainda não conheciam o que era uma televisão.

Dona Celeste nos contou que passava muito tempo com um tio que era uma espécie de curandeiro, fazia remédios a partir de raízes. Ela conta que às vezes ele saía para buscar raízes na mata e voltava apenas depois de encontrar, às vezes essa busca levava até três dias, mas ele permanecia na mata fechada. Para dormir em casa ele ficava nu e fazia uma fogueira no centro do quarto de chão de terra batida. Tinha o costume de dormir de cócoras, agachado. Certa noite, o encontraram caído na fogueira, foi socorrido, mas começou a ficar muito doente após o acidente, morrendo em seguida.

Ninguém sabia sua idade, mas ela calcula que ele tinha cem anos ou mais, pois segundo ela, ele era velho quando vieram da Bahia e quando faleceu ela já estava casada. Esse homem que fazia remédios com raízes e que não se adaptava ao conforto de um colchão parece ser um exemplo de sujeito que não conseguiu transitar entre os dois lugares. O relato nos dá a impressão de que quanto mais velho a pessoa migra, menos ele se adapta ao novo lugar.

Dona Celeste me indicou dona Sebastiana, sua cunhada, que segundo ela mantinha mais contato com a família, tinha ido à Bahia não fazia muito tempo; se alguém da família tivesse algo guardado seria dona Sebastiana. Então, fui visitá-la em sua casa. Ela não se lembrava da data em que emigrou da Bahia, mas disse que estava casada na época. Perguntei se ela contava sobre sua vida na Bahia para seus filhos. Afirmou que contava sobre a viagem de trem que demorava oito dias, depois chegava à Imigração onde ficou cerca de um dia e meio; segundo ela as mulheres ficavam de um lado e homens de outro da hospedaria. A viagem até São Paulo foi paga com recurso próprio e de São Paulo até o destino, Usina Campestre em Penápolis, era paga pelo serviço de imigração. Dona Sebastiana e dona Lourdes nasceram perto de Rio de Contas, Bahia, um lugar chamado Tranqueiras, atualmente distrito do município de Tanhaçu<sup>9</sup>. Elas também não gostam de se associar ao nome Tranqueiras, pois segundo elas o que fica na tranqueira é lixo, então elas preferem se lembrar das cidades ao redor, Rio de Contas, Tanhaçu, Brumado, centro-sul da Bahia.

Perguntei aos entrevistados como sabiam das histórias dos seus pais e avós, e de maneira geral todos se lembram de conversar ao cair da noite, depois de jantar, geralmente no quintal da casa. Reunir todos e contar histórias. Quando perguntei à dona Celeste quando o tio dela contava sobre a vida na Bahia, as histórias da família e sobre os remédios que preparava, ela me disse nestes termos: “no final da tarde, de tardezinha, a gente sentava em volta dele e ele ficava contando”. Depois do dia de trabalho, do jantar, das obrigações do dia, no lado de fora da casa, daquela casa no lugar de destino. Era a oportunidade de sair dali e mergulhar nas lembranças do passado. Nessas conversas à tarde, com o tio mais velho, era possível acessar lugares da memória.

A seguir vamos conhecer mais sobre a vida desta família, principalmente sobre a forma como se comunicavam e ainda se comunicam com seus familiares na Bahia e descobrir se existem histórias através de objetos guardados.

#### **4.2 A relação entre a memória e os meios de comunicação**

Uma questão levantada com a pesquisa era se os migrantes mantinham contato com seus parentes e amigos que ficaram no lugar de origem. Nossa hipótese inicial era de que se houvesse algum meio pelo qual os migrantes conseguissem se comunicar com o lugar de

---

<sup>9</sup> City Population, Municípios do estado da Bahia, Brasil. Disponível em: <http://www.citypopulation.de/php/brazil-bahia.php?cityid=291720130>. Acesso: 10, ago. 2013.

origem estariam realimentando histórias e dados, funcionando como uma porta para acessar lugares da memória.

Foi possível manter essa comunicação ativa? Queremos saber também se as informações transmitidas nas cartas ficaram guardadas na memória dos interlocutores. As cartas, fotografias, objetos foram guardados? O que aconteceu com eles? Quem se lembra e o que se lembra do que foi trocado? Essas questões foram levantadas a partir dos conceitos de Marshall McLuhan (2002) sobre os meios de comunicação discutidos no capítulo anterior. Partimos do pressuposto de que existem dois tipos de memória: em primeiro lugar uma memória sobre o conteúdo da mensagem, ou seja, em uma fotografia há a memória do que está retratado na fotografia, o lugar em que o sujeito estava ou o que estava acontecendo naquele momento. Em segundo lugar há a memória sobre os meios de comunicação, quando foi tirada a fotografia, quem fotografou, quando viu a imagem pela primeira vez, como a carta foi enviada, como foi recebida, etc. Faremos um esforço para dividir essas duas dimensões da memória, mas não é possível separá-las totalmente. Falaremos primeiro da memória do conteúdo da mensagem.

#### **4.2.1 Memória através dos meios de comunicação**

Antes de fazer a pesquisa imaginava que esses migrantes trocavam cartas com os familiares, ao menos nos primeiros anos que migraram, e que ainda teriam essas cartas guardadas. Mas no momento da visita os entrevistados não encontraram nenhuma carta que trocaram com os familiares no passado. Os dois homens, seu Manoel e seu Antonio, disseram nunca ter enviado carta aos familiares. Assim que pôde, seu Manoel voltou à Bahia e buscou seus pais e irmãos. O seu Antonio veio com seu pai e nunca voltou à Bahia. Dona Lourdes disse que se correspondeu com os familiares através de cartas por longos períodos, mas não encontrou nenhuma carta guardada. Segundo ela suas filhas haviam pegado as cartas e ela não sabia mais onde estavam. Conversei com sua filha que disse ter devolvido as cartas e que provavelmente estavam guardadas. Dona Celeste disse nunca ter se correspondido com os parentes na Bahia, pois ela é a caçula da família e quando seu Manoel foi buscar os pais a trouxe com eles.

Apesar de não ter restado nenhuma carta, ou pelo menos não ter sido encontradas, dona Lourdes e dona Sebastiana, esposa de seu Manoel e sua cunhada, tinham guardadas fotografias trocadas nas cartas entre elas e seus parentes na Bahia. O exemplo a seguir é uma

forma do que estamos chamando de lugares da memória. Dona Lourdes, enquanto me mostrava uma fotografia da sua madrinha sentada na frente da casa, me explicou como era o terreno, em que época chovia lá, qual era a cidade mais perto, quem eram os vizinhos. Havia muitas roseiras em frente à casa na fotografia; dona Lourdes me disse que era sua madrinha quem cuidava delas, sempre gostou das roseiras. Depois mostrou os parentes mais novos que tinham se casado, parentes que ela não conhecia pessoalmente, sabia que eram filhos de fulano ou fulana. As fotografias criam lugares da memória, pois possibilitam que a memória da migração seja socializada.

Dona Sebastiana disse que tinha umas cartas guardadas, mas que as filhas costumavam jogar fora as correspondências, alegando ser papel velho, sem utilidade. Em uma das primeiras fotografias que dona Sebastiana encontrou ela disse “Eu tenho carta, mas não sei por onde anda, minha filha [se referindo a mim]”. Então, pegou umas fotografias guardadas, explicou quem eram as pessoas na foto e pediu para eu ler, pois não conseguia enxergar. Estava escrito atrás na foto: “para Tiana, lembrança da avó Rosa”. Perguntei quem tinha enviado, e ela respondeu: “minhas netas, do povo da Bahia. [Eles mandaram em carta?] É, mandaram em carta. [Ela riu]. No meio da carta, minha filha, veio”.

Dona Sebastiana procurou suas cartas em uma cômoda, depois nas gavetas do guarda-roupa. Encontrou apenas algumas fotos 3x4, do marido, dos cunhados, de uma tia. As fotos em preto e branco de um tipo de papel que parecia mais um tecido. Ela contou dos parentes que em algumas fotos ela não reconhecia mais. Depois dessa busca, olhou para cima do guarda-roupa e me disse que só restava aquela mala lá em cima, mas ela não conseguia pegar. Peguei a mala para ela e vasculhamos os papéis que estavam dentro. Era uma mala antiga, lembrei que minha avó também tinha uma dessa onde ela guardava as roupas do meu avô depois do seu falecimento. A mala de dona Sebastiana era de madeira, havia vários papéis amarelados dentro, picados por estarem dobrados por muito tempo. Encontramos um retrato pintado do seu casamento (fig. 11), uma foto do certificado de reservista do seu marido, e papéis antigos. Um deles era um extrato da conta poupança do Banco Real, em cruzeiros, um dinheiro que ela nunca resgatou, havia moedas e notas antigas também. Quando voltei em sua casa, em outra ocasião, a mala estava “arrumada” e muitos papéis já não estavam ali (fig. 12), pois sua filha havia retirado alguns papéis antigos e rasgados e organizado os outros em sacos plásticos.

Essas mulheres tinham guardado as fotografias que foram enviadas nas cartas. A maioria delas se tratava de foto 3x4, ou fotos de casamentos que aconteceram longe da

presença de alguns familiares. As fotos de casamento além de comunicar quem da família havia crescido e casado, também eram uma forma de fazer com que aqueles que estavam distantes participassem do evento familiar. Os laços familiares são laços muito fortes que nos colocam em relação com pessoas que não faziam parte da família, mas que foram agregadas, ou nos faz cumprir obrigações para com aqueles membros da família, como dar a conhecer que alguém se casou, e que os outros membros da família façam seus votos de felicidades ao casal. No estudo, referido acima, sobre uma população rural na França, Bourdieu (2006) observou que as fotografias surgiram na comunidade como fotografias de casamento. Eram os fotógrafos que procuravam os eventos e não o contrário. Também ressalta a função da mulher em manter contato com os familiares através de cartas e troca de fotografias. Como observamos em nossa pesquisa, os homens não buscaram manter contato com os membros distantes da família, mas são as mulheres que escreviam as cartas – elas não são as únicas que sabem escrever, mas são elas que se preocupam em manter a família informada – enviavam fotografias, e atualmente fazem ligações telefônicas para estes parentes.

Também foi comum encontrar os retratos pintados por retratistas que dão vida às fotos 3x4, mudam cenários e roupas e recolocam aquelas pessoas em roupas “de respeito” como em um terno ou em um vestido de noiva. Esses retratos estampam, sobretudo, as paredes da casa, na sala, quartos, corredores. Apenas depois de visitar algumas dessas casas, não como membro da comunidade, mas como pesquisadora, percebi a semelhança que tinham com a casa da minha avó. Mesmo as casas da cidade sendo parecidas na arquitetura, no interior estavam carregadas de uma cultura própria. As paredes da casa destes migrantes nunca são totalmente brancas na parte externa ou no interior, mas verde, azul, bege, e nelas estão os retratos, fotos de casamento.

Na casa de minha avó também tinha retratos na parede. Muitas vezes eu tinha olhado para os retratos na parede e quis saber em que lugar aquela fotografia foi tirada. Quando era criança, mal reconhecia meus avós naquelas imagens, pois estavam fora do contexto das outras fotografias, de tão diferentes que eram. Minha avó me explicava que era sua foto de casamento. Mas aquele quadro era tão diferente da forma fotográfica que entravam em uma categoria à parte na minha mente, como retratos de parede. Aquelles retratos pintados e pendurados na parede pareciam dar vida às pessoas retratadas, fazendo coexistir o passado e o presente no mesmo ambiente. Essas pessoas ficavam ali, entre o real e o irreal.

Após visitar essas casas percebi que realmente aquelas fotografias entravam na categoria de retratos de parede. Com molduras antigas, não se tratavam apenas de imagens do

passado, mas eram como um reflexo do passado indicando que aquelas pessoas ainda viviam ali. “É o seu avô”, minha avó dizia. Não me lembro dele, pois morreu quando eu tinha três anos de idade. E cheguei a dizer para ela: “Nossa, a senhora tinha o cabelo preto?”. Para nós netos, o passado era carente de imagens. Quase não havia fotografias porque pessoas como minha avó e os entrevistados não tinham câmeras, dependiam do dinheiro e do fotógrafo, e se tinham outras fotografias elas podem ter se perdido na viagem quando migraram ou repartido entre os parentes. Bourdieu (2006) ressalta em seu estudo na comunidade rural onde nasceu, que tirar fotografias estava restrito aos momentos cerimoniais em que as poses dos familiares fugiam às atividades cotidianas. As fotografias cotidianas eram restritas aos jovens, principalmente namorados, às mães quando registravam seus filhos com essa função de enviar a algum parente para mostrar o desenvolvimento da criança, e aos fotógrafos da cidade. Ser camponês e fotógrafo era um fato que confrontava a moral dos camponeses. Seja por gastar dinheiro com o material fotográfico, seja pela postura de se colocar acima do status de camponês, seja por querer registrar acontecimentos que não eram públicos como os casamentos. Assim, a fotografia entre as famílias de camponeses não eram abundantes apesar de não ser muito caras.

Em nosso grupo pesquisado precisamos levar em conta a dificuldade do acesso ao fotógrafo, com essa conduta moral de registrar os eventos públicos ou os membros da família como forma de permitir aos demais parentes a acompanhar o desenvolvimento da família, e com a dispersão e distribuição das fotografias de família em seus membros durante a migração. Os acontecimentos que antecederam as viagens também são variados, o que nos faz pensar em como as malas foram preparadas. As fotografias podem ter sido perdidas ou distribuídas entre os membros da família, membros que migraram em épocas diferentes, rupturas causadas por brigas, por ter se casado, ou pela necessidade de migrar. Claro, para arrumar um emprego melhor, pela perspectiva de vida melhor que o Sudeste oferecia, mas de modo geral, parece que foram viagens muito fragmentadas. Quem ficou com que fotos, com que pertences da família? Muita coisa pode ter se perdido na viagem. Muitas vezes a própria família ficou perdida. Durante a pesquisa foi possível perceber que estes migrantes têm muitas histórias de desencontros, parentes ainda “perdidos” sem saber para onde mudaram, saíram sem deixar endereço, ficaram sem contato. Pessoas que se encontraram após vinte, quarenta anos sem saber onde estavam. A migração nordestina olhada por cima mostra a direção dos grandes fluxos de migração, mas se olhada pela família talvez seja possível ver uma maior dispersão nos seus membros, pessoas que migraram juntas, mas depois se

distanciaram ou pessoas que migraram para vários lugares até se estabelecerem. O que trouxeram na bagagem ou como se comunicam são formas onde as histórias emergem e criam lugares de memória quando essas histórias são compartilhadas na família.

Como dissemos, outra é a memória que os entrevistados têm dos meios de comunicação. A memória que iremos descrever a seguir mostra o contexto onde as relações se davam e a disponibilidade e uso dos meios de comunicação. Essa memória faz parte dos relatos dos migrantes e ilustram a história e desenvolvimento social e econômico da época em que migraram.

#### **4.2.2 Memória dos meios de comunicação**

Além de os entrevistados se lembrarem do que estava registrado nas fotografias também se lembraram de como elas tinham chegado. Não se trata do conteúdo em si, mas de como foi registrado. A memória dos meios de comunicação é a memória do que é o meio e como ele funciona, como um museu dos meios de comunicação, ou outros tipos de registros como pesquisa científica sobre os meios de comunicação, textos técnicos sobre a construção e o uso destes meios de comunicação, sejam eles o Alfabeto (FISCHER, 2009); a Tipografia e o Telégrafo; o telefone e o celular; o rádio e a televisão; a internet. Nesta pesquisa, a memória dos meios de comunicação é uma reflexão sobre como os pesquisados percebem esses meios de comunicação em suas vidas e qual memória tem deles. A importância disso se deve ao fato de que os meios de comunicação em geral se constituem como importantes depositários da memória.

Essa memória não é sistemática. Lembram-se muito pouco as datas exatas dos acontecimentos, talvez porque como nos diz McLuhan, não percebemos o meio como uma mensagem, se lembram mais do conteúdo da carta do que o que estava escrito. Quando perguntei para dona Lourdes como ela fazia para enviar as cartas, ela contou que não havia um Correio em Barbosa, mas havia o serviço dos Correios que passava periodicamente para pegar e encaminhar as cartas no destino desejado. Ela escrevia e, quando alguém da sua casa vinha para a cidade, colocava a carta na caixa dos Correios. Para receber também seguia procedimento parecido. As cartas eram deixadas em um único local e as pessoas iam até lá para ver se havia alguma correspondência para elas.

Os entrevistados percebem as duas memórias ao mesmo tempo. Mas quando se lembram dos meios de comunicação dizem que “naquele tempo era difícil”. Ou seja, os meios

de comunicação são mais eficazes quanto mais próximos da facilidade, rapidez e previsibilidade estão. Talvez se houvesse um transporte mais rápido naquela época ligando o Nordeste ao Sudeste o trânsito da migração tivesse sido mais intenso no retorno de familiares. Talvez a falta de um meio de transporte rápido e barato tenha feito com que esses migrantes se fixassem nas fazendas e vilas formando as pequenas cidades do interior. Dona Sebastiana contou que há cerca de três anos, em 2009 ou 2010, foi à Bahia para visitar seus parentes. Seu Manoel voltou pouco tempo depois de ter migrado para buscar a família e também voltou há alguns anos para rever quem ficou. Dona Lourdes também já retornou ao Nordeste uma vez para visitar alguns parentes. Estes migrantes puderam voltar depois de muitos anos após a migração, porque essas pessoas hoje estão aposentadas, porque o transporte é mais rápido e barato e a distância pode ser encurtada. Se compararmos aos migrantes mais recentes que retornam todos os anos para sua cidade de origem, os migrantes da década de 1950 e 1960 encontraram mais dificuldades em manter o contato com seu lugar de origem.

Atualmente o meio mais utilizado entre os entrevistados para manter contato com os parentes é o telefone. Dona Lourdes disse que sua família mora no sítio afastado da cidade, mas um parente dela foi vereador na cidade e conseguiu levar orelhão até essas áreas afastadas. Depois do orelhão ela passou a ligar para os familiares. Então, liga e pede para alguém chamar seus parentes. O telefone diminui a expectativa criada pela carta, pois a comunicação acontece simultaneamente. Quando se escreve uma carta se espera por uma resposta que nem sempre é imediata. Com o telefone a comunicação é imediata, mais próxima da fala; além disso, vimos que este grupo possui uma prática mais oral do que escrita, assim se tornou mais frequente telefonar do que escrever.

Foi muito interessante ver aquelas pessoas procurando o que ainda poderia estar guardado e conhecer suas histórias. As fotografias são o registro mais importante que esses migrantes têm guardados sobre o passado, sobre a história de família. As cartas podem ter se perdido por não fazer parte da cultura oral desses migrantes. As ligações telefônicas não podem ser guardadas, são consumidas instantaneamente. Mas as fotos foram conservadas, e são como portas para a lembrança dos lugares, das pessoas, de histórias acontecidas. Mesmo com o telefone, a distância ainda é um fator de fragmentação dessas famílias. As viagens são mais frequentes, mas ainda assim limitadas. As fotografias ficaram guardadas, fazem parte da memória e conduzem à memória.

### **4.3 As festas na família de seu Manoel**

Nesta seção iremos pensar sobre as festas de família. Observamos duas festas na família de seu Manoel e com base nas entrevistas com membros desta família iremos pensar, relatar e entender como estas festas constroem lugares da memória. Para todos os entrevistados, inclusive as crianças, perguntamos como são as festas de família. As respostas estão relatadas dentro da entrevista de cada pessoa, por considerarmos importante para esta dissertação destacar as histórias separadamente para ser o mais fiel possível à forma como nos relataram e para que o leitor conheça a história de cada entrevistado. Nesta seção, o ponto central será a observação das festas em que participei.

Queríamos saber como os membros da família se relacionam nas festas. O que é importante acontecer quando a família se reúne? Durante a pesquisa foi observado que, de modo geral, em famílias extensas as festas são mais frequentes do que em famílias com poucos membros. Provavelmente em todas as famílias existe um momento e um lugar em que a maioria dos membros se reúne. Vamos falar sobre duas festas que acompanhei na família do seu Manoel, em que a maioria dos membros da família estava reunida.

As festas nesta família atualmente são comuns, e geralmente acompanhadas de música. Sanfoneiro e “baileiro”, seu Manoel tocou durante muitos anos em festas na região, mas precisou vender sua sanfona – a filha não se lembra por qual motivo – e durante anos ele não tocou mais. A filha do seu Manoel, Lúcia, contou que no aniversário de 70 anos do seu pai, as filhas lhe deram uma sanfona de presente. Seu Manoel ficou muito emocionado com o presente, e segundo ela, sempre ao entardecer ele toca a sanfona na varanda de sua casa, acompanhado de seus amigos de longos anos e seu irmão, ou na ausência deles, toca sozinho.

A sanfona também estava presente na festa de bodas de prata da Lúcia. A noiva convidou os amigos da cidade durante as missas na igreja católica. O convite era para a missa em celebração às bodas de prata e depois haveria um bolo no salão dos Idosos, porém os noivos conseguiram dinheiro para fazer algo maior, anunciou a todos sobre o dinheiro e mantiveram o convite para a festa. Pediu ajuda aos amigos para que a celebração fosse feita de forma parecida com a festa do dia do seu casamento. A valsa foi tocada na sanfona e no teclado, depois todos começaram a dançar, ao ritmo do forró. Perguntei ao pai da noiva, qual festa tinha sido melhor, a do dia do casamento ou as bodas? Ele respondeu que as duas foram ótimas, mas no casamento o forró durou até o dia clarear. Tanto no casamento como nas bodas, o pai da noiva que toca sanfona se ausentou do instrumento para as comemorações e convidou seus amigos para tocar.

A festa de bodas de prata funcionou como um lugar para pensar não apenas os vinte e cinco anos de casamento, como também o modo como sua família realizou os casamentos. A festa, assim como nas bodas, foi aberta a quem quisesse participar. A comida foi feita pelas amigas da mãe da noiva e servida pelos pais e padrinhos. Sua irmã, Maria Oneide, contou que em seu casamento também houve o forró onde os convidados dançaram na rua, pois não havia lugar na casa para todas as pessoas.

Outra festa que participei foi o aniversário de dona Lourdes. Fiquei sabendo da festa de aniversário durante uma visita à casa da Lúcia. Quando soube que as filhas de dona Lourdes haviam pegado as fotografias da mãe e da tia Sebastiana marquei uma visita à casa da Lúcia, visita que vou relatar na próxima seção. Estava se aproximando o aniversário de setenta anos de dona Lourdes, e as filhas que moram em outras cidades estavam na casa da mãe a passeio por causa das festas do fim de ano. Então, as filhas se reuniram para organizar uma festa surpresa, fato que deixou dona Lourdes intrigada. Segundo a Lúcia, sua mãe estava muito triste com as filhas, pois elas estariam conversando às escondidas e ela pensou que elas estavam falando mal dela, mas na verdade eram os momentos em que as irmãs trocavam informações sobre os preparativos da festa.

A festa aconteceu em uma casa alugada nas margens do rio Tietê, na prainha da cidade para que dona Lourdes não desconfiasse. A família foi convidada, havia muitos conhecidos e parentes (fig. 13). As filhas organizaram homenagens, músicas, poesias, e deram um colar com um pingente com sete meninas de presente para a mãe. Segundo elas, dona Lourdes sempre quis um colar com as meninas, mas seria caro comprar um colar com sete pingentes (fig. 14).

Depois das homenagens foi servida a comida e logo depois seu Manoel, alguns amigos e parentes se reuniram para tocar e cantar (fig. 15). Sentaram-se com sanfona, violão, triângulo, tambor, reco-reco. Os convidados afastaram as cadeiras e começaram a dançar. Depois de algum tempo percebi que o número de convidados havia diminuído, pois tinham ido embora. Mas também notei que não havia crianças ali. Os netos ficaram por perto no início da festa, mas logo se reuniram em outro lugar. Encontrei os netos na sala da casa, conversando. Sentei perto deles e comecei a brincar ali. Perguntei por que não estavam lá fora, perto da música, e eles disseram que não gostavam. Então perguntei por que não gostavam. Neste momento notei que eles perceberam minha intenção, pois sabiam que não estava ali apenas porque conhecia a família. Começaram a dizer que aquela era música de velho, que estavam cansados daquelas músicas que não tinham sentido porque eles não

sabiam quando começava e quando terminava, não tinha letras, enfim concluíram que era música de velhos.

O que eles disseram era o que eles sentiam, porém se nas festas de família aquele descompasso entre gerações era em torno de cinquenta por cento entre o gostar e o não gostar, eles quiseram mostrar que esse descompasso pode chegar a cem por cento. Eles mostraram o máximo da diferença entre participar daquele ambiente e não querer participar. Isso não significa que há uma repulsa dos netos com as festas de família, pois de certa forma estas festas também trazem vantagens para eles. É o momento em que os primos se reúnem mesmo que seja para falar do que não gostam, ou seja, é um momento coletivo.

De forma geral, em reuniões de família muitas vezes as pessoas se dividem por gênero e faixa etária: as mulheres ficam juntas, os homens ficam em outro lugar e as crianças brincam perto dos adultos, mas não no mesmo lugar. Por não partilharem do mesmo lugar, as histórias podem ser contadas, mas não ouvidas na mesma proporção. Os netos sabem no geral que aquele acontecimento de música, dança e comemoração acontece com certa regularidade e que são organizados pelos adultos, os avós e pais. As histórias são ouvidas nestes momentos que se repetem com certa regularidade, aniversários, festas de fim de ano. Assim, os netos vão somando essas histórias e as realimentando. O importante em observar essas festas não é generalizar para outras famílias este gostar ou não gostar de participar das festas, mas observar como acontecem e como os membros interagem nas festas, quais rituais elas seguem e o que significa reunir a família. Estas são algumas descobertas da pesquisa que é mais um mergulhar no cotidiano destes migrantes e seus descendentes através das histórias de vida e de suas memórias. Para Certeau, “O relato [...] privilegia, por suas histórias de interação, uma lógica da ambiguidade. ‘Muda’ a fronteira em ponto de passagem” (CERTEAU, 2012, p. 196). Estas festas funcionam como uma fronteira que expõe as diferenças no mesmo momento que une as duas partes, pois permite que as gerações da família se conheçam, que mostrem quem são e entrem em contato entre si.

As festas na família do seu Manoel constroem lugares da memória. A partir delas o grupo migrante pode reconstruir costumes como a música, a festa e também realimentando histórias. Essas festas reconstróem os costumes do grupo migrante junto às demais gerações introduzindo-as nos rituais e ensinando os costumes da família. As características observadas nas festas na família do seu Manoel coincidem com alguns relatos sobre como eram as festas de família para outros entrevistados, nos relatos que seguem neste capítulo e também nos relatos das crianças.

A seguir está uma entrevista com a filha do seu Manoel, Lúcia, e outra com a filha de dona Celeste, Elisângela. Estas entrevistas são importantes, pois relatam como os filhos souberam das histórias e trajetória de migração dos pais e parentes. E assim entender se houve mudança na forma de construir lugares da memória para os filhos e para os netos.

#### 4.4 Entrevista com Lúcia

A entrevista com a Lúcia, como disse, surgiu porque dona Lourdes e dona Sebastiana disseram que as filhas tinham buscado em suas casas cartas e fotografias. Porém, a entrevista relevou lembranças sobre a infância na família de seu Manoel e, principalmente, revelou outro Manoel e outra Lourdes. A seguir há trechos transcritos da entrevista e algumas considerações.

Expliquei sobre o que se tratava a pesquisa e pedi para ela descrever como era sua casa na infância. Em meio a uma descrição detalhada selecionamos este trecho.

... Não tinha esgoto, era estrada tudo de terra, a gente brincava muito ali à noite enquanto meu pai estava no bar, porque não podia brincar. A gente era proibida de brincar, porque a gente era tudo mulher não podia ter contato com nenhum homem, tudo menina, então nós fomos totalmente separadas disso. A gente brincava, à noite a gente ia brincar, quando chegava umas oito e meia da noite tinha que entrar para dentro, lavar os pés para dormir antes do meu pai chegar, entendeu? [...] À noite. Jogava, é... queima, ladrão dos porcos, entendeu, rela rela, esconde esconde, a gente brincava muito disso. Durante o dia a gente brincava de casinha normal, fazia comida, entendeu, lavava, a gente copiava minha mãe, era isso que a gente fazia... (Lúcia).

Depois de descrever sua casa foi muito espontâneo descrever sobre as brincadeiras. Provavelmente todas as crianças devem se lembrar das brincadeiras, pois é a única idade em que é legítimo usar o tempo para brincar. Este brincar à noite é algo que outros entrevistados também mencionaram. À noite as crianças da rua se juntavam para brincar, era um momento social e coletivo. Mesmo quando era proibido sair à rua, nesta hora a mãe ou outro parente deixava, cuidava, olhava às crianças brincando.

Por isso que eu digo que a gente brincava à noite, mas tinha um certo momento que tinha que parar, porque meu pai não poderia chegar e pegar nós na rua, entendeu? (Lúcia).

Percebemos aqui que a rua é um lugar público e a mulher não estava oficialmente neste lugar. Brincar na rua e à noite era algo que poderia prejudicar a reputação da mulher. Este brincar à noite poderia ser consentido ou proibido, mas era um momento público que faz parte da memória dos entrevistados como um momento de socialização onde se aprendia

coisas novas, mesmo que sejam brincadeiras, e incorporava na prática o que é do outro, era um momento de aprendizado. Após dizer que seu pai não deixava que as filhas brincassem na rua, perguntei sobre a convivência com o pai e a família.

Meu pai não cantava, não tocava, meu pai era muito bravo, muito severo, e na música fala que quem fazia estripulias a mamãe nos defendia e tudo se ajeitava<sup>10</sup>. Minha mãe era dessas. [Mas ele toca...] Sanfona. [Mas ele não tocava em casa?] Não. Meu pai tocava em baile. Meu pai era forrozeiro, ele, meu tio Delviro e meu tio Batista. Meu tio Batista no pandeiro, o tio Delviro no violão parece, e meu pai na sanfona. [Em casa ele não tocava?] Não. [Você não se lembra dele tocando?] De jeito nenhum. Eu lembro da gente... eu lembro da foto, mas não sei como eu tirei, porque eu vejo a foto. Nós todas em pé, sentada com ele, ele com um óculos Ray Ban na cara e com a sanfona no colo e nós todas olhando para ele. [...] Mas eu não lembro desses momentos, entendeu? Dele cantando, dele tocando. Lembro muito da minha avó no quintal, do meu tio Esídio, do meu avô, benzia, morava no fundo, tinha uma casinha... (Lúcia).

Este relato modificou a imagem que eu tinha criado sobre seu Manoel. Aquele homem que faz festa, que toca para todos, era um homem público, e a Lúcia me mostrou o homem privado. Ela também contou que ele começou a fazer mais festas na família depois que ficou mais velho e depois de ganhar a sanfona das filhas no aniversário de 70 anos. Ela percebeu essa mudança, pois não se lembra de haver muitas festas em casa quando era mais jovem. Em um trecho relata que certa vez falou para ele que tinha mágoa por ele ter sido muito severo e muito distante das filhas:

Mas a gente morria de medo do meu pai, a gente não tinha essa liberdade de sentar perto. Não deixava ninguém encostar nele, porque ele era homem. Tanto é que com vinte e seis anos de idade, aqui nesta casa, veio para ver a Almira na televisão e eu falei com ele, aquele dia eu tomei coragem e falei que eu era daquele jeito, que eu era triste porque ele não me pegava no colo. [...] E ele falou para mim que me amava muito, muito, muito, e que ele... que eu não podia ter ficado magoada, porque ele não fez isso por maldade, era porque ele era homem e ele tinha sete mulher, e que naquela época não podia homem ter contato com mulher, pai não tinha contato com a filha assim, e que eu tinha que ficar triste se eu, se ele pegasse as outras e não pegasse a mim, mas ele não pegava nenhuma, então porque eu fiquei triste? (Lúcia).

Neste relato podemos ver que a imagem do pai dentro de casa não é a mesmo do pai em público. Como vimos em Fraser (1994; 2007), os valores familiares estavam baseados em funções específicas para os homens e para as mulheres. Em outro momento, Lúcia nos relatou que ela sempre percebeu que ela era como um menino para o pai. Pois de todas as filhas ela era a única que ajudava o pai com o trabalho. Entre as funções que ele delegava a ela estava ir

---

<sup>10</sup> Ela se refere a uma música do Padre Zezinho que se chama Utopia, cantada na igreja da cidade. A Lúcia é responsável por cantar e tocar teclado em um coral na igreja católica da cidade.

ao banco, ajudar nas vendas e fazer compras. Esta percepção que a Lúcia tem, de dentro da relação pai e filho, deixa claro que à figura masculina cabe a vida pública e à figura feminina cabe o âmbito doméstico. Por uma exceção, talvez pelo fato de ter tido apenas filhas, em um momento se tornou possível que uma filha assumisse a função masculina. É notável nas entrevistas que às meninas o primeiro trabalho fora de casa foi o trabalho doméstico ou de babás.

As pessoas sempre estão representando papéis (GOFFMAN, 2002). Os entrevistados estão representando um papel no momento da entrevista de acordo com o que eles imaginam ser a melhor resposta ou a melhor imagem para as perguntas feitas, para o objetivo da pesquisa. Assim como o pesquisador também está representando um papel durante a pesquisa. Como pesquisado e membro da comunidade estes papéis que são ambíguos e ora se chocam. O fato de ser membro da comunidade, ou seja, alguém próximo a essas pessoas e por outro lado o papel de estar investigando, indagando sobre fatos da vida privada que são contados entre a família, às vezes de forma cautelosa, e que no momento da pesquisa precisam ser contados. Assim os entrevistados apresentaram uma versão do cotidiano, pode ser frequente ou não, enfático ou não.

Minhas questões ao seu Manoel estavam direcionadas sobre os acontecimentos da migração, como foi sua vida, seu trabalho, como eram as festas, como era a música, como sua família se reunia. E sua filha mostrou uma versão do cotidiano, do fazer em casa. De certa forma, a vida sofrida que seu Manoel nos contou em meio aos momentos de aventura, daquele que sai em busca de algo melhor, estava refletida na vida dentro de casa.

Ele fala para nós que nós não sabemos o que é vida difícil, por isso que nós esbanjamos desse jeito. “Vocês não sabem o que é sofrer, vocês não sabem quando eu vim da Bahia, [...] do Norte com dezesseis anos, comi o pão que o diabo amassou, eu lutei para chegar aonde eu cheguei. Vocês encontraram tudo assim, por isso que vocês não dão valor em nada”. Ele acha que isso é não dar valor, ele não vê isso como um bem-estar, uma mordomia, uma coisa, não, é para o bem-estar da família. Ele acha que é uma mordomia, que é jogar dinheiro fora. Aí, por exemplo, eu não tenho dinheiro guardado, se eu precisar pagar um médico, uma consulta, um exame, eu não tenho o dinheiro. “Então, não guardou. Ficou só pensando no hoje, não tem com o que ir, agora eu tenho, tem que vir atrás de mim para eu arrumar, porque eu penso no amanhã, você só pensa no hoje” (Lúcia).

Essas dificuldades financeiras as crianças também viveram, não com a responsabilidade de sustentar a casa, mas sentindo essas incertezas, a falta de bens, necessidades neste ambiente privado. A Lúcia nos disse que começou a trabalhar com nove anos, assim como as outras irmãs. Toda a infância narrada é até os nove anos. O trabalho é um

marco entre o depender de alguém e o fazer algo. O discurso de “na minha época foi mais difícil” faz parte dessa lógica de socializar a dificuldade. Esse discurso enfatiza a dificuldade vivida, dá valor à trajetória de vida, mas também ensina que a vida é difícil e que não se pode esperar muito dela. Esse ensinamento pode ser observado no relato a seguir. Perguntei a ela em que momentos ele contava sobre a vida dele.

Tudo era porque tinha algum problema. Nunca foi assim: “olha minha filha vou contar essa história para vocês”, não. A gente começava com um problema, a gente começou a trabalhar todas elas de doméstica, as filhas [...] muito cedo nós começamos a trabalhar. Então trabalhava, chegava, conversava e contava. A gente queria alguma coisa, não tinha dinheiro, a gente ia pedir para ele. “Vocês estão pensando que é fácil? Vou contar como é que foi minha vida. Vocês estão pensando que é assim? Não é assim não”. Aí ele começava a destrinchar. Inclusive quando eu estava na... sexta série, aula de Educação Moral e Cívica, eu comprei... tinha que ter o livro, eu comprei o livro de Educação Moral e Cívica, eram quatrocentos e sessenta reais. Eu cheguei nele e falei: “pai, é... eu comprei esse livro aqui, eu preciso de um livro, eu comprei e depois eu pago o senhor”. Para ele me dar o dinheiro, ele me deu o dinheiro do livro, entendeu? E eu não tinha que pagar ele. Ele me deu, mas ele cobrou, entendeu? “Você está me devendo o livro de Educação Moral... aquele livro”, ele falava. “Eu quero meus quatrocentos e sessenta reais... que eu te arrumei, que eu te emprestei, se vira. Porque você pensa que a vida é fácil? Não é não. Eu comecei a trabalhar muito cedo, eu saí de lá da Bahia com dezesseis anos e vim aqui, enfrentei, derricei muito café...”, né, muito toco também. Disse que arrancou toco por aí que eu não sei de onde saiu tanto toco, mas ele fala. Ele falou... ah, estrada de ferro também, ele fez parte, viu, das estradas de ferro. Então, “eu comecei muito cedo, eu lutei para chegar, agora vocês querem assim”. Quer dizer, que ele não ia me dar nada, que eu tinha que saber como a vida era dura, eu tinha que trabalhar e ter, eu não ia ter dele. Eu tive que pagar o livro, sexta série eu estava, entendeu? Então, ele... eram esses motivos que davam a abertura para ele contar a situação dele (Lúcia).

Como vamos ver em outras entrevistas, havia pouco dinheiro para quem trabalhava, e os filhos também eram uma fonte de renda, pois se houvesse um negócio familiar os filhos seriam empregados ali, e se não houvesse os filhos teriam algum trabalho que beneficiaria toda a família. Há uma ideia negativa do trabalho no Brasil, como explicou Sergio Buarque de Holanda (1973), como uma herança ibérica onde sobressai aquele que tem privilégios e não aquele que tem sangue e muito menos o trabalhador. Mas na maioria da população, naquelas pessoas que trabalham, há uma educação para o trabalho. Não necessariamente estamos falando da escravidão, mas das pessoas que não tinham esses privilégios e precisavam trabalhar. Essa educação para o trabalho é acompanhada de uma educação do sofrimento. Se algo não está te causando dor também não está sendo realizado direito ou da melhor forma. Talvez por isso, dar alguma coisa a alguém, mesmo que aos filhos, era um ritual de

sofrimento, o que se está dando não é algo que está sobrando, mas algo que foi tirado de mim. No próximo trecho podemos perceber ainda a forma como a história de vida foi apresentada à filha e como foi incorporada por ela.

[Ele conta sobre quando veio da Bahia?] Conta, conta. Largou tudo lá, veio primeiro, com a cara e com a coragem, para ser saqueiro na usina, ele conta. Trabalhou na cana, cortando cana. Ele conta para gente o tanto ele sofreu. Que ele foi sindicalista, que ele brigou, que ele foi atrás dos direitos uma vez que o sindicato... eles não queriam... para ter presidente do sindicato eles não queriam pagar o valor que eles tinham que receber. Meu pai fez um grupo, um líder, meu pai foi líder, ele levou isso tudo até São Paulo, foi atrás dos direitos. Brigou muito, meu pai, sempre... (Lúcia).

Novamente a imagem de sofrimento é reforçada evidenciando que não foi um mudar de casa, mas construir tudo de novo. Este reconstruir é algo a ser valorizado e por isso é enfatizado, não como um contexto histórico, mas como um modo de vida.

A Lúcia continua o relato anterior explicando sobre o apelido do seu Manoel, o que nos levou a pesquisar sua família.

Ele falou para você por que ele é conhecido como Mané Bahia? [...] Ele pegou apelido de Mané Bahia, porque ele foi trabalhar aqui [...] o pessoal trabalhava, não sei te falar com o que era que o Michel fazia, só sei que meu pai trabalhava com uma turma de pessoas trabalhando. Aí na hora de fazer o pagamento e o acerto eles falaram que não iam pagar, que não tinha nada para acertar, aí meu pai brigou e xingou: “você pode até não pagar os outros, mas aqui o Mané Bahia você paga”. Mas ele falou isso com tanta firmeza que a pessoa pagou todos os funcionários e pagou ele também, e nunca mais mudou o nome [...] (Lúcia).

Quando perguntei sobre o apelido, seu Manoel disse que quando se chegava ao estado de São Paulo era chamado de “barriga verde”, termo que também dona Marta e seu José irão se referir. Para seu Manoel, era considerado “barriga verde” alguém que não sabia como devia se comportar, era excluído porque não sabia como as coisas funcionavam no lugar de destino e por isso as pessoas se aproveitavam deles. Segundo ele, se chamou de Mané Bahia para não ser considerado como qualquer outro Manoel que poderia ser enganado, mas com ele seria diferente. Seu Manoel falou sobre o apelido, mas não falou do contexto da história como sua filha nos contou depois.

Insisti na entrevista para saber se seu Manoel contava alguma outra história. Lúcia disse não se lembrar do pai contando sua história de vida em outros momentos que não envolvesse algum problema. No entanto se lembrou da sua mãe e novamente ao tempo de infância, das brincadeiras na rua, de quando iam para a cama.

Quando nós deitávamos, ele chegava, nem que nós não estávamos dormindo a gente estava fingindo. [...] A minha mãe entrava no quarto, porque o meu quarto [...] do meu quarto ia para o quarto da minha mãe, não tinha outra saída. Aí minha mãe ia contar as histórias para nós, as historinhas, entendeu,

da branca de neve, da cara de pau, [...] vixe, do lobisomem, do cachorrinho cherin xin xau. Ela ia contar essas histórias todinhas primeiro, a história do galo, e ia contar história, depois que nós íamos dormir. [...] Então, a minha mãe foi muito presente, ela contava muita história. Ela contava da Bahia, o que ela vivia. Ela tem uma mágoa muito grande porque ela veio embora fugida para cá, ela enganou a minha mãe, a minha avó. [...] Ela veio embora da Bahia com a minha tia Sebastiana, [...] ela veio com essa minha tia escondida da minha avó. Minha avó ficou louca, três dias andando no mato, gritando e chorando procurando ela [...] (Lúcia).

Nesta época de infância relatada, Lúcia disse que eram em cinco irmãs, dormiam todas juntas em uma cama de casal. Fiquei imaginando dona Lourdes cuidando em pôr as meninas para dormir. Essas histórias contadas transportam as pessoas para outros lugares e nem sempre são guardadas, lembradas totalmente, às vezes é necessário acontecer algo para que elas ressurgam. Porém, a sensação que tiveram em ouvir as histórias permanece.

Os lugares da memória são momentos para sentir. Rememorar, relebrar é mais uma tentativa de sentir novamente o que aconteceu e descrever sua sensação diante de um fato, é o relato da experiência. Neste relato de Lúcia é possível observar que as narrativas do passado permanecem. Para Certeau o relato é delincente, pois mesmo mudando as relações sociais e a sociedade, as narrativas de outrora são deslocadas para um novo ambiente, não permanecendo apenas nas histórias, mas também “dentro de casa” (CERTEAU, 2012, p. 198). Assim também as narrativas dos migrantes, de um tempo passado não foram caladas, mas existem dentro de casa.

Os lugares da memória que em outras entrevistas surgiam com a música e com a festa, não foram, de acordo com o relato da filha, os mesmos lugares da memória construídos para ela e suas irmãs. As histórias de sofrimento, e relatadas como forma de superação de dificuldades eram contadas às filhas sempre que algum problema surgia. A comparação entre a vida das filhas e as experiências de vida que o pai migrante teve, era uma forma de ensinar as filhas que deveriam agir de acordo com a conduta de vida aceita naquela família. Novamente, podemos perceber a diferença entre a forma como os lugares da memória são construídos pelas mulheres e pelos homens. Na próxima seção entrevistamos Elisângela, filha de seu Antônio e dona Celeste e prima da Lúcia.

#### **4.4.1 Entrevista com Elisângela**

Elisangela Miranda é filha de dona Celeste e seu Antônio. Pensei em entrevistá-la quando decidimos fazer mais duas entrevistas com os filhos de migrantes para tentar entender se havia semelhanças nos relatos entre elas. Quando comecei a pesquisa sobre a memória da migração nordestina, minha mãe, uma informante muito importante para esta pesquisa, começou a comentar nas conversas com os conhecidos esta pesquisa. Certa vez, minha mãe mencionou que tinha conversado com a filha da dona Celeste, e que ela começou a contar sobre as histórias da mãe e dos tios. Assim, ela seria uma pessoa que estaria disposta a dar a entrevista.

A entrevista foi mais parecida com uma conversa sobre a pesquisa. Todas as entrevistas tiveram algo de conversa informal, mas com a Elisangela conversamos sobre os bastidores da pesquisa. Ela é professora no Ensino Infantil e gosta de trabalhar narrativas com os alunos. Ela se denomina como contadora de histórias. Ainda coleciona objetos antigos que os familiares e moradores lhe dão, ou que encontram no lixo. Ela reserva parte do material em casa e outra parte na Escola Municipal de Educação Infantil João Jacob Alvarez, onde leciona. Com estes materiais ela inventa histórias para as crianças. Cada objeto possui uma história que ela ouviu ou se lembra, e em outras ocasiões cria novas histórias com os objetos.

Há malas antigas, telefone antigo, lamparinas, primeiros transmissores de TV, rádio antigo, vinil, vestido de casamento, dinheiro antigo, ferramentas de cultivo. Enfim, estes objetos ganham vida nas mãos da educadora. Perguntei a ela se se travava de algum projeto que a escola mantinha. Mas disse que faz este trabalho em sua sala de aula, pois tem habilidade em contar histórias, e sempre que há uma nova história a conta para as crianças no pátio. Disse que gostaria de juntar todos os seus objetos e criar um museu na cidade. Conversamos sobre a necessidade de expor a história das pessoas na cidade e lembrei a ela das fotografias na biblioteca municipal que não são expostas, entre um dos motivos está a falta de espaço.

Contou-nos que sempre ouviu muitas histórias em sua família. De acordo com ela, sua mãe não conta muitas histórias da Bahia, pois migrou muito pequena com quatro anos. Mas contava que havia muito sofrimento onde moravam e precisavam andar para buscar água até uma lagoa que ficava na propriedade do avô de dona Celeste. A mãe ainda conta sobre a viagem, e que quando chegaram à Hospedaria dos Imigrantes deram, nas palavras de Elisangela, sanduíche para os migrantes comerem, mas passaram mal porque não estavam acostumados a comer mortadela e tiveram que ficar internados.

De acordo com ela, a mãe nunca quis voltar à Bahia, mas outros parentes voltaram a passeio.

Os outros tios voltaram. [...] Ela fala que não tem saudade de lá não. Tem muito assim, que ela lembra era muito sofrimento, então ela não tem vontade de voltar lá não. [...] Não, nem a passeio. Dizem que tem heranças lá, mas ela falou “não, deixa para quem ficou lá, eu não quero não”. E os outros tios também pensam assim. Não tem saudade de lá não. [...] Assim, no caso, a cunhada da minha mãe, foi casada com meu tio José, ela foi algumas vezes para lá. Mas ela, só a passeio também. [...] Não, não tem saudade não. Porque era muito sofrimento, né, muita (Elisangela).

Elisangela nos contou se lembrar com muita saudade dos encontros de família que aconteciam no sítio de uma tia avó que mora em Braúna, há cerca de 50 quilômetros de Barbosa, que está com 85 anos atualmente. E ainda, que havia visitado essa tia há pouco tempo. Ela teria herdado de um parente, o tio que dona Celeste também menciona em sua entrevista, os aprendizados sobre benzimentos, segundo Elisangela, principalmente contra quebranto e mal olhado. Sobre as festas de família ela disse:

Ah, era uma delícia. Eu vejo assim, que naquela época o Natal tinha mais alegria de comemorar o Natal, naquela época. [...] Porque a gente fazia assim... Ah aquela empolgação de encontrar os primos de fora, ir para o sítio da tia em Braúna. [...] Todos, todos, todos. Teve um tio, que é irmão da minha mãe que morou seis anos no Iraque. Então, todo mundo ficava na expectativa de quando o tio ia chegar. [...] E muitas vezes ele... na época não tinha internet, não tinha nada disso. Ele gravava em fitas k7 né, e falava “ó, tá escutando este barulho? É o barulho dos... está tendo guerra aqui no Iraque, Israel” estes países todos lá. E a gente ouvia tudo. Ele mandava por correspondência e a gente ouvia ele conversando. “Ah, agora são – por exemplo – três horas da manhã” é... “o Iraque está guerreando contra não sei quem (Elisangela).

Provavelmente este tio, que migrou como trabalhador de uma multinacional, estava presente na Guerra Iraque-Irã, pois ela disse que se lembra de ouvir o tio falar de Aiatolá Khomeini (1900-1989), autoridade religiosa xiita no Irã entre 1979 a 1989<sup>11</sup>.

Perguntei em que momentos os parentes contavam suas histórias. Segundo ela, começava com a preparação do almoço. Os parentes que moravam em outras cidades vinham para o Natal e havia muita comemoração nestes encontros.

Ah, final de ano, depois do almoço. Depois daquele franguinho assado, aquela macarronada parecia ter mais sabor, naquela época. Hoje, você quer um frango, vai no mercado e compra. Naquela época não, era assado assim no forno a lenha. Já começava a história assim, de pegar o frango no galinheiro, matar o frango, temperar, fazer assado, macarronada. Aí depois

---

<sup>11</sup> WIKIPÉDIA. Ruhollah Khomeini. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ruhollah\\_Khomeini](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ruhollah_Khomeini)>. Acesso em: 06 jan. 2014.

do almoço, tinha a sobremesa. Era assim, frutas, não tinha muitos doces igual hoje as pessoas veem muitos pudins, muitas tortas. Era mais assim, a sobremesa eram frutas. É que ia lá no pomar, arrancava laranjas, tinha plantação de melancia, goiabas, manga. Todo mundo sentava lá e ia contar história, ouvir as histórias.

[E as histórias, eram assim...] Lendas, nossa, eles contavam muitas lendas, muitas histórias assim de, do Nego d'água. É... folclore brasileiro, assim essa parte de folclore. Saci Pererê, Lobisomem. “Ah, no sítio lá do seu fulano tem um lobisomem”. “Seu fulano vira lobisomem”. Só tinha esses momentos, nas festas juninas também. Na época de quadrilhas, assim, tinha esses momentos também de contação de histórias (Elisangela).

As histórias folclóricas são contadas de forma a sempre se remeter a alguém conhecido. O fato de ter acontecido com alguém, de alguém próximo ter vivido aquela experiência legitima a história e transmite um ensinamento, pois se aconteceu com fulano pode acontecer novamente. Sobre as festas juninas veremos em uma seção neste capítulo sua importância para a cidade e como uma porta para acessar lugares da memória. Elisangela também conhece histórias que sua mãe conta sobre os familiares. Sobre o bisavô que era índio, foi pego a laço, amarrado e amansado com fumo de corda. Também de que parte da família veio em navios negreiros da África.

Para ela, foram as histórias de família que motivou e formou sua habilidade em contar histórias para as crianças. Perguntei a ela o que considerava mais importante, as histórias de família ou a história na escola. Ela mencionou que as histórias de família são guardadas de outra forma, foram vividas por pessoas conhecidas. São relatos muito próximos e que por isso tem importância maior para sua vida. Percebemos que nestes relatos das filhas de migrantes, as histórias dos pais de certa forma atingia diretamente a vida dos filhos. É preciso dizer que a diferença de idade entre a Lúcia e a Elisangela é de cerca de dez anos. A filha de seu Manoel relatou que não se lembra de haver festas quando criança. Por outro lado, a filha de dona Celeste mencionou os encontros no Natal na casa da tia.

Nossa pesquisa não pretende determinar um lugar da memória especificamente, mas entender o que são e como acontece. Assim consideramos que a memória existe a partir da vivência. Tanto os encontros no Natal quanto os ensinamentos sobre as dificuldades da migração são lugares da memória construídos pelos migrantes para lembrar e ensinar. As narrativas são contadas de formas diferentes: quanto mais recentes ou distantes estão do evento da migração, assim como variam conforme o lugar, acontecimentos e pessoas presentes nos relatos. A seguir serão relatadas as entrevistas com os avós migrantes feitas a partir das entrevistas com as crianças que entrevistamos.

## **4.5 Os avós**

Nesta seção são apresentadas as entrevistas realizadas com os avós de duas crianças que participaram da pesquisa. Como gostaríamos de saber se existe uma memória da migração no interior das famílias, nosso objetivo era entrevistar os próprios migrantes que atualmente são os avós das crianças em idade escolar. Além disso, os avós sempre foram importantes na família como aqueles que cuidam dos netos na ausência dos pais. Essa função de cuidar das crianças vem sendo transferida às escolas, mas os avós ainda tem grande responsabilidade em cuidar dos netos ou por necessidade ou por vontade. Consideramos que no caso dos avós morarem na mesma cidade teriam algum contato com os netos e contariam suas histórias a eles.

As entrevistas se basearam em dois objetivos: conhecer a história de migração dos avós; e saber se os avós contam suas histórias aos netos. Duas perguntas principais foram feitas com base nesses objetivos: 1) Quando o senhor(a) veio do Nordeste? 2) O senhor(a) costuma contar essas histórias para seus netos? Entre essas duas questões várias outras foram feitas para saber mais sobre os acontecimentos anteriores e posteriores à migração e sobre o contato com os netos. Ainda perguntamos aos avós se seus pais contavam histórias sobre seu passado, suas experiências, para saber se os avós avaliam ter tido mais ou menos contato com seus pais do que atualmente eles têm com seus netos. A seguir contaremos as histórias de dona Marta, dona Emília, e seu José.

### **4.5.1 Dona Marta**

Dona Marta é a avó materna da Criança 10. Ela não é migrante, porém é neta de avós que migraram do Mato Grosso do Sul. A visita na casa dela teve como propósito conhecer sua história e pedir para que ela contasse sobre o seu falecido marido, seu Pedro, que era migrante da Bahia. Talvez seja importante o leitor saber que tenho uma proximidade com dona Marta, o que pode ter contribuído para que a entrevista fosse mais íntima e, contribuído com aspectos importantes para a pesquisa a respeito das relações e convivência familiar. Contaremos a seguir a história de dona Marta, faremos alguns recortes de sua fala intercalados de reflexões sobre a pesquisa de campo, sobre a migração nordestina, sobre costumes neste grupo pesquisado.

Dona Marta nos contou que foi morar com seus avós com quinze anos de idade. Seus avós moravam em uma fazenda do outro lado do rio Tietê. No lado ao sul está a cidade de Barbosa e ao norte pertence à região de José Bonifácio. O seu avô trabalhava em uma fazenda onde havia plantações de milho, algodão, feijão, arroz, etc., e acolhia os migrantes que chegavam do Nordeste. O marido de dona Marta, seu Pedro, foi um destes migrantes que chegou, segundo ela, em 1950 vindo de pau-de-arara em uma viagem que durava oito dias.

Foi na casa do avô que eles se conheceram e começaram a namorar. Namoraram por cinco anos e como ela disse não foram eles que decidiram se casar, mas seu avô achou melhor que se casassem para poder trabalhar como caseiros em outra fazenda. Casaram na época da colheita, pois segunda ela, só se podia casar quando tinha dinheiro e para ter dinheiro era preciso vender a colheita:

O pessoal da roça casa assim no tempo em que colhe a roça. Não é qualquer tempo, é só julho, agosto, maio. (...) Aí colhe o mantimento e vende, aí faz o dinheiro. Hoje é prestação, trabalha de empregado lá, antes tinha que ter o dinheiro, e tudo no dinheiro, não tinha como ser fiado. Fiado quando? Ia pagar daqui um ano? (dona Marta).

Sobre a vida de seu esposo, contou que seu Pedro foi criado por uma irmã mais velha, pois sua mãe morreu quando ele tinha um ano e meio e seu pai quando tinha 10 anos de idade. Quando fez 15 anos migrou para o estado de São Paulo.

Para poder sair de lá, porque estava naquele auge que chegava aqui no estado de São Paulo, em São Paulo, antes não falava que era o estado, era São Paulo, que ganhava dinheiro, aí ele veio. Ele veio com quinze anos. Disse que não vinha. Ele pegou o caderno lá, porque não fazia registro. Diz que quando a criança nascia tinha o caderno e anotava a idade da criança, o dia que a criança nasceu e o ano. Ele disse que catou escondido o caderno, foi lá no cartório (...) daí ele foi, disse que catou esse caderno escondido dessa irmã foi lá no cartório e disse que tinha dezessete anos. Daí ele veio naquele caminhão, aqueles pau-de-arara, aí disse que veio e parou aqui em Promissão (dona Marta).

Quando chegou a Promissão, cidade com cerca de 50 quilômetros de Barbosa e 25 quilômetros próximos a Lins, ficou sabendo que seu irmão que tinha migrado anos antes estava morando em Campinas. Então, ele foi até Campinas para se encontrar com o irmão que trabalhava em uma fábrica que fazia sabonetes da marca Lever. Segundo dona Marta, seu Pedro dizia que chegou à casa do irmão com roupas velhas, mas seu irmão estava estabelecido com emprego e andava bem vestido. Quando esse irmão saía para trabalhar, seu Pedro abria o guarda-roupa dele onde havia ternos e sapatos novos. Pensava que seu irmão podia lhe dar algum, mas não falava porque sabia que não daria. De acordo com ela, o patrão da fábrica onde o irmão trabalhava queria contratar seu Pedro, mas ele não tinha lugar para ficar.

Conversou com o irmão a respeito, mas ele disse que não poderia morar em sua casa, pois ele ainda era criança.

Então, voltou para Promissão e foi morar com um arrendatário, Evilasio, que contratava pessoas, “turmas”, para trabalhar nas lavouras, ficou hospedado na casa deste arrendatário. Segundo dona Marta, naquela época os arrendatários ficavam esperando por migrantes quando sabiam que chegaria um pau-de-arara. O avô dela também fazia essa função. Como dona Marta descreveu, os migrantes vinham para as fazendas e não passavam pela hospedaria. Como vimos em Paiva (2004) havia a política de subsídio do governo em que os migrantes chegavam à Hospedaria dos Imigrantes, e havia a iniciativa dos proprietários de terra que recrutavam trabalhadores no Nordeste direto para as fazendas. Quando os migrantes chegavam, o avô dela dizia que ia buscar um “barriga verde”, termo que também o seu Manoel se referiu. Os arrendatários iam ao encontro dos migrantes, os contratavam e levavam para morar na fazenda.

Meu avô saía de lá de casa e falava assim: “eu vou lá pegar um barriga verde”. Meu avô também tocava roça, tinha fábrica de farinha. “Eu vou lá buscar um barriga verde”, ele falava, e daí aparecia um nortista lá e dava tudo certo, começava a trabalhar e comia ali mesmo e ficava [morando] porque meu avô tinha a casa dele e do lado assim tinha um... eles falavam balcão assim, um barracão assim, mas era uma casa, só que não tinha repartição, aí punha todas as camas assim, era grande. Do outro lado mesmo era uma, tinha uma casa de tábua, então eles dormiam assim eram oito, dez peão. Meu avô criou muita gente assim, de pegar para trabalhar de pequeno. Meu pai mesmo foi um que casou com minha mãe... (dona Marta).

Depois seu Pedro foi morar com um padrinho dele, quando descobriu que na fazenda, da família Camargo Correa, e nas fazendas próximas os arrendatários contratavam pessoas para trabalhar<sup>12</sup>. Depois foi morar com o avô de dona Marta, momento que se conheceram, namoraram e se casaram.

Como dissemos, dona Marta é neta de migrantes. Ela não sabe ao certo, mas acredita que seus avós vieram de Camapuã<sup>13</sup>, hoje Mato Grosso do Sul, pois era a cidade à qual se

---

<sup>12</sup> Segundo dona Marta, seu avô morou quarenta anos naquela fazenda. Os moradores da cidade tem como referência a fazenda da família Camargo Corrêa, pois era uma fazenda muito grande na região. A área da fazenda antes pertencia ao Estado, foi usada como base militar durante a guerra do Paraguai e depois abandonada. Eram terras devolutas, às vezes ocupadas, após a Lei de Terras de 1850, principalmente por mineiros, ou vendidas quando era de interesse do Estado (BORGES, 1991); (GHIRARDELLO, 2002). Segundo dona Marta, os militares ocuparam novamente a área, pois havia muita invasão, as pessoas chegavam e ocupavam a área fazendo fazendas.

<sup>13</sup> As terras próximas ao Ribeirão Camapuã foram ocupadas em 1593 por jesuítas espanhóis. Em 1630 os bandeirantes paulistas fizeram um pouso na região e apenas em 1921 houve a desapropriação de 3600 hectares

referiam além da cidade de Três Lagoas<sup>14</sup>. Sua mãe é a filha mais velha de onze filhos. Seu avô migrou para o estado de São Paulo, e deixou sua avó com três filhos e grávida do quarto. Quando seu avô voltou para buscá-la o quarto filho já tinha nascido. Ela não conheceu os avós paternos, e seu pai não comentava sobre sua vida. Mas disse que tem vontade de investigar, pois certa vez estava ouvindo o rádio e ouviu o sobrenome do seu pai, queria saber se era algum parente.

O pai de dona Marta era mineiro, veio ainda criança com toda a família, mas segundo ela, ele não contava muito sobre os pais dele. Ela apenas conhecia uma tia que morava em Santos, irmã do pai dela. Seu pai dizia que os pais dele eram “muito ruim” e batiam muito nele. Ela disse que ele não era uma pessoa muito fácil, e provavelmente não tinha sido uma criança muito tranquila, mas ele apenas contava que havia situações de conflito porque a mãe batia nele. Por causa desses conflitos ele saiu de casa e foi morar com o avô da dona Marta, e lá conheceu a mãe dela e se casou, sua mãe tinha 16 anos.

Essa tia que morava em Santos, irmã do seu pai, certo dia pediu para que deixassem levar dona Marta com ela para Santos para poder estudar, mas seu pai não deixou. Da forma como ela me disse “ai Cinthia do céu até hoje eu penso assim”, como quem diz: teria sido a minha oportunidade. Logo depois ela falou o trecho a seguir que explicita a consciência dela sobre esse outro lugar que é o tempo passado:

Até hoje eu penso assim, eu lembro lá na minha infância... acho que meu espírito nunca vai ficar velho. Eu lembro lá na minha... no tempo de infância que a gente tinha a vida muito sacrificada. Não porque meu pai era preguiçoso. Às vezes uma família passa dificuldade, que o pai, que o chefe não gosta de trabalhar muito... meu pai era trabalhador, mas ele era muito nervoso. Ele... vamos supor assim que seu pai tivesse uma firma, uma olaria aqui, ele ficava trabalhando. Aí quando ele ia se ele precisava pedir um dinheiro adiantado porque precisava comprar as coisas de casa. “Ah seu Pedrinho não dá, amanhã eu arrumo” ele já ia enfezado. Ele tinha um problema muito sério, já ficava nervoso, já saía procurando serviço, já catava a mudança (...). Nós passamos assim até necessidade. Fome... fome não que sempre tinha alguma coisa, mas a gente passava muito tempo... nunca me esqueço, assim... comendo muito tempo só feijão cozido com água e sal, só sopa de mandioca, até pegar o dinheiro para fazer uma compra... (dona Marta).

---

para a formação do patrimônio de Camapuã, no município de Coxim. IBGE. Ca mapuã-MS: In: IBGE-Cidades. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=500260&search=mato-grosso-do-sul|camapual|infograficos:-historico>>. Acesso em: 03 jul. 2013.

<sup>14</sup> A cidade de Três Lagoas é uma referência, possivelmente, por ser uma importante divisa de estados, com a ferrovia, e com as rodovias Marechal Rondon, no estado de São Paulo, e Rodovia BR-262, no Mato Grosso do Sul.

Perguntei se os avós de dona Marta contavam histórias sobre a vida. Ela disse que os avós não, mas ela conheceu e viveu com sua bisavó materna, e tinha muito contato com ela.

Minha bisavó morreu com quatorze... com cento e quatorze anos [...] fez assim o registro mais ou menos, porque ela conta das revoluções que teve, ela tinha treze anos, então foram mais ou menos... [Bisavó de qual parte?] Da minha mãe. [E a senhora conheceu ela?] Vixe, nossa! [risos] Ela era um amor, só que ela era surda, sabe. Ela era tão boazinha, Cinthia. A história da casa do meu avô era muito... foi muito importante para mim, porque acho que era porque eu gostava muito de ir lá. Lá eles faziam muitas festas, meu avô foi muito festeiro, assim chamava gente, fazia festa, dançava baile, era o meu sonho (dona Marta).

Ela contou que há na família a história sobre sua tataravó que era índia e foi “pegada a laço”. A tataravó não teve marido, não sabiam quem era o pai dos filhos dela. Estas histórias de mulheres indígenas pegadas a laço são recorrentes no interior paulista, contudo não foi possível abordar essas histórias nesta pesquisa. O que podemos observar é que ter filhos com índias era uma estratégia de povoamento e que não havia a noção de casamento, união estável e realizada apenas uma vez, no início do povoamento. Há que se pesquisar de que forma eram estes relacionamentos e como eram criados os filhos, se os pais eram indígenas ou brancos. Também notamos neste relato a expressão “ela contou que contaram”, usada pelos entrevistados. Funciona como informação, como as histórias de família são passadas, mas também dão legitimidade para essas histórias, por denominar quem passou a informação.

Olha Cinthia, incrível, porque de tanto que o povo... quem mora no Mato Grosso [MS] é tudo festeiro também, eles ficam três dias festejando, que meus parentes que contam. E aí era assim, se falasse assim: “ah, hoje tem um baile e amanhã tem outro em tal lugar” a gente ia e dançava até às quatro horas, chegava em casa dormia um pouquinho... dormia, meu avô levantava quatro e meia para ir para o curral. Tinha que levantar para fazer o café para ele levar, tomar, e ele levava para ele tomar no leite. Nós fazíamos o serviço o dia inteiro, não dormia nem um pouquinho, quando era de noite nós íamos para festa, principalmente agora com esses terços de São João, vixe. E na fazenda era toda cheia de gente [...] tinha um terço aqui, tinha um terço ali, nós aproveitava, e eu dançava, e eu dançava, e minha avó falava “se dormir a hora que acabar eu não levo mais”, minha avó que levava (dona Marta).

Ela morou pouco tempo com os pais, enquanto estava na escola, mas seu pai a tirou na terceira série. Disse que na época ela gostaria de ter feito pelo menos até a quarta série que naquele tempo, segundo ela, era importante, era “como o colegial”. Dona Marta sentiu e ainda sente, pois é possível perceber na fala dela mesmo mais de quarenta anos depois, não poder ter estudado. Em parte da entrevista ela falou sobre sua vontade de ter continuado os estudos. Ela conseguiu o diploma da quarta série fazendo uma prova de conhecimentos, redação e questões. Alguns anos depois, já casada, quando morou na cidade voltou para a escola para

fazer a quinta, sexta e sétima série, e começou a fazer o ensino médio por correspondência, mas não terminou. Assim ela conseguiu fazer outros cursos profissionalizantes, alguns deles à distância, e ainda guarda os diplomas que obteve. Mas ela sente não ter conseguido terminar o ensino médio, pois sem este diploma não era chamada nos concursos, mesmo passando nas provas.

Ela nos contou um pouco sobre como e porque começou a fazer curso de corte e costura. Quando já estava casada tentou fazer uma roupa para um filho, mas o marido dela achou a roupa feia e disse que os filhos dele não vestiriam aquelas roupas. Depois disso uma mulher se ofereceu para ensiná-la a costurar, mas dona Marta morava na fazenda e a mulher na cidade, e seu marido não a deixaria sair para poder aprender. Então ela ouviu o anúncio do Instituto Universal Brasileiro através do rádio, se inscreveu e começou a fazer o curso por correspondência.

“Minha história é quase como de todo mundo assim, sabe” (Dona Marta). O compadre dela era meeiro na fazenda que ela morava e ia para a cidade todos os dias. Ele levava e trazia as lições que dona Marta fazia, depois ele entregava para sua filha que trabalhava em uma padaria na cidade e ela colocava e pegava a correspondência no correio, comprava os papéis que dona Marta pedia e enviava pelo seu pai. Dona Marta contou que não sabia em que lugar da cidade ficava o correio naquela época, mas o utilizava e precisava dele para estudar.

Ela não recebeu o certificado do curso, pois segundo ela, a última peça era montar um vestido de noiva. Ela montou e enviou, mas depois não foi ao correio para saber se o certificado foi enviado Ela disse: “Você sabe como eu paguei este curso? Com dinheiro de ovo e galinha que o Pedrinho... a gente criava e vendia, que eu pagava o curso por mês” (Dona Marta). Mas ela disse que não sabe costurar como antes.

Mas apagou por quê? Eu fiquei muito tempo sem costurar daí um dia eu fui à avó Dete [...] que eu fui pousar com a minha avó, porque ela queria e pediu que eu fosse. Aí foi o Pedrinho fazer uma faxina, catou todos os meus livros que eu fiz o estudo e jogou fora. Porque às vezes você estuda e você guarda aquele caderno e depois sai aquela matéria você vai lá olhar, recordar. Aí eu fiquei perdidinha (Dona Marta).

O que está explícito nesta fala é uma consciência a respeito da memória e do registro. Ela conseguia costurar e se lembrar de muitas coisas, mas aqueles modelos que não fazia com frequência ou detalhes ela não conseguia lembrar, precisava se orientar pelo registro escrito, o livro. Algo que havíamos pensado no capítulo anterior sobre a oralidade. Ela dava significado àqueles livros, pois ela percebia que apenas estudando conseguiria um lugar privilegiado na

sociedade, um emprego melhor, seu próprio dinheiro, mas para o seu pai e seu marido os livros não tinham significado. Dona Marta disse que seu sonho era estudar, mas sempre encontrou dificuldades, primeiro com o pai e depois com o marido. Também perguntei se depois que eles se casaram faziam festas em sua casa. Ela disse que não, pois o seu Pedro nunca gostou de fazer festa em casa. Eles frequentavam as festas na casa do seu avô ou dos tios, na fazenda, ou outros bailes, mas não em sua casa. Perguntei também se os filhos dela sabem sobre suas histórias. Ela disse: “[risos] Ai sabe, porque de vez em quando a gente conta assim para os outros e eles estão escutando” (dona Marta). Vamos ver na próxima seção a visão de uma de suas filhas sobre como as histórias da migração eram contadas e sobre a relação com os pais.

Dona Marta nos contou que seu Pedro ficou quarenta anos sem notícias de uma irmã. Após o casamento seu Pedro ficou sem dar notícias à irmã que morava em Santos. Esta irmã passou anos pensando que ele tinha morrido até ir visitar o outro irmão que estava doente, em Campinas. Segundo ela, com a visita da irmã, este irmão manifestou seu desejo de deixar seus bens para o irmão mais novo, seu Pedro, que estava desaparecido. A irmã telefonou para os parentes que ficaram na Bahia, e informaram o contato de um homem que poderia saber onde estava seu Pedro.

Quando ela ficou sabendo ela disse que ela viveu de novo. Aí contaram né... quer dizer família, que tinha família. Aí essa irmã pegou e ligou nesse telefone [...]Aí o Pedrinho pegou e... eu não sei como que foi, sei que no fim eu acho que escreveu uma carta né, ela escreveu uma carta com endereço e tudo, aí ela combinou de telefonar para o Pedrinho. Pedrinho quase deu um enfarto, sabe assim, porque ele ia falar com a irmã né, fazia quarenta anos que não via, aí combinou, [...] foi em 90 [...] (dona Marta).

Todo este trecho descreve um distanciamento da comunicação entre os familiares. Parece que há uma vontade de ver os parentes, mas não há ações efetivas até que alguém decide procurar, muitas vezes por ocasião de doença ou morte de algum parente. Ela também contou de outro parente de seu Pedro que ficou na Bahia, e às vezes vinha visitá-los, mas ela apenas tem o telefone do cartório da cidade onde mora. Eles também tinham contato com outra irmã, mas ficam sem contato por algum tempo.

Dona Marta também ficou por dezenove anos sem ver uma irmã, pois ela havia se mudado para Ribeirão Pires, São Paulo. Só depois desses anos dona Marta conseguiu o telefone, mas não foi visitá-la. Ela contou várias outras histórias sobre seus familiares, pessoas que a ajudaram, pessoas que começou a ter contato por motivo de doença ou morte. É interessante que, se não há contato com algum familiar devido à distância ou falta de

informação, quando um membro da família fica doente a pessoa mais próxima a ele procura avisar os parentes, ao menos os parentes mais próximos, que ficam com essa informação e podem transmitir a outros membros.

Vimos que dona Marta dá ênfase nas lembranças da casa do seu avô, esclarece como aconteceram os casamentos, sobre as festas na fazenda, sua vontade de estudar, e sobre a história do seu marido, Pedro. Segundo ela, não houve festas em sua casa, fato que não impediu de participar de festas na casa de outros membros da família. E também que os filhos conhecem as histórias, às vezes não contadas diretamente a eles, mas contadas a outras pessoas com a presença dos filhos e netos. Vale lembrar que este é um relato do ponto de vista de uma mulher, o que pode diferenciar de outros relatos. Também devemos considerar que dona Marta não é migrante, mas vivenciou a migração. Isto é, não há um lugar de origem e um lugar de destino, a descontinuidade dos acontecimentos não está relacionada ao território. Veremos a seguir o relato da filha de dona Marta, Heloisa, sobre sua infância e memória das histórias da família.

#### **4.5.1.1 Entrevista com a Heloisa**

Heloisa é filha de dona Marta e seu Pedro e mãe da Criança 10. Perguntei a ela sobre o que se lembrava das histórias que os pais contavam sobre a migração. Ela contou uma história resumida, mas parecida com a que dona Marta nos contou. Disse que seu pai veio com 10 anos da Bahia e precisou alterar sua data de nascimento em 3 anos para poder viajar. Ele veio em busca de seu irmão que morava em Campinas. Como o irmão não o aceitou porque disse que “ele era muito criança”, foi em busca de seu padrinho que morava perto do Salto do Avanhandava, nas fazendas próximos a um distrito chamado Machado.

Depois seu Pedro foi trabalhar com o bisavô de Heloisa. Segundo a filha, ele sempre quis mostrar para o irmão que “ele era homem, ele não era moleque”. Seu Pedro foi rever o irmão quando tinha cerca de 65 anos. Segundo ela, foi este irmão quem o procurou, pois não tinha filhos e estava velho, queria deixar sua herança para o irmão. As outras irmãs de seu Pedro também migraram para o estado de São Paulo, mas de acordo com sua filha, ela apenas conheceu os tios e primos quando estava com cerca de 30 anos.

Pode ser novamente verificado no relato da filha a forma como os migrantes vinham para o estado de São Paulo. De acordo com o relato, a mãe de seu Pedro teria morrido quando ele era criança e foi criado pela irmã mais velha. Mas havia um conflito entre a irmã mais

velha e o seu Pedro. Ele contava que sua irmã “judiava” dele. O irmão mais velho já havia migrado para São Paulo, e assim que pôde seu Pedro também migrou. Depois vieram as irmãs. Havia também um padrinho dele morando no interior do estado. Conseguiu chegar no interior de São Paulo, foi à Campinas em busca do irmão e depois retornou à região Noroeste para encontrar o padrinho. Este relato mostra como esse “estava todo mundo vindo” que os entrevistados mencionam foi o motivo e o objetivo para migrar também. Ou se conhecia alguém que havia migrado, que estava migrando, ou que queria migrar assim que possível. No caso do seu Pedro, depois da migração os irmãos se estabeleceram e não mantiveram contato até muitos anos depois, como dona Marta também relatou.

Perguntei a ela quando ele contava essas histórias. Ela disse que sempre foi curiosa e perguntava a ele, e ele sempre contava essas histórias. Segundo ela, houve um tempo em que um dos filhos perguntava ao seu Pedro:

Pai, nós vamos na Bahia né?

- “Ah, não vou não”.

Teve uma época que ele comprou duas malas de couro para ir para Bahia. Até que ele queria ir. Mas ele foi ficando tão nervoso, que ele achou que o Paulinho estava brincando e coisa era séria que ele não teve coragem de ir, porque ele tinha medo de ir e não voltar mais. [Ele tinha medo de morrer ou querer ficar?] Não, não. De não voltar [...] para o estado de São Paulo, de ficar na Bahia. [De querer ficar lá. Por causa será da saudade?] Não sei, dizia que a terra lá era muito boa. Ele só veio mesmo por causa dessa irmã que judiava dele, e como o irmão dele veio primeiro ele achou que o irmão ia apoiar ele, o irmão não apoiou, então ele ficou revoltado (Heloisa).

Segundo ela, mesmo sabendo que o irmão morava em Campinas ele nunca o procurou novamente. Quando o irmão ligou pedindo para ele ir vê-lo ele teria dito que não ia, pois ele era moleque. Esta rejeição teria marcado a distância entre os familiares.

Perguntei se ela se lembrava de haver festas na família. Ela confirmou que um tio de sua mãe, dona Marta, sempre fazia muitas festas, mas da família de seu pai ela conhecia poucas pessoas. Perguntei se ele gostava de contar essas histórias. De acordo com a filha, ele ficava emocionado e, algumas vezes, chorava. Contar essas histórias, segundo ela, era uma forma dele desabafar sua mágoa do que tinha sofrido. E essa mágoa seria o motivo dele nunca ter deixado que os filhos dessem beijos e abraços nele. Algo que a Lúcia, filha de seu Manoel, também mencionou, porém para a Lúcia a explicação para o afastamento era o fato do pai só ter filhas e não poder ser tão próximo. No caso de Heloisa, a explicação estaria nas dificuldades que o pai havia passado, principalmente, pelo fato dele não ter lembranças boas sobre a irmã e pelo fato de seu irmão não o ter acolhido em sua casa.

Perguntei se ela se lembrava de ouvir o pai contando suas histórias durante sua infância. Mas de acordo com ela, não havia conversa com o pai durante a infância. Segundo ela, o pai não dava aberturas para essas conversas. Ela conhecia as histórias porque o ouvia contar para outras pessoas nos encontros que aconteciam quando moravam na fazenda. “Porque antigamente ele morava na fazenda né, então fazia aquela rodinha e ele contava né, nas rodinhas” (Heloisa). Ela não contou quando aconteciam essas rodinhas, mas dona Marta mencionou que havia muitas festas e moravam muitas famílias e peões na fazenda, era comum comerem juntos. Heloisa contou que ficava por perto ouvindo e depois encontrava meios de investigar melhor, “especular” o fato. Ela disse que agora ela consegue perceber coisas que seu pai dizia, e só passou a entender quando ficou mais experiente, mais velha, e por ser mãe.

Percebemos que as filhas conseguiram ter mais contato com os pais, essa figura masculina, quando estes ficaram mais velhos. Antes, o contato entre pais e filhos era mediado pela mãe. Segundo Heloisa, a mãe mostrava aos filhos um pai mais rude, difícil, bravo, e quando ela pôde ter contato com o pai, anos mais tarde, percebeu que este pai podia ser mais próximo aos filhos. Ao mesmo tempo, elas relatam que havia uma distância mantida pelo pai em relação aos filhos. Provavelmente, por causa desta distância durante a infância se fazia necessário a mediação da mãe. Com o passar do tempo os pais também se tornaram mais acessíveis aos filhos e aproximaram sua relação. A seguir vamos ver a entrevista da avó paterna também da Criança 10, que conta sua história e sobre seu marido que é falecido.

#### **4.5.2 Dona Emília**

Dona Emília é avó paterna da Criança 10 e era esposa do seu Olímpio. Foi ela quem nos contou um pouco da história de sua família, de como ela e seu esposo se conheceram e sobre a história da migração de seu Olímpio. Seu pai morreu quando ela tinha um ano e dez meses, depois disso a mãe e ela foram morar na casa dos tios, ora na casa de um ora na casa de outro. Apenas alguns anos depois sua mãe se casou novamente com um migrante vindo da Bahia e teve mais duas filhas. Dona Emília passou a morar entre a casa da mãe e a casa dos tios.

Ela contou que conheceu seu marido ainda com seis anos de idade em um sítio perto da cidade de Planalto, cidade próxima a São José do Rio Preto. O padrinho dela e a família do marido moravam próximos.

Eu era bem pequena. Eu tinha uns seis anos de idade, e ele já era moço já, não lembro a idade que ele tinha. Aí ele brincava comigo... eles eram um povo assim muito bom, sabe? A minha sogra era benzedeira, aqueles benzimentinho que benze com raminho. Ia muita gente na casa dela [...]. Aí meu padrinho morava perto e eu comecei a me misturar com essa família. Eu era bem pequena, ele me pegava no colo... ele me pegava no colo, eu tinha uns seis aninhos até aí. Ele falava assim: “você sabe que eu vou casar com você?” Eu falava “você é bobo?”. “Vou, você vai ver”. O que é a vida né? “Vou sim”. Eu falava assim “eu não vou casar”. Ele falava “você vai casar comigo” (dona Emília).

A família do seu Olímpio era migrante de Montes Claros, Minas Gerais. Segundo ela, quando a família migrou as crianças ainda eram muito pequenas. O parentesco entre a família de dona Emília e de seu Olímpio existia antes de seu casamento. A tia de dona Emília havia se casado anos antes com um irmão de seu Olímpio. Quando ela tinha quinze anos este tio foi visitar a casa de outro tio onde ela estava morando e a convidou para ir morar com ele em uma fazenda na cidade de Buritama, a 62 quilômetros de Barbosa. Ela aceitou se mudar depois que seu tio insistiu muito, e então foi morar perto do seu futuro esposo. “Nessa brincadeira, o que me pegou no colo e falou que ia casar comigo começou a pegar no meu pé” (dona Emília).

Dona Emília se casou com dezesseis anos e teve nove filhos. Estes filhos frequentam a casa dela quase diariamente. Segundo ela, certo dia uma mulher passou e perguntou se em sua casa, que fica no sítio da família, mas muito próxima à cidade, tinha festa todos os dias. Ela concordou, disse “cedo, meio dia e de tarde”. Segundo dona Emília, a mulher disse: “Nossa, todo dia que eu passo aqui está cheio de gente, tem som, tem dia que tem um moço tocando violão embaixo daquelas árvores e cantando”. De acordo com dona Emília seus filhos que gostam de cantar e tocar violão, ficam a tarde toda cantando embaixo de uma árvore. “Parece uma festa mesmo” (dona Emília).

Segundo ela, no ano passado uma sobrinha foi procurá-la dizendo que queria fazer uma festa para juntar toda a família, o que de fato ocorreu. Dona Emília disse para ela: “Oh Claudinei, você está certa do que você quer fazer?”. A sobrinha respondeu nas palavras de dona Emília: “Claro, tia. Nossa família, tia, os que moram mais para longe, porque tem gente esparramada para muitos lugares”. A festa tinha o objetivo de reunir toda a família.

Dona Emília disse que quando telefonei pela manhã, para perguntar em que horário poderia ir a sua casa para conversar, havia muitas pessoas em sua casa. Pensou em não preparar comida, porque estava sozinha. Mas depois chegou um filho, perguntou se tinha alguma comida para esquentar para ele, depois chegaram dois conhecidos da família, um neto,

“e foi juntando” (dona Emília). Ela disse que de repente chegam várias pessoas, comem, ficam ali e saem. Mas disse que não se importa, disse que não fica parada, está sempre fazendo alguma coisa.

Continuou descrevendo as visitas da família em sua casa. As festas às vezes começam na sexta-feira, quando um de seus filhos que é caminhoneiro volta para casa. Os filhos começam a se reunir, juntam os netos e conhecidos e a casa dela fica cheia durante todo o fim de semana. Durante a semana disse que às vezes está sozinha, mas de repente começam a chegar filhos e conhecidos, saem e voltam o tempo todo. Perguntei a ela sobre seus netos e ela disse que eles sempre estão por lá. Quando cheguei para fazer a visita ela me perguntou se eu conhecia uma neta dela, porque um dia antes essa neta estava em sua casa e dona Emília começou a se lembrar da sua infância, disse que sentia por não ter conhecido o pai. Quando comecei a gravar ela estava chorando por ter se lembrado e me contado.

Ela disse que sua neta, Criança10, vai sempre a sua casa e que é muito parecida com a mãe dela, nora de dona Emília. Segundo ela, esta neta quer saber fazer tudo, presta atenção, aprende e começa a ajudar. Contou que quando um de seus netos nasceu, as netas mais velhas começaram a frequentar sua casa todos os dias por um ano, para ajudar a cuidar do primo enquanto sua tia trabalhava. Ainda hoje ajudam a cuidar, dar banho, brincar, cozinhar.

O nascimento de um novo membro na família faz com que por algum tempo a família se mantenha unida com um propósito, ajudar e acompanhar o crescimento da criança. Assim como o casamento também agrega membros e une parte da família em determinado momento. A casa da avó funciona como local de encontro, onde os membros da família se reúnem, quando convidados ou se inserem por conhecer alguém da família. Geralmente, em famílias grandes a casa dos avós é um lugar neutro, neste sentido diplomático, pois para não dispersar os membros da família, a maioria dos membros é aceita nesta casa. Na pesquisa com as crianças, algumas mencionaram o fato de algum tio ou tia não participarem destes encontros. Às vezes há conflitos que impedem que algum parente frequente a casa dos avós, pais ou sogros, mas ainda assim esse conflito tende a ser temporário devido à quantidade de pessoas que podem fazer a conciliação e manter o vínculo entre os membros mesmo em situações de conflito. Dona Emília contou mais sobre sua vida, mas deu ênfase nestas festas e reuniões de família e nos encontros em sua casa.

O que podemos perceber é que nestas reuniões de família surgem várias histórias que mantêm a família unida por manter um sentimento de pertencimento dos membros com as histórias e a origem da família. Neste caso, a casa da avó é onde surgem os lugares da

memória. É na casa de dona Emília que esses lugares podem ser constantemente acessados. O que não é uma regra, pois para um lugar da memória existir depende da forma como os avós e netos procuram criar lugares para socializar a memória. Porém, como na família de seu Manoel, podemos perceber que na família de dona Emília o fato de haver muitos membros favorece as reuniões familiares frequentes.

A seguir contaremos a história de mais um avô migrante nordestino que nos contou fatos interessantes sobre a convivência com a sua mãe e seu pai relacionados à migração, à fala do nordestino, à vontade do pai de voltar para o Nordeste.

#### 4.5.3 Seu José

Seu José é avô paterno da Criança 8, nasceu em Macaúbas, Bahia, em 10 de janeiro de 1944. Disse que migrou muito pequeno, com um ano, quatro meses e alguns dias, por isso não conhecia histórias sobre o lugar onde nasceu. Quando ainda eram jovens, ele e os irmãos, seu pai quis voltar à Bahia para cumprir uma promessa, mas seu pai ficou doente e logo depois morreu. Seu José disse: “esses baianos sempre costumam fazer uma promessa, né, para ir na Bahia”. A promessa tinha sido feita por causa do seu José. Segundo ele, tinha costume de trabalhar mastigando um grão de café murcho. Eles trabalhavam em lavoura de café e o seu serviço era abanar o café com a peneira, isto é, separar o grão da casca seca. Um dia ele deu risada e engasgou com o café.

Ele fez a promessa que se aquilo lá saísse de mim ele ia fazer um bonequinho de cera para nós levar na Bahia. Aí está bom. Ele fez com fé mesmo parece. Daí passou uns três, quatro dias eu estava... ele não abanava café, quem abanava café era eu, porque era serviço pesado, era só eu que abanava. Eu estava lá [...] foi na hora do almoço, aí foi do mesmo jeito, veio aquele negócio assim para eu dar uma tossida forte, quando deu aquela tossida forte veio assim, o caroço de café. Falando assim ninguém acredita né. [...] Fiquei mais de uns quinze dias [engasgado com o caroço de café]. Naquele tempo menina, era uma dificuldade total [...] Era uma dificuldade total, porque aqui não tinha nada (seu José).

Como seu pai adoeceu, ele pediu para que os filhos fossem à Bahia para pagar a promessa. Seu José disse que se o pai dele que tinha feito a promessa não poderia ir, então ele também não iria. Então, o pai falou para que fosse pagar a promessa em uma igreja chamada “São Bom Jesus” que fica perto do Córrego dos Patos, em direção à cidade de Lins. Ele pagou a promessa como o pai havia pedido. Depois disso, não teve possibilidade de ir à Bahia, mas disse não ter vontade.

E chamaram uma vez aqui. Teve uns baianos que morou aqui [perto da casa]. “Ah Zé você está aposentado mesmo, vamos com nós para a Bahia, vamos lá ficar uns dez, quinze dias lá em casa depois você volta”. Eu falei “vou pensar, vou pensar”, lembrei do meu pai, eu disse para ele que eu não ia (seu José).

Perguntei a ele se seu pai reclamava de ter vindo trabalhar em São Paulo. Ele disse que não via seu pai ou sua mãe reclamando de ter migrado, mas quando os filhos já haviam crescido, seu José tinha vinte e seu irmão tinha dezoito anos, seu pai quis voltar para cumprir a promessa. O que podemos perceber do relato de seu José, é que a promessa era um pretexto para voltar à Bahia. Segundo seu José, sua mãe também queria voltar, pois era da Bahia, mas ele e os irmãos não viam vantagem em se mudar, no entanto, se seus pais tivessem decidido voltar, os filhos teriam os acompanhado. Seu José contou que se seu pai não tivesse adoecido eles teriam voltado para a Bahia. Mas não seria fácil voltar naquela época, na década de 1960, quando tinha cerca de vinte anos de idade. “A situação era muito difícil. Comida tinha à vontade, mas dinheiro era muito difícil [...] Agora para comer era fácil. Todo mundo tinha galinha à vontade, porco gordo [...] só que o dinheiro era muito difícil” (seu José).

Perguntei ao seu José se ele sabia o que tinha motivado a vinda de sua família para o estado de São Paulo. Disse que as pessoas, de modo geral, queriam vir para ganhar dinheiro, segundo ele o lema era: “vamos lá para São Paulo que nós vamos juntar dinheiro com rastelo”. O dinheiro com o rastelo era trabalhar na lavoura de café, “café era o outro preto” (seu José). Ele se lembrou da cidade de Cafelândia cujo nome é devido ao cultivo de café, contextualizando para mim como o café foi importante. A família de seu José teve como destino a cidade de Promissão, próximo à cidade de Lins. Também dona Marta mencionou que seu Pedro tinha chegado primeiro em Promissão. Nos dados no capítulo 1 desta dissertação há referência na pesquisa de Paiva (2004) sobre as cidades de Promissão e Chavantes como pontos de chegada de migrantes. Seu José morou ali até alguns meses após se casar, com vinte nove anos. Sua esposa era de Barbosa, se casaram em Promissão e apenas depois de alguns meses se mudaram para Barbosa, segundo ele, em nove de agosto de 1974.

Contou a história do seu casamento, e sobre seu namoro anterior com uma vizinha de sítio que era espanhola. Os pais dela tinham um sítio e por isso o pai do seu José não concordava com o namoro, pois a família do seu José era meeira na fazenda onde trabalhavam. Eles teriam um status inferior ao da família da namorada, o que não foi bem aceito pelo pai de seu José, mas segundo ele, os pais da moça aceitavam o namoro. Algum tempo depois a família do seu José se mudou e ficou mais difícil namorá-la. O namoro acabou

por dois motivos, segundo ele, porque seu pai não era a favor do relacionamento, pois ela tinha condições econômicas melhores que ele, e por causa da distância. A solução seria se casar, mas as famílias não aceitavam que se casasse com a idade que tinham, a namorada estava com dezessete anos.

Depois deste namoro disse que a idade de casar havia passado. Ele comprou uma sanfona e começou a tocar em bailes na região. Aprendeu com um vizinho que se ofereceu para ensiná-lo a tocar. Ganhou a sanfona por causa de um acordo que fez com o seu pai. O pai de seu José disse que daria uma sanfona caso ele parasse de jogar futebol nos fins de semana. Seu José disse que aceitava o acordo, mas ele apenas pararia de jogar quando ganhasse a sanfona. Seu pai havia plantado uma horta de alho e comprou uma sanfona com o dinheiro da venda da plantação.

Ele falou: “olha aqui sua sanfona, amanhã você não joga”. Chegou dia de sábado, para provocar mesmo. E eu tinha um jogo para ir, eu estava escalado para o time e não podia sair. Falei: “olha pai, só que tem um negócio, vamos conversar agora para não dar rolo, hein”. Ele falou, “mas por quê?”. “Amanhã eu tenho um jogo e eu tenho que ir, eu estou escalado no time e não posso deixar eles, daí depois que eu jogar esse jogo eu falo para eles que não vou mais”. “Está bom”. Ele aceitou na hora. Se ele não aceita eu não queria a sanfona (seu José).

Depois que ganhou a sanfona seu José disse que havia uma moça na cidade que ensinava a tocar com leitura de partitura, estaria aprofundando seu conhecimento. Ele começou a fazer as aulas, mas depois desanimou, pois era cansativo trabalhar o dia todo e depois ter cerca de dez quilômetros de bicicleta até a cidade para fazer as aulas, então começou a tocar em casa para ele e a família. Depois que seu pai morreu não tocou mais, vendeu a sanfona. “Vendi ela, foi a pior coisa que fiz no mundo” (seu José). Disse que vendeu a sanfona para comprar tijolos para construir uma casa, mas depois se casou e decidiram mudar para Barbosa. Não tinham como transportar os tijolos, vendeu-os e gastou o dinheiro. Depois disso nunca mais tocou, disse que reclamava sempre por ter vendido a sanfona, mas o tempo passou e nunca mais tocou. Deste modo, segundo ele, seus filhos e netos nunca o viram tocando.

Perguntei então se seus pais contavam histórias sobre a Bahia, ele respondeu:

Ah, eles contavam, mas era só para você dar risada. [risos] [Por quê?] Porque o baiano quando vem da Bahia ele vem um barriga verde que eu vou falar para você. [O que é barriga verde?] Barriga verde é que só conversa as coisas errado. A conversa deles você morre de rir. Olha, chegava me doer a barriga. Minha mãe começava a conversar: “Oh, Mané...” chamava assim né. “Mãe, pelo amor de Deus, a senhora é paulista, a senhora não é mais baiano”. “Eu nasci naquela merda lá, eu sou baiano até morrer” – ela falava.

Aí a gente falava, “então está bom, a senhora é sim”. Meu pai já era mais diferente de conversar, mas ela era puxada, ela puxava mesmo, aí nós ria [...] Meu irmão como era gozador, aquilo era só para pirraçar, e ele falava igual a ela. E eu falava “você fica falando assim, depois você vai conversar desse jeito arrastado aí, neguinho vai gozar de você” [...] (seu José).

A questão da identidade está presente na fala de seu José. A fala dessas mulheres e homens nordestinos tem suas características próprias e marcadas pelo sotaque. Há predominância das vogais abertas, as consoantes “t” e “d” não tem som de “x” como no Sudeste, mas são cortadas e ressoam com a ponta da língua na parte de traz dos dentes superiores. Além disso, as frases fazem o desenho de ondas, subindo e descendo. Mesmo para aqueles que vieram quando crianças, não conseguiram negar a língua. “Línguas faladas são fenômenos acústicos. Cada língua tem sua própria melodia, seu próprio ritmo e, precisamente, em níveis sobrepostos: o dos fonemas sobre o das palavras e o das frases até o nível do discurso” (FLUSSER, 2010, p. 109). A fala como uma comunicação direta também moldou a identidade do nordestino no Sudeste. Os migrantes nordestinos não construíram uma identidade forte, pois migraram em um momento que o próprio interior do estado de São Paulo também se fazia. Mesmo tendo se estabelecido no lugar de destino, a fala destes migrantes é um elemento de diferenciação e reconhecimento entre migrantes e não migrantes.

De acordo com o relato de seu José, naquele momento a fala era um fator de diferença que se possível deveria ser evitado para não causar censuras ou brincadeiras pelo fato de ser nordestino. Negar a fala para não deixar transparecer o elemento diferenciador. Neste sentido, negar a fala pode ter consequências como não poder ser ouvido. A mãe de seu José preferia não negar sua fala, não adotar outra identidade. Provavelmente esta foi uma questão sobre a qual todos os migrantes refletiram.

Seu José passou a narrar os acontecimentos da morte de sua mãe. Dentre os fatos narrados, minuciosamente, há um fato que prenunciou a notícia da morte da mãe e que mostra como a religiosidade está marcada pelo visível e invisível, e uma crença em baseada na análise da experiência e dos sentidos. A mãe do seu José morava com ele em Barbosa e não estava bem de saúde, mas quis visitar sua filha que morava próximo à cidade de Lins. Ele a deixou ir, mas pediu que voltasse logo. Passado alguns dias ela precisou ser internada.

Quando foi dia dezesseis à noite, eram umas nove, dez horas da noite, o meu sogro veio aqui. Chegou aí falou “compadre Zé?” [o sogro era padrinho de um dos filhos de seu José]. Falei “Oh, entra cá compadre”. Ele falou “A demora é pouca”. Entrou, ficou por aí um pouco, pediu um café. Tomou um café e eu olhando ele [...] Falou “Zé”. Quando chamou, a Cleuza falou, “é a velha Ana”. Ah, ela desesperou. Antes disso, [...] e ela tinha uma panelinha que está aí até hoje, uma panelinha assim... que ela gostava de pôr a comida

dela para comer dentro dessa panelinha, era costume dela, com cabinho assim, de pegar assim, panelinha de cabo assim igual uma caçarola, para cozinhar... E a Cleuza falou que ela estava na cozinha arrumando a cozinha, o fogão, bateu a tampa do fogão, e ela desesperou. Você já viu um *aviso* desses? Você fala assim, mas não pode acontecer né? [A tampa abaixou sozinha?] A tampa bateu no fogão, mas ela não estava mexendo com o fogão nem nada, ela estava limpando a casa. Aí bateu a tampa, fez assim “pá”, fechou a tampa do fogão. A tampa do forno, que ela guardava a panelinha só lá dentro. Aí a Cleuza olhou, falou assim “Zé do céu, a tampa do fogão fechou sozinha aqui, e la não estava aberta!”, aí ela já falou “já sei, é a dona Ana que não está boa”. Aí já começou a desesperar, ela ficou doidinha [...] Quando foi de noite o velho veio dizer (seu José, grifo meu).

De acordo com seu José, a polícia de Lins ligou para a polícia em Barbosa e avisaram o sogro dele na rua. Seu José falou da dificuldade para ir ao hospital. Não tinham carro e tiveram que esperar o outro dia para pegar um carro emprestado e ir para o hospital em Lins. Chegando lá, seu irmão ainda não sabia da morte da mãe, apenas ficou sabendo quando seu José chegou a sua casa. Depois do velório não cabiam todos no carro, seu José teve que voltar de ônibus, pois era o único que não ia trabalhar no outro dia. Não havia ônibus, então precisou pegar um trem para ir de Promissão, onde tinha sido enterrada sua mãe, até Lins para pegar um ônibus até Penápolis e pegar outro até Barbosa. Seu José contou essa história minuciosamente, se lembrou até de um cisco que caiu em seu olho na rodoviária em Lins. Perguntei se ele contava essas histórias para seus netos. Ele disse: “eu não, ninguém pediu para eu contar nada [risos]”. Uma cunhada dele estava em sua casa no momento da entrevista e disse que era bom que ele contasse às vezes. Mas seu José voltou a falar sobre sua mãe. Insisti em perguntei se ele contava as histórias para os seus filhos e ele disse que não contava.

Eu só conversava com eles, de vez em quando eu conversava com eles, quando eles eram novos, porque nós morávamos aqui e isso aqui era um quintalão, tudo isso aqui. Então eles brincavam de jogar bola aí, os dois [e os amigos vizinhos] todos pequenos, tudo de um tamanho só [...] e eu entrava no meio desses moleques, você acha? Eu era o mais pequeno, que os outros [...] entrava no meio dos outros, brincava com essa bola, a bola batia na parede eu não estava nem aí [...] E aqui ficava... tinha um pezinho de manga e eles ficavam aqui, fazia um gol lá e jogavam daqui lá, o quintal era grande e eles ficavam correndo daqui até lá. Aí depois eu plantei laranja, aí que acabou com o joguinho (seu José).

Com este relato de seu José, podemos perceber que para algumas famílias o contato entre as gerações nem sempre criam lugares da memória, pois se não houver uma vontade pré-determinada em contar histórias de vida, o contato familiar não cria a necessidade de manter seus membros ligados por um passado familiar em comum. Pelo relato de seu José, havia lugares da memória criados na relação dele com seus pais, no entanto, afirmou não

contar essas histórias diretamente aos seus filhos e netos. Isto não impede que as mesmas histórias sejam contadas entre amigos e parentes e ouvidas indiretamente pelos filhos e netos. Logo depois seu José começou a contar sobre o que podia fazer no passado e que agora sua saúde o impede, a contar de seus problemas de saúde, do pouco dinheiro da aposentadoria e dos gastos com os remédios.

Estas entrevistas procuram manter a ordem dos fatos narrados para que o leitor possa compreender por quais caminhos as memórias foram desencadeadas, sobre o contexto dos acontecimentos narrados pelos entrevistados e seus relacionamentos. A dificuldade pela qual os migrantes passaram era de certa forma uma dificuldade de morar no lugar de destino, não apenas por ser um lugar novo para sua vivência, mas também porque o interior do estado ainda estava sendo construído, muito recentemente povoado, no contexto econômico que vivia o país.

Na próxima seção vamos deter alguma atenção às festas juninas e aos terços como manifestações locais e como construção de lugares da memória.

#### **4.6 A tradição da festa junina**

Por que decidimos colocar neste capítulo considerações sobre as festas juninas? Primeiro, porque esta ainda é uma festa importante no interior paulista. Segundo, as festas juninas foram muito importantes para o grupo de migrantes pesquisado e, de maneira geral, para todos que possuem um passado rural em meados do século XX. Terceiro, estas festas são reconstruídas todos os anos, transmitindo costumes que propõe a rememoração do passado rural das gerações passadas. Como vimos na entrevista com Elisângela, a festa junina na família dela era um momento importante para transmitir as narrativas da família, se constituindo em lugares da memória. Assim, pensaremos estas festas como um lugar da memória, lugar em que há possibilidades de se transmitir costumes, recontar histórias de vida e narrativas populares.

Durante os meses de junho e julho são comum nas cidades do interior paulista as festas juninas. Elas possuem um ritual típico, principalmente por causa da comemoração dos santos católicos: Santo Antônio, São João Batista, São Pedro, comemoradas respectivamente nos dias 13, 24 e 29 de junho. Em Barbosa, mas também em cidades vizinhas, existem dois tipos de festas juninas. Uma delas é a forma mais conhecida e divulgada de festas juninas: com comidas típicas como bolo de milho ou de fubá, maçã do amor, cachorro quente; o tema

de roça para dar o ar de caipira com palhas de milho, roupas xadrez, e músicas típicas que vão da moda de viola ao sertanejo universitário, e a tradicional quadrilha. Esse tipo de festa é promovido pela prefeitura das cidades, pelas escolas, e outras instituições. Essas festas são importantes e voltaremos a pensar sobre elas mais adiante.

Outro tipo de festa que ocorre nesta época do ano são os terços a esses santos. O terço na religião católica é a reza de um terço do rosário rezado em devoção à virgem Maria. No terço há cinco mistérios, no total de cinquenta ave-marias. O terço é uma oração mais popular, ou seja, na igreja reza-se a missa, mas nas casas das pessoas é rezado o terço. Neste período do ano os terços são rezados nas casas próximo à data de algum dos santos citados acima. Não há uma única motivação para esses encontros, mas geralmente, alguém da família faz a promessa de rezar o terço durante a vida toda ou por determinado tempo caso receba a graça pedida, que significa que o pedido feito foi realizado. Essa graça pode ter causas variadas, mas é comum pedir ajuda ao santo no caso de doença. Quando o pedido é realizado, ou seja, a graça é alcançada, aquela família começa a organizar em sua casa o terço em ação de graças ao santo de devoção.

A família convida as pessoas próximas, parentes, amigos, pessoas que frequentam a mesma igreja para em determinado dia rezar o terço. Quando as pessoas chegam dá-se início ao terço. Há uma distribuição de funções entre as pessoas que rezam. Geralmente uma pessoa fica encarregada de ler os mistérios, outras de escolher os cantos e “puxar a música” (começar a cantar para os outros acompanharem), e outras de rezar as ave-marias. Se aquela família tem o costume de ler a Bíblia depois que o terço acaba com as orações de Agradecimentos e a Salve Rainha, outra pessoa fica encarregada de escolher a leitura da Bíblia. Até este momento fiz a descrição do ritual de uma religião, a católica, e não de outra religião que também podem fazer festas juninas. Mas gostaria de dizer coisas específicas que vi e vivi durante minha infância e, apenas nos últimos anos comecei a perceber traços culturais que não fazem parte da religião, instituição, mas da crença.

Em todos os terços para estes santos devotos do mês de junho é hasteada uma bandeira. Ela é de tecido estampado com a imagem do santo, ou dos três santos formando um prisma de base triangular. Esta bandeira é enfeitada com fitas coloridas e, durante a reza é colocada perto dos símbolos de oração (a Bíblia, a vela, as contas do terço). No final do terço dois moradores da casa seguram a bandeira, as fitas formando uma cortina, enquanto as pessoas que participaram passam por debaixo da bandeira. Se este encontro acontece em um sítio ou em uma casa que tem espaço no quintal, faz-se uma fogueira por onde a bandeira

segue na frente e as pessoas acompanham dando três voltas na fogueira. Depois disso, a bandeira é hasteada, e ao lado é colocado um pau que as pessoas, uma a uma, utilizam para socar o chão fazendo seus pedidos.

Logo depois a família que reza o terço serve as comidas. Essas comidas são sempre esperadas. Durante o ano existem outras rezas de terço, mas neste período todos sabem que após a reza haverá comida e bebida. Logo que se chega à casa é possível encontrar os moradores ainda preparando as comidas e durante todo o terço é possível sentir o cheiro que vem da cozinha. Geralmente não estão presentes na reza todos os moradores da casa, pois alguns permanecem preparando a comida. São servidos as bebidas, quentão e chocolate quente. A comida varia, mas é comum servirem bolos de fubá, de chocolate, tortas, cachorro quente, pé de moleque, canjica, arroz doce, doce de leite e pipoca. Esta é uma prática que coexiste com os rituais da igreja. Às vezes os terços são marcados no mesmo horário que acontece a missa. Se for um terço muito tradicional, de uma pessoa bastante conhecida, as pessoas podem preferir ir ao terço do que à missa, sendo possível observar o desfalque de pessoas na igreja.

Estes terços criam lugares de convivência. Muitas vezes as pessoas só se encontram para conversar durante estes eventos, pois durante o ano não há um contato maior entre as famílias. Mas como é um costume, as pessoas sempre são convidadas ou procuram saber quando o terço será realizado e podem se encontrar. Há também aquelas pessoas que não são convidadas, mas que conhecem alguém que irá participar. Principalmente os terços nos sítios que acontecem à noite, é possível observar a interação entre os convidados. Geralmente, são as mulheres que preparam a comida e também são mais frequentes no momento da reza. Os homens ficam do lado de fora da casa conversando e durante a reza se juntam aos demais, mesmo os homens que não rezam, para acompanhar o terço. As crianças permanecem brincando, às vezes perto da fogueira, às vezes perto dos adultos.

Os terços são eventos que acontecem em várias casas e sítios e há uma rede de comunicação para saber onde haverá o próximo terço, porém são encontros pequenos que atingem os membros da família, amigos e vizinhos. Há outro tipo de festa junina, aquela que começamos a falar acima. As festas juninas organizadas pelas escolas, prefeituras, e difundida em outras associações se estenderam por todo o país. Essa festa típica, às vezes associada ao folclore nacional é repetida por anos como uma tradição e é constituída de elementos característicos.

Estes terços realizados no interior de São Paulo tem certa semelhança com os terços e festas no Nordeste, como o tradicional São João. Isso não significa que tenham origem com a migração de nordestinos para o interior de São Paulo, pois as festas juninas durante o império também eram festas realizadas na corte. Chianca (2007), sobre as festas juninas em Natal-RN, percebe que há a criação de um imaginário do caipira, por vezes chamado matuto, nestas festas. Há inclusive um turismo para o interior do estado para viver a verdadeira festa junina.

De acordo com a autora, a festa junina em Natal é uma encenação de como a cidade vê o campo, o sertão, o caipira. Isso pode ser observado nas quadrilhas, dança tradicional nas festas juninas. Há uma representação com os vestidos de chita, a calça remendada, o chapéu de palha, as tranças, as botas, a maquiagem forte, dentes pintados de preto simbolizando sua falta, etc. A fala é outra coisa que nas festas juninas é usada demasiadamente. Falar errado publicamente é motivo de riso e censura, mas nas festas juninas a linguagem tida como caipira é escrita deliberadamente e com licença poética, pois é estampada nos cartazes de festas juninas. Chianca (2007) diz que a festa junina é um dos poucos momentos em que é permitido usar as roupas antigas da avó. Mesmo sendo caricaturais, essas festas buscam extrair a essência do homem rural e formular uma visão do que os nossos antepassados viveram.

Observamos festas juninas em três cidades: Barbosa (fig. 16), Avanhandava (fig. 17) e Penápolis. Nestas festas foi observado muitas características comuns citadas acima por Chianca (2007) e particularmente vimos que a quadrilha tradicional é realizada pelo grupo da terceira idade (fig. 18). Os mais jovens fazem a quadrilha, porém com outras músicas – do sertanejo ao rock internacional – e com vestidos e *performance* diferentes. Seja nos terços ou nas festas juninas tradicionais está presente uma vontade de perpetuar um costume, o modo de viver de “antigamente”. As festas juninas atualmente, de acordo com Chianca (2007), seriam como uma manifestação idealizada do cenário agrário do país no passado, até porque pensando no interior de São Paulo, a prática com a terra atualmente é restrita a alguns sítios que vivem do gado leiteiro, ou gado para o abate, mas em menor quantidade do que há anos atrás. As grandes propriedades se transformaram em agronegócio, principalmente, do plantio de cana-de-açúcar, em que o trabalhador do campo mora nas cidades.

Diferentemente destas festas, os terços fazem parte da tradição ao mesmo tempo em que acontece de forma viva tendo em vista que há um compromisso com a promessa feita e uma tradição familiar de reunir os amigos sempre na mesma data para uma celebração

coletiva. É algo que precisa ser cumprido e muitas vezes a promessa atravessa gerações. Mesmo quando os pais não conseguem mais realizar os eventos, ou morrem, os filhos e a família assume este compromisso. Nos terços não há caracterização, no máximo se encontram as bandeirinhas, a fogueira, e as comidas. Mas as pessoas do campo, os moradores do sítio não precisam se fantasiar de caipira, pois eles sabem como é a vida no campo, e se esse caipira mudou, são eles mesmos parte desta mudança.

Ainda é preciso considerar que estes terços são eventos e assim sendo são esperados e preparados, não é algo cotidiano mesmo que seja algo vivo na tradição familiar. Então, existem pessoas que são convidadas e vão aos terços mesmo não indo à igreja durante o ano e mesmo não participando da vida no sítio. Isso porque o terço faz parte de uma crença popular, pode ser rezada por leigos e é facilmente decorada, também por isso pode ser rezada por pessoas iletradas.

A seguir será analisado o relato de seu João, sanfoneiro, que nos contou sobre sua memória das festas nos sítios durante sua infância e de como começou a tocar nestas festas e nos bailes.

#### **4.6.1 Seu João**

Seu João é um sanfoneiro conhecido na cidade e atualmente ainda toca em bailes e festas na região. Como tínhamos entrevistado seu Manoel, que também é sanfoneiro, decidimos entrevistar outro sanfoneiro para pensarmos a musicalidade e as festas na comunidade. Seu João começou a tocar sanfona ainda criança, com cinco anos de idade. Seu pai tocava sanfona e, segundo ele, quando havia tempo os filhos corriam para pegar a sanfona, quem chegasse primeiro sempre tocava por mais tempo. Com o passar dos anos seus irmãos deixaram de se interessar pela sanfona, mas ele não.

Só que é uma coisa que a gente nunca aprendeu... nunca chegou lá no ponto final. Não, nunca. Sempre, pela idade que eu estou, a gente está sempre coisa nova. Aquelas músicas tocadas há vinte anos atrás já ficou. [Não toca mais?]. Não, toca. Mas já... agora já são outras músicas, mas ainda toca sim aquelas músicas bonitas, aquelas músicas antigas, ainda tem ainda até hoje (seu João).

Seu João comentou sobre a diferença entre as festas realizadas atualmente e as festas que frequentava na infância e, de quando começou a acompanhar seu pai nos bailes. É preciso dizer que seu João e sua esposa fazem parte do Grupo da Terceira Idade. Neste grupo os bailes acontecem com frequência, quase semanalmente, e reúne os diferentes grupos da

terceira idade da região. Apesar de haver uma livre participação, a maioria dos participantes são senhores e senhoras que viveram sua fase jovem nas décadas de 60 e 70, outros ainda em décadas anteriores. Então, não é por acaso que por mais que tenham se modificado, os bailes continuam parecidos com os bailes do passado. No trecho a seguir, seu João relata como eram os bailes de barraca nos sítios.

Meu pai ia [tocar em bailes], nós íamos a cavalo [...] o baile de barraca é uma barraca normal, no sítio, chão batido de terra, baile de barraca, energia não tinha, lá um lampião lá, coberto de encerado, no canto com folha de coqueiro para não dizer que estava no relente [...] Normalmente seria casamento, porque naquela época casamento no sítio era frequente, tinha muito. Nossa, era muito casamento, hoje em dia... [...] Para nós aqui, então, era aquele baile de barraca e era assim, se o baile começava assim logo que escurecia, porque aqui no sítio não tinha luz elétrica, era lampião, lamparina, e aquele baile não tinha hora para terminar. Muitas vezes o dia estava clareando no outro dia, no domingo, começava no sábado, no domingo, o dia clareando, o sol saindo, meu pai tocando e o pessoal dançando (seu João).

Em certo momento o pai do seu João resolveu parar de tocar nos bailes. Então, seu João e um irmão assumiram a responsabilidade e começaram a tocar nas festas no lugar do pai.

Aí eu falei: “mas esse negócio é bom, nós não podemos parar”. Aí eu peguei, meu irmão mais velho do que eu, também aprendeu um pouco também, aí peguei eu e meu irmão mais velho. Começamos a tocar baile. Então nós, todo sábado nós tínhamos baile, aqui por volta, aqui para o lado de... é... ali para o lado dos Machados, aqui para o lado do rio Tietê naquela época da fazenda militar, tocamos muitos bailes ali, muito (seu João).

Conforme dona Marta relatou, na roça se casava na metade do ano quando se colhia a plantação, justamente o período em que são realizadas as festas juninas. Se refletirmos sobre a quadrilha, símbolo da festa junina, também tem como tema o casamento de alguma moça cujo pai obriga o noivo a se casar. Para saber se havia uma forma específica de transmitir o saber tocar sanfona, perguntei se ele tinha ensinado seus filhos a tocar, ou se os filhos se interessaram em tocar sanfona durante a infância:

Eles nunca se interessaram. Minha sanfona está sempre à disposição, eles nunca se interessaram, porque isso é uma coisa que a pessoa tem que gostar e tem que... se a pessoa não gostar não tem como. É a mesma coisa... [O senhor nunca falou: “vem aqui que eu vou ensinar”?] É, porque eu deixo a disposição deles, se eles gostarem eles por si próprio, eles vão pegar, que foi o meu caso. Eu não precisei de ninguém para me ensinar. Eu tinha aquela vontade de aprender, via o meu pai tocar, tinha aquela vontade de aprender (seu João).

Esta é uma visão sobre o aprendizado, de que se deve buscar pelo que quer aprender, porque não é algo obrigatório, oficial, mas a pessoa tem a liberdade de querer aprender a tocar

sanfona ou não. A memória da migração nordestina também tem esse algo a ser buscado. Os costumes, a prática, estão ali, mesmo que modificadas. Pode escolher olhar, conviver, vivenciar aquele costume enquanto outros o fazem, ou pode escolher aprender a fazer. Podemos concluir que tanto a música quanto o modo de viver ligado ao campo não pode ser especificado como nordestino ou caipira. Vimos que a história do interior do estado de São Paulo, principalmente a região noroeste, foi se fazendo com essas migrações, seja ela estrangeira ou nacional. O que podemos concluir é que os migrantes nordestinos contribuíram para agregar costumes e se também precisaram se adaptar ao modo de vida no interior. Assim, a população local está imersa neste universo cultural mesclado pela cultura trazida com os nordestinos e as influências da vida rural do caipira no interior do estado.

#### **4.7 Conclusão**

Preferimos transcrever os relatos dos entrevistados na sequência que contaram, mesmo ficando os assuntos intercalados, para que ficasse explícito como um assunto desencadeia outro no processo de rememorar o passado. Provavelmente, há mais histórias a ser contadas, porém os fragmentos de memória foram alinhavados conforme os temas foram levantados. De modo geral, as histórias relatadas possuem perspectivas de reflexão parecidas conforme os temas que a entrevista elencou: como aconteceu a migração, como se casaram, como é o contato com os filhos e netos, os momentos de lazer e as reuniões de família.

Também o contexto histórico-econômico está presente nos relatos: a carência nos meios de transporte, a dificuldade na comunicação, a falta de dinheiro em espécie, o contexto rural. E o contexto cultural: as relações de poder no casamento, a forma de casar, os valores éticos nas relações sociais, o valor pouco significativo da escolaridade nas famílias, o relacionamento entre gerações, a importância da fala no contexto migratório, a crença nos mitos e experiências com a natureza, além da musicalidade e da festa.

Observamos que os lugares da memória estão próximos à importância da arte de narrar em Benjamin (1994). A história de vida e a memória da migração são destacadas principalmente como uma advertência, como um conselho. A expressão “na minha época”, ou outras que remetem ao passado, podem ser assemelhadas com o “era uma vez” das narrativas de conto de fadas. Desta forma, esses conselhos são também um ensinamento sobre qual valor deve ser cultivado na vivência, ensinando normas deste grupo específico. Neste momento existem conflitos de gerações entre a forma de agir e pensar de uma época com a forma de

agir e pensar dos membros da família. Assim, gostaria de destacar o que relata a Lúcia, e que observo fazer parte do grupo pesquisado: de um ensinamento do sofrimento como sinalizador do que é bom ou ruim na forma de agir. Se algo é feito através da experiência do sofrimento, provavelmente desencadeará uma boa ação, então é algo permitido. O que é fácil e menos doloroso não faz parte do modo de agir para alcançar objetivos bons, moralmente corretos, então deve ser visto com cautela.

Há também lugares de memória nos momentos de lazer, como nas festas e reuniões de família. Como dissemos, não há como determinar um modo específico para a realização destes encontros na família. Porém, por mais que seja apresentado como um momento de lazer não significa que os membros estão totalmente livres para participar ou não participar. Existe um dever implícito nos convites destas festas, e no qual as crianças sofrem mais este domínio pelo fato da condição de serem tuteladas pelos adultos. Mesmo que discordem das reuniões, elas serão ensinadas que aquela é a forma como se deve relacionar entre membros da família, sofrendo como penalidade ficar alheio aos assuntos discutidos e às informações trocadas nestas festas. Veremos no próximo capítulo, mais detalhadamente, como os netos se relacionam com o fato de participar das reuniões de família.

Nos colocamos a questão: os lugares da memória são construídos conscientemente ou acontecem de forma diluída no cotidiano? Se tivesse que definir de forma genérica diria que os lugares da memória estão dissolvidos nas práticas do cotidiano. Mas, afinal, a cultura de um grupo é transmitida no cotidiano como vimos em Certeau (2012). Mesmo não havendo um ritual específico em um dia específico para se lembrar da migração ou para evidenciar uma identidade do lugar de origem, mesmo assim podemos dizer que os lugares da memória são construídos de forma consciente, pois exercem uma autoridade. Porém, a consciência desta autoridade pode estar mais distante do reviver e mais próxima do ensinar. De certo modo, podemos pensar estes lugares da memória como se fossem uma porta, que quando aberta leva a histórias passadas. Essas portas podem ser uma fotografia, uma música, um gesto, a visita de um familiar. Voltaremos a essa questão com as análises no próximo capítulo.

## **5 Os lugares da memória: as histórias de família na perspectiva das crianças**

Neste capítulo será tratada a pesquisa de campo com os netos de migrantes nordestinos, realizada na Escola Estadual Prof. José Carlos da Silva, em Barbosa.

Retomaremos como surgiram as questões sobre a memória desta migração durante as aulas de sociologia. Em seguida faremos uma análise dos Planos de Ensino do Ensino Fundamental Ciclo I, disponibilizados pela Escola Municipal de Educação Infantil Gabriel José Martins, em Barbosa, e do Currículo do Estado de São Paulo para Ciências Humanas para o Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio. Há também uma seção para discussão teórica sobre o processo de aprendizagem e memória na criança a partir de teorias que pensam o desenvolvimento inserido no contexto cultural do indivíduo. Para assim, partirmos para a abordagem das entrevistas com as crianças sobre a história da migração nordestina dos avós.

As questões sobre a memória da migração nordestina surgiram, como dissemos na introdução, a partir de minha experiência lecionando sociologia no Ensino Médio. Entre 2011 a 2013, em nove salas de aula diferentes e em três cidades, Braúna, Penápolis e Barbosa, no 2º ano do Ensino Médio, perguntei aos alunos quem tinha parentes migrantes. Muitos diziam inicialmente que não tinham parentes migrantes, que seus parentes eram da cidade onde moravam, ou da capital São Paulo. Alguns alunos que pensavam nos avós e bisavós, diziam que eram descendentes de italianos, e apenas após realizarem o exercício proposto, uma entrevista com familiares, passavam a mencionar a migração nordestina.

Por que aqueles alunos não conheciam parentes nordestinos em cidades onde havia muitos migrantes nordestinos? No início pensava que o motivo era uma negação da identidade nordestina. Principalmente, porque a região viveu uma intensa migração para o trabalho no corte de cana-de-açúcar a partir de 2000. Essas pessoas foram vistas como estranhas, de fora. O ser nordestino é associado com o estranho, àquele que chegou há pouco tempo, e os migrantes que já estavam inseridos na comunidade não eram vistos como nordestinos.

Além dessa possibilidade de não querer parecer nordestino, poderia haver outros dois fatores a influenciar aquelas respostas. A pergunta: “você tem avós nordestinos?”, poderia ter suscitado outra questão: o que é necessário para ser nordestino? Muitos podem ter avós que vieram ainda crianças, ou que nasceram no estado de São Paulo e tinham apenas irmãos nascidos em estados do Nordeste. Ou o contrário, perguntar se alguém da família é nordestino pode ter soado tão estranho quanto à metáfora de McLuhan de que “a única coisa que o peixe não percebe é a água” (MCLUHAN, 2011). Pode parecer simples dizer se o avô é nordestino ou não. Mas isso implica em pensar uma separação entre o Nordeste e a cidade onde a criança está. Se o avô está no Nordeste parece simples dizer que ele é nordestino, mas se ele não está, o que o faz ser nordestino? Seria preciso que a família reforçasse uma identidade nordestina para que a criança reconhecesse como nordestino algum membro da família ou costumes.

Talvez seja mais fácil responder essa questão na vida adulta, quando os processos institucionais nos forçam a dizer de onde somos. Qual a sua cor? De qual raça você se considera? Qual sua filiação? Nacionalidade dos pais? Lugar onde você mora? Lugar onde você nasceu? Onde foi emitido seu RG? Requisitos que são básicos para fazer uma inscrição no Enem, a matrícula na faculdade, para adquirir passaporte, fazer compras online no cartão de crédito, ou mesmo prestar um concurso público.

Então, fiz a mesma pergunta de outra forma. “Seus avós nasceram aqui?” e muitos disseram, “não”. Muitos não sabiam onde exatamente os avós tinham nascido, mas agora sabiam que não tinham nascido naquela cidade onde moravam. A segunda parte do exercício foi uma pesquisa que tinham que fazer com alguém da família que tivesse migrado ou que soubesse da história de algum familiar migrante. Alguns trouxeram uma história detalhada, informando a origem do migrante, ano em que migrou, como viajou, e porque migrou. Outros trouxeram alguns aspectos, mas não sabiam dizer o local de nascimento ou quando migraram. Outros, ainda assim, não sabiam da história da família, disseram que os avós tinham morrido, ou não conheciam nenhum parente próximo, e não havia ninguém da família que soubesse informar. Essas respostas revelaram que em muitos casos não havia completo desconhecimento sobre a história dos avós. Os alunos apenas conheciam histórias contadas de formas diferentes, com outros termos, outras categorias.

A seguir selecionamos as partes dos Planos de Ensino de Geografia e História, Ensino Fundamental Ciclo I, e do Currículo de Ciências Humanas, Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio, que tratam direta ou indiretamente da migração nordestina para o estado de São Paulo. A partir destes recortes procuramos entender como as crianças são inseridas na história da migração e se a escola possibilita um diálogo entre aprendizado familiar e escolar.

## **5.1 Os currículos**

Para poder tratar com mais propriedade sobre este assunto seria necessário uma investigação focada no currículo, materiais didáticos e na vivência em sala de aula, fatores que não serão abordados aqui, pois não são os elementos centrais desta pesquisa de mestrado. Contudo, algumas análises podem ser feitas com uma observação rápida nos planos de ensino do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, Ciclo I, disponibilizados pela Escola Municipal Gabriel José Martins e através do currículo escolar do Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio, disponibilizados pela Escola Estadual Prof. José Carlos da Silva, em Barbosa.

Buscamos nestes materiais conteúdos em que são trabalhadas questões sobre migração, localização, história familiar. Esses temas são tratados principalmente no 1º, no 4º e no 5º ano do Ciclo I, nas disciplinas de História e Geografia. No segundo bimestre do 1º ano em História os conteúdos abordados são: “a família da gente; eu e a minha família; a história de cada família; dividimos as tarefas da casa; quem são os nossos parentes; a vida em grupo; o calendário; hoje é meu aniversário” (BARBOSA, 1º Ano, Plano de Ensino, 2011). Estes conteúdos inserem a criança na percepção sobre sua própria família, e o possibilita expressar sua experiência familiar.

No conteúdo de Geografia, também no segundo bimestre é tratado o tema da família e no terceiro bimestre sobre a moradia: “nossa moradia – a casa; tipos de casa; a rua, bairros e cidades onde moramos; sem-teto; moradias da cidade e do campo; as partes de uma casa; como são feitas as casas; profissões” (BARBOSA, 1º Ano, Plano de Ensino, 2011). Como nesta fase os alunos ainda possuem pouco domínio da escrita, estes conteúdos são trabalhados a partir de construções e desenhos sobre a casa, o bairro e a vizinhança de onde as crianças moram. De fato, estas atividades permitem que as crianças elaborem muitos questionamentos sobre o lugar onde vivem.

Durante o 2º ano, o tema da família está presente no primeiro bimestre na disciplina de História, e o tema da moradia no segundo bimestre. Na disciplina de Geografia, no primeiro bimestre há o conteúdo que aborda a vida em sociedade, e em grupos. No segundo bimestre retorna o tema sobre as moradias. Neste, um dos objetivos esperados é de que o aluno “desenvolva noções espaciais de localização e lugar e levá-lo a resgatar histórias das moradias, considerando a cultura do lugar” (BARBOSA, 2º, Plano de Ensino, 2011). E no quarto bimestre é retomado o tema da geografia a partir das ruas e bairros onde a criança vive.

No 3º ano em História os conteúdos retomam alguns temas já destacados. Vale ressaltar um conteúdo no segundo bimestre que diz: “aprendendo com os mais velhos” (BARBOSA, 3º Ano, Plano de Ensino, 2012). No terceiro bimestre o conteúdo é sobre brincadeiras e lazer no passado e no presente. E um dos tópicos dos procedimentos metodológicos é: “entrevistas às pessoas mais velhas” (BARBOSA, 3º Ano, Plano de Ensino, 2012). Neste ano o conteúdo de Geografia está voltado para descrições físicas. Contudo, nos procedimentos metodológicos há dois tópicos que merecem ser destacados para nosso propósito: “despertar no aluno o sentimento de pertencimento ao lugar e assim sentir-se responsável por ele; entrevistas às pessoas mais velhas” (BARBOSA, 3º Ano, Plano de Ensino, 2012).

É no 4º e 5º ano que as questões sobre a origem e formação cultural, social e econômica da população do município, estado e país começam a ser abordados de forma mais densa. No primeiro bimestre em História é abordada a história do município, passado e presente, e as diferenças nos modos de vida e trabalho no campo e na cidade. No segundo bimestre é abordado o conteúdo sobre migração:

- Em busca de uma vida nova  
Origem das famílias;  
Movimentos migratórios e desenvolvimento dos municípios;  
Um século de mudanças.
- A formação do povo brasileiro  
Os primeiros habitantes do Brasil;  
Diferentes povos indígenas: de geração em geração;  
Encontro entre dois mundos: em busca de novos caminhos;  
A chegada dos portugueses;  
Indígenas e portugueses: primeiros contatos (BARBOSA, 4º Ano, Plano de Ensino, 2012).

Ainda podemos destacar nos procedimentos metodológicos:

Pesquisar, observar, interpretar e levantar dados em documentos pessoais; vivenciar algumas atividades, ligando-as à vida pessoal do aluno; entrevistar morador do município em busca do resgate da memória local (BARBOSA, 4º Ano, Plano de Ensino, 2012).

Na disciplina de Geografia não há muito que se destacar além dos temas que já foram tratados, mas há no terceiro bimestre o conteúdo sobre meios de transporte e meios de comunicação. Tópico importante, pois como observamos nesta pesquisa, restaria a forma como os migrantes se comunicavam com as pessoas que ficaram no local de origem, através de cartas, fotografias e telefonemas. Além disso, nos procedimentos metodológicos destaca-se o uso de: “pesquisas, fotos, relatos, entrevistas relacionados aos conteúdos da série” (BARBOSA, 4º Ano, Plano de Ensino, 2012).

No 5º ano, em História, todos os conteúdos de todos os bimestres estão relacionados com a diversidade de povos e costumes que formaram o Brasil, sobre as migrações, a diversidade da língua, das artes, da política. Destacamos um conteúdo em particular no segundo bimestre sobre: “a gente do sertão”. E em Geografia no primeiro bimestre há um conteúdo sobre as divisões regionais do Brasil. No segundo bimestre sobre a “formação do povo brasileiro”: “origens do povo brasileiro; representações; imigrações; como a população se distribui no território” (BARBOSA, 5º Ano, Plano de Ensino, 2012), etc. E por fim, no quarto bimestre é tratado de forma específica as regiões Nordeste, Sudeste, Sul, Centro-Oeste, Norte e o Brasil como um conjunto dessas regiões.

Embora um pouco extensa, essa descrição dos conteúdos é importante para sabermos sobre o que estamos tratando e em que dimensões os conteúdos curriculares podem estar relacionados com nosso objeto de pesquisa: a migração nordestina dentro do contexto familiar por meio da memória e relatos familiares. Contudo, há alguns parênteses a se fazer nesta análise. Conversamos de forma informal com uma professora e a diretora de uma escola Ciclo I. Elas relataram que estes conteúdos são abordados com ressalvas, uma vez que as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática possuem um espaço maior no cotidiano da sala de aula, pois são as disciplinas mais cobradas nas avaliações institucionais como Provinha Brasil e Saresp. Nas disciplinas de História e Geografia os professores dão ênfase principalmente na análise de gráficos e mapas, pelos mesmos motivos: serem esses os aspectos mais presentes nas avaliações institucionais.

Devemos reforçar que fizemos uma análise dos planos de ensino de acordo com o currículo e não da prática em sala de aula, por este não ser o objetivo principal de nossa pesquisa. Porém, com estes dados temos que reconsiderar alguns pressupostos que tínhamos no início da pesquisa e que devem ser levados em consideração: 1) as crianças com 11 e 12 anos já possuem um conhecimento sobre a história da migração tal como é manifestada na história oficial, cronológica, com base em dados, teorias; e 2) ao menos nos planos de ensino os alunos são chamados a participar das aulas trazendo relatos sobre a origem de sua família, e estimulando a percepção das diferenças e semelhanças com a família de outras crianças.

As questões que ainda persistem são: 1) esta abordagem na escola é suficiente para conectar a experiência da criança com o ensino formal? 2) Há algo mais que possa ser melhorado? 3) No Ciclo II, do 6º ao 9º ano, esta relação de proximidade entre fenômenos históricos e a vivência do aluno permanece ou é modificada? Para tentar responder essas perguntas vamos fazer algumas análises quanto ao currículo didático no Ciclo II e no Ensino Médio.

No Ensino Fundamental Ciclo II e o Ensino Médio, há a inserção de conteúdos sobre a História Mundial que envolve o estudo sobre as civilizações antigas, o período conhecido como Idade Média, as Grandes Revoluções, Colonização, Primeira e Segunda Guerra Mundial e uma série de outros conteúdos. Analisamos de acordo com o Currículo do Estado de São Paulo na área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, que envolvem as disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia. O Currículo é formulado de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, e as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9394/96. O Currículo deve reger a Proposta Pedagógica da escola, os

livros didáticos e todo o material didático usados na escola. Continuaremos a levantar conteúdos em que a questão da migração é tratada do 6º ao 9º anos do Ciclo II e, 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Médio.

Na disciplina de História o conteúdo que se refere à imigração está presente no quarto bimestre do 8º ano.

Economia cafeeira.

Escravidão e abolicionismo.

- Formas de resistência (os quilombos), o fim do tráfico e da escravidão. Industrialização, urbanização e imigração.

- As transformações econômicas, políticas e sociais no Brasil.

Proclamação da República (BARBOSA, São Paulo, 2010, p. 53).

Nas habilidades que devem ser trabalhadas com os alunos merecem destaque duas: “Relacionar a Lei de Terras, de 1850, ao processo de substituição da mão de obra escrava pela dos imigrantes europeus; Analisar historicamente as principais características e dinâmicas dos fluxos populacionais ocorridos no Brasil” (São Paulo, 2010, p. 53). Este conteúdo será retomado durante o quarto bimestre da disciplina de História, da 2ª série do Ensino Médio.

Na disciplina de Geografia, no 6º ano há um conteúdo sobre “Memória e paisagens” em que pode ser trabalhada a habilidade de “Interpretar e produzir textos simples acerca das transformações observáveis no tempo e no espaço” (São Paulo, 2010, p. 83). Durante o quarto bimestre no 7º ano é tratado o conteúdo sobre fluxos migratórios, população, surgimento das cidades, questão agrária. (São Paulo, 2010, p. 90) As questões populacionais e as migrações internacionais são novamente tema do terceiro bimestre no 9º ano do Ensino Fundamental (São Paulo, 2010, p. 97), e durante o Ensino Médio no segundo bimestre da 2ª série, sobre a industrialização e as cidades brasileiras (São Paulo, 2010, p. 106).

Estes são os períodos em que o currículo trata especificamente sobre migrações, porém existem outros momentos em que a história da migração, a questão geracional e cultural, além da noção de lugar de origem podem ser tratados. Por exemplo, em momentos que tratam sobre as Divisões regionais, urbanização e industrialização, mudanças no modo de trabalho.

As disciplinas de Filosofia e Sociologia fazem parte do currículo apenas no Ensino Médio. Na disciplina de Filosofia não há um conteúdo específico sobre a migração, porém em todos os bimestres da 2ª série há o conteúdo sobre ética, especialmente no segundo bimestre há uma discussão sobre o “tornar-se indivíduo” envolvendo a leitura de Paul Ricoeur e Michel Foucault (São Paulo, 2010, p. 125). Neste conteúdo pode ser mencionada a questão da

memória e construção social a partir da noção de geração, e forma de ensinar o modo de ser e agir de um grupo a partir das narrativas de família.

Por fim, na disciplina de Sociologia a migração é tratada durante o primeiro bimestre da 2ª série.

De onde vêm a diversidade social brasileira?

A população brasileira.

- Diversidade nacional e regional

O estrangeiro do ponto de vista sociológico.

A formação da diversidade.

- Migração, emigração e imigração.
- Aculturação e assimilação (São Paulo, 2010, p. 143).

De fato, como sou professora de sociologia no Ensino Médio, considero a proposta para trabalhar o tema da migração bastante abrangente e propícia. Há como proposta uma atividade, como já me referi, em que os alunos fazem entrevistas com os parentes perguntando se estes migraram, sobre essa experiência, o que mudou em suas vidas, entre outras questões.

Podemos observar que existem espaços para que essa temática seja trabalhada. Verifica-se que durante o Ciclo II e Ensino Médio há uma abordagem do conteúdo voltada principalmente para análises de gráficos em Geografia, migração internacional e questão agrária em História, não há necessariamente uma abordagem sobre as narrativas de vida nestes conteúdos, que foram introduzidas durante o Ciclo I.

No Ciclo I há mais momentos em que o tema pode ser trabalhado pelas narrativas de família. Porém, como mencionamos acima, há uma diminuição dos conteúdos de História e Geografia para um trabalho mais focado na Língua Portuguesa e Matemática. O que não invalida a possibilidade de trabalhar com narrativas de família, uma vez que as histórias familiares podem ser inseridas na disciplina de Língua Portuguesa, além de trabalhar a riqueza das histórias contadas e a dimensão da escrita e oralidade dos avós como um aspecto positivo da cultura familiar, de outras regiões brasileiras, de outro tempo histórico, de variantes regionais da língua portuguesa.

Pensar em como essas histórias da migração podem ser inseridas na educação básica é uma forma de trazer a história de vida desses migrantes mais para perto da história oficial. Por vezes, os materiais didáticos dão ênfase nas condições miseráveis que fizeram estas pessoas migrarem, mas não nas histórias de superação delas. Por outro lado, as estatísticas privilegiam os grandes números, os grandes fluxos migratórios. Assim, na história contada nos livros se dá ênfase aos grandes fluxos migratórios de italianos para o interior de São

Paulo, e nos grandes fluxos de nordestinos para a capital de São Paulo. A migração nordestina para o interior do estado fica dissolvida no discurso de miséria e seca no Nordeste.

Trazer à luz as histórias de vida destas famílias não significa reforçar uma “identidade nordestina”, nem mesmo buscar criá-la. Mas sim ensinar às crianças o saber sobre a própria história e a ligação desta com a história geral onde essas crianças e jovens se inserem.

Na próxima seção há uma discussão sobre as particularidades do aprendizado nas crianças, sobre quando elas percebem que estão inseridas na família e começam a interagir com elementos externos a ela.

## **5.2 Desenvolvimento da criança. Quando ela percebe que está inserida na família**

Nesta seção pensaremos sobre o desenvolvimento da criança e sua percepção no mundo, isto é, como a criança começa a perceber e interagir com os elementos externos a ela. Partimos da seguinte questão: quando a criança percebe que está inserida em uma família e começa a se interessar por compreendê-la? Assim, podemos colocar em questão se as crianças entrevistadas passam ou já passaram pela fase de buscar conhecer as histórias de sua família e como esse conhecimento é incorporado em suas vidas.

A migração faz parte da história de família e talvez seja mais recorrente lembrar o lugar de origem do que quando ocorreu a migração. Consideramos que as crianças possuem um conhecimento das histórias dos avós, contudo este conhecimento não é associado à macro-história, que consta na história oficial. Também os estudos de Vigotskii (2006) compreendem percepções de aprendizagem que são anteriores à escola, assim o aprendizado na escola não está baseado em nenhum saber, mas naquele que foi associado pela criança em uma fase anterior, pela convivência com a família.

Tomemos como ponto de partida o fato de que a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. A aprendizagem escolar nunca parte do zero. Toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história (VIGOTSKII, 2006, p. 109).

Ainda de acordo com os estudos de Vigotskii em “O desenvolvimento Psicológico da Infância” (1998), mostrou-se que a memória é mais forte na infância, ou seja, as crianças possuem mais capacidade de memorizar do que os adultos. Não se sabe ao certo, de acordo com Vigotskii, em que ponto a memória tem seu ápice. Porém, segundo ele, a questão em que a psicologia devia se empenhar não era determinar o aumento ou o declínio da memória, mas

como é o funcionamento da memória na infância e em outras fases da vida. “É notável não só que a memória da criança de mais idade seja distinta da de menos, mas que desempenhe um papel diferente do que na idade precedente” (VIGOTSKII, 1998, p. 44).

A memória da criança nos primeiros anos de vida é apenas a memória imediata. Ela tem importância fundamental na vida da criança e é a partir dela que se organizam todas as outras funções. Quando pedimos para a criança descrever algum objeto ela irá descrever de acordo com sua lembrança e a sua sensação ao momento em que teve contato com esse objeto. “Por exemplo, quando a criança responde o que é um caracol, ela diz: é pequeno, escorregadio, pode ser esmagado com o pé” (VIGOTSKII, 1998, p. 44). A criança nessa idade inicial não possui pensamento abstrato sobre os objetos. Todas as suas ações estão baseadas no contato direto com ele, sua experiência, sensações, lembranças. Essa forma de memória encontra uma mudança fundamental perto da adolescência, quando “memorizar se reduz a estabelecer e encontrar relações lógicas e recordar consiste em buscar um ponto que deve ser encontrado” (VIGOTSKII, 1998, p. 46). O adolescente começa a pensar a partir das relações lógicas, o que possibilita que pense a partir de conceitos abstratos.

Assumir esse pressuposto em nossa pesquisa corresponderia a dizer que as crianças não conseguem pensar em migração quando for mencionada a história dos avós. Eles irão se lembrar de suas experiências com os avós, o que eles comentam de suas vidas, o que fazem juntos, e nesse sentido, se lembrarão de quando os avós falam de sua infância e mencionam outro tempo, outro lugar, “lá onde eu morava”, “no meu tempo”. O conhecimento das crianças sobre os avós está inserido dentro de um contexto de histórias que vivenciaram ou ouviram deles.

Consideramos importante agregar à discussão os estudos de um teórico contemporâneo, Jerome Bruner e sua concepção sobre educação e cultura, pois este teórico considera que o aprendizado se inicia muito antes da escola e concorda com as noções de que as crianças possuem formas próprias de pensamento.

Segundo Rabatini (2010), Bruner considera qualquer pessoa que faça a mediação entre a cultura e a mente da criança como um sujeito que opera a pedagogia popular. Esta pedagogia, baseada na psicologia cultural, consegue ensinar as crianças a partir da própria realidade desta, inserindo o novo no contexto que a criança conhece. Neste sentido, “ao se elaborar teorias sobre a prática da educação na sala de aula (...) seria melhor levar em consideração as teorias populares que aqueles que participam do processo de ensino e aprendizagem já possuem” (BRUNER, 2001, p. 54).

Para Bruner, os psicólogos e pedagogos devem levar em consideração que as crianças aprendem fora da escola, mas também antes de entrar na escola. Isto significa considerar que as crianças não aprendem apenas sobre o mundo, mas aprendem como a sua cultura observa e interage com aquele mundo. As crianças, assim, estão inseridas em crenças que podem variar ou coincidir, e é nesta variedade de conhecimento que chegam à escola. Para nossa pesquisa é interessante pensar se a pedagogia popular na escola aproxima a experiência dos alunos com o conhecimento escolar. Bruner expõe sobre quatro tipos de pedagogia popular.

1. Enxergar as crianças como aprendizes por imitação: a aquisição do know-how; 2. Enxergar as crianças como se estas aprendessem a partir da exposição didática: a aquisição do conhecimento proposicional; 3. Enxergar as crianças como seres pensantes: o desenvolvimento do intercâmbio intersubjetivo; 4. As crianças como detentoras de conhecimento: o manejo do conhecimento “objetivo” (BRUNER, 2001).

O autor considera estes tipos de pedagogias em duas dimensões: uma dimensão internalista-externalista e outra intersubjetiva-objetivista. Geralmente a internalista coincide com a intersubjetiva, quando o professor procura fomentar no aluno seu próprio conhecimento para inseri-lo num contexto teórico. O contrário seria considerar o aluno na sua posição de aprendiz, sem o conhecimento pelo qual foi buscar na escola e o professor teria como objetivo mostrar este conhecimento ao aluno. Contudo, o mais interessante desta discussão, é que Bruner (2001) considera toda pedagogia como um processo intencional e não isento de cultura. Querer ensinar determinado conteúdo e aproveitar determinadas habilidades do aluno não se trata de algo dado, mas uma escolha. Todo conhecimento está inserido em um contexto cultural, pelo qual se espera que o aluno tenha seu completo domínio quando for adulto.

Pait (2005) percebe quatro tipos de relação entre professores e alunos. O professor livro, aquele que ele próprio é um livro, por meio dele os alunos conhecem o que devem conhecer do que está sendo ensinado. O professor teatral, aquele que marca mais por sua presença e a forma como ensina do que pelo que está sendo ensinado. O professor telegráfico, que impõe sua mensagem e eterniza o que foi dito pela força de sua concepção. O professor televisivo, aquele que olha e ensina a olhar e organizar muitas informações pelo ponto onde está observando. Na sociedade atual onde os meios de comunicação são plurais e tornam disponíveis a nós muitos conteúdos é preciso aprender a ser outro professor.

A autora mostra como é importante ser o professor televisivo, aquele que olha para seu aluno e no seu próprio questionamento humaniza o questionamento do aluno. Em que o professor está tão interessado quanto o aluno em ver o que está distante. Em que escuta mais

do que fala e mostra mais do que o aluno pode ver. Essas crianças têm muitas histórias de experiências, em sua pouca idade, sobre quem é sua família e podem, por estar tão perto, acessar uma parte do que se chama História do Brasil. Elas estão querendo olhar além, mas também precisam aprender a olhar. Suas histórias tão cotidianas, corriqueiras, são por vezes ignoradas, fazendo com que a pergunta “você sabe a história dos seus avós?” se transforme em um grande enigma. Sua própria existência pode abrir espaços para vários lugares da memória, e assim tornar tão significativo, tão ético esse autoconhecimento, de se ver como parte dessa História do Brasil e ao mesmo tempo estranha a ela.

Na próxima seção está descrita a pesquisa com as crianças. Buscamos fazer um resumo da história de cada criança no início para que o leitor saiba as particularidades de suas histórias. A entrevista em grupos se mostra bem interessante, pois cada criança estimulou a outra sobre os assuntos e pude direcionar menos os diálogos. Fizemos mais encontros com as crianças do que com os avós, pois foi necessário insistir mais em sua memória. Com as crianças, fazer mais encontros foi importante para certificar que fatos cotidianos, porém relevantes pudessem surgir a partir do momento que a criança se sentisse mais confortável, ou que aquela memória estivesse mais fácil de ser acessada.

Nestas entrevistas buscaremos conhecer como a família é importante como elo entre a sociedade e a mente da criança e, sobretudo, como ensina as crianças a partir de sua própria cultura. Assim, o conhecimento se dá de um lado entre generalizações, conceitos comuns, e de outro por elementos específicos, particulares a uma cultura. Neste sentido, podemos inferir que as histórias de vida de migrantes nordestinos não necessariamente serão transmitidas da mesma forma que a história de vida de migrantes italianos, ou migrantes que foram para espaços urbanos, ou para espaços rurais, ou em determinado período histórico. Essas particularidades não moldam apenas os conceitos que essas crianças terão sobre migração, mas sobre um modo de ser e agir na sociedade.

### **5.3 Apresentação da história das crianças pesquisadas**

Este capítulo trata da pesquisa de campo com as crianças pesquisadas. Foram entrevistadas 10 crianças selecionadas através de dois questionários semiabertos (Apêndice). No primeiro questionário realizado em sala de aula, perguntamos se elas sabiam onde os avós tinham nascido. A partir deste questionário selecionamos algumas crianças para responder outro questionário, que poderiam responder em casa e com ajuda de algum familiar. Essas

crianças cursavam o 6º ano do Ensino Fundamental, na única escola de Ciclo II da cidade, Escola Estadual Prof. José Carlos da Silva, em 2012. Foram feitos quatro encontros individuais e um em grupo com os alunos da mesma sala. Nesta seção será tratada a pesquisa com as crianças na E. E. Prof. José Carlos da Silva, em Barbosa. Esta descrição está limitada pelos aspectos sobre as relações familiares como as crianças descreveram, e a seguir iremos descrever os encontros em grupos. Para preservar a identidade destas crianças utilizaremos apenas os termos: criança 1, criança 2 e assim por diante.

### **5.3.1 Criança 1**

Esta criança cursava o 6º ano B, antiga 5ª série, em 2012 com 13 anos na época. Seus pais moravam em um sítio próximo à Penápolis, cerca de 30 quilômetros de Barbosa, e ela morava com uma tia. Seu avô materno, falecido, era do estado de Pernambuco. Ela nos relatou que em sua família há vários parentes com quem não tem mais contato. De acordo com ela, tanto seu pai quanto sua mãe tiveram duas mães, ou seja, ela teria quatro avós. Pois eles possuem a mãe biológica e outra de criação. Este também é um motivo para a falta de contato. O seu pai tem uma mãe biológica que mora em São José do Rio Preto, e outra que já faleceu. Sua mãe foi criada por uma tia, pois logo que nasceu sua mãe a deu para a irmã. Esta tia avó morava na cidade de Braúna, há cerca de cinquenta quilômetros de Barbosa. Atualmente mora no estado do Mato Grosso do Sul, pois depois que ficou doente se mudou para a casa de um parente.

O avô materno da criança 1 nasceu no estado de Pernambuco e migrou para Penápolis, há cerca de 30 quilômetros de Barbosa, mas ela nunca o conheceu. Disse nunca ter visto nenhuma fotografia do avô materno. Quanto ao avô paterno, mora em Goiânia, mas ela nunca o viu e disse que seu pai apenas o viu uma única vez. Este avô não sabe que seu filho se casou e tem filhos, pois eles nunca mais conversaram. Quando perguntei se o pai dela falava sobre o avô, ela disse que sim, que o pai diz ter saudade dele.

De acordo com o relato da criança, o seu bisavô não aceitou o fato da filha dele, avó dela, ter engravidado ainda solteira, por isso não aceitou o pai da criança. Assim, o pai dela foi criado pelos avós e não manteve contato com o pai biológico. Perguntei se sua avó biológica, paterna, falava dessa história para eles. Ela disse que ela não gosta de falar sobre o assunto, casou-se com outro homem, padrasto do seu pai.

### 5.3.2 Criança 2

Esta criança é migrante, tinha 11 anos em 2012 e cursava o 6º ano B. Migrou da Bahia para Barbosa em 2008, embora pertença à migração recente e de característica sazonal decidimos entrevistá-la, ela e também outra criança, para conhecer sua experiência como migrante e também para observar como as outras crianças interagem com eles. Ela voltou para visitar sua cidade de origem, Guanambi, em 2011 e ficou por uma semana. Contou-nos que chegou num domingo e seu avô morreu na terça-feira seguinte, em um acidente. Perguntei a ela com quais avós ela tinha mais contato. Disse que era com esse avô que faleceu e a avó. Os avós paterno e materno moravam na mesma rua, mas a criança diz ter se acostumado mais em ir à casa de um do que do outro. Disse que na casa do avô que faleceu ela ia todos os dias e no outro ela ia aos fins de semana, geralmente pela manhã, passava o almoço com eles e voltava para casa por volta das seis horas da tarde.

Na visita em 2011 ela ficou na casa de uma tia, irmã de seu pai. Disse que seu pai tinha oito irmãos ou mais: duas moravam em outra casa, três tinham migrado para o estado de São Paulo e os outros moravam com sua avó. E sua mãe tinha apenas uma irmã. Disse que sua mãe perguntou para sua avó se ela gostaria de vir para São Paulo, mas a avó não quis. Perguntei se ela sabia o porquê, ela respondeu: “não sei, ela não gosta de sair de lá” (Criança 2).

De acordo com esta criança, a festa que agrega um maior número de familiares é o Natal. Ainda de acordo com ela, desde que migraram a família se comunica por celular e a mãe não trouxe nenhuma fotografia da família no Nordeste.

### 5.3.3 Criança 3

Esta criança tinha 12 anos em 2012 e cursava o 6º A. Ela tem apenas uma avó viva, que mora na cidade de Braúna. Disse não manter muito contato com ela, e apenas conhece esta avó e o avô, que faleceu em 2012, seus avós maternos. Os avós paternos ela não conheceu, mas mencionou um vídeo em que eles aparecem.

[Vídeo do quê?] Um negócio lá da ponte de Avanhandava que aparece meu vó. [Da ponte de Avanhandava ou a daqui? Da do Salto aqui?] A do Salto do Avanhandava. Aparece ele. [...] [E o que seu pai conta deles?] Nada. Minha mãe só conta que minha avó ela era o cão. [Como assim, ela era o cão?] Ela era chata (Criança 3).

De acordo com ela, a mãe teria morado no começo do casamento na casa da sogra. Perguntei se o pai falava sobre os avós e ela respondeu que não. Não sabia quando os avós tinham migrado do estado de Alagoas e apenas soube que eles eram de outro estado quando perguntou para a mãe para responder o questionário inicial desta pesquisa. Sobre os momentos que reúnem mais membros da família, disse que foi no casamento do irmão, no velório do avô e geralmente quando o irmão dela vem visitá-los.

Tanto a família materna, quanto a paterna vieram de Alagoas. A mãe migrou quando tinha cerca de doze anos, de acordo com a criança. Ela não sabe ao certo quantos irmãos sua mãe tem, mas disse que alguns faleceram, ainda havia cinco, sendo que um mora em Alagoas. Os avós paternos são de Alagoas, mas o pai dela nasceu em Avanhandava, uma cidade há cerca de 20 quilômetros de Barbosa, e quando era criança voltou com os pais para Alagoas, retornando depois. O pai dela teria onze irmãos, mas de acordo com ela, ele não se comunica com nenhum deles.

Preciso destacar que todas essas informações provêm unicamente dos relatos das crianças. Ou seja, não há como saber a linearidade dos fatos, nem mesmo se os pais das crianças realmente narram os fatos dessa forma. Porém, essas informações são importantes uma vez que representam o que as crianças sabem, ouviram e que incorporaram em sua vivência.

Em um momento a criança 3 disse que apenas ficou sabendo que os avós paternos eram de Alagoas quando perguntou para a mãe nesta pesquisa. Mas depois disse conhecer a história da mãe, que também é do estado de Alagoas. Disse que a mãe não comenta como era a vida lá, mas conta histórias sobre Lampião – Virgulino Ferreira da Silva (1897/8-1938), cangaceiro conhecido pelas disputas no Sertão, em Pernambuco e Alagoas. Histórias de que seu tataravô, ou um parente ainda mais distante seria o Lampião. Mas o que significa colocar o Lampião na família para um nordestino? Será que esta foi a forma como sua mãe encontrou para contar as histórias do lugar de origem ou será que sua mãe também ouviu as histórias sobre o lampião desta forma? Ela não soube contar as histórias, disse que sua mãe conta várias histórias assim. Assim, há uma memória do lugar de origem que é inserida no contexto familiar através de um personagem histórico muito conhecido.

#### **5.3.4 Criança 4**

Esta criança tinha 11 anos em 2012 e cursava o 6º ano A. Seu avô paterno é migrante do Sergipe. De acordo com ela, ele era alcoólatra, morou um tempo na casa de um parente em

São José do Rio Preto e depois sumiu. Ninguém mais conseguiu entrar em contato com ele, embora o pai desta criança tenha espalhado cartazes. Seu contato maior foi com sua avó, esposa deste avô paterno, pois foi esta avó quem cuidou dela até a idade de dez anos.

### 5.3.5 Criança 5

Esta criança cursava o 6º C em 2012, com 11 anos. Disse ter mais contato com sua avó paterna, que mora em um sítio em Barbosa. Os outros avós, embora os tenha conhecido, já são falecidos. Ele disse que sua família vai todos os domingos à casa da sua avó para visitá-la e almoçam lá. Geralmente fazem churrasco ou frango assado, e às vezes comemoram os aniversários da família na casa da avó.

Perguntei sobre as histórias de família, ele disse o que sua mãe conta de quando ela era criança e morava no sítio:

Eu pergunto às vezes para minha mãe, e ela fala que eles moravam no sítio aí eles tiravam água daquele negócio que gira, catava lenha, aí eles ficavam na luz da lamparina assim, porque eles não tinham luz, não tinha televisão. Aí eles tinham que fazer as coisas tudo de manhã porque chegava a noite já não tinha, ficava escuro e não tinha luz para eles sair (Criança 5).

Sua avó e avô maternos eram migrantes da Bahia. Sua avó teria migrado ainda criança, e faleceu em 2012 em Barbosa. Ele contou que sempre iam à casa dela – seus pais e ele moravam em um sítio e sua avó na cidade, então ela ia ao sítio poucas vezes. Disse que ela tinha muitas fotos, ele lembrou dos binóculos, e disse que depois que sua avó faleceu seu tio levou algumas fotos, mas ainda restavam muitas. Perguntei se a avó contava histórias sobre a sua vida. Ele se lembra apenas de que nos últimos anos ela sempre dizia que não queria incomodar os filhos por causa da sua idade. Por isso morava sozinha. “Ela não queria atrapalhar ninguém. Ela não queria morrer em cima de uma cama no hospital, queria morrer sozinha para ninguém dar trabalho para ela [para ela não dar trabalho para ninguém]” (Criança 5).

Ele não sabe se os avós se conheceram na Bahia ou em outro lugar. Segundo ele, sua avó não gostava de falar destes assuntos, “ela falava que não queria morrer em cima de uma cama dando trabalho para ninguém e não queria ser enterrada com ele” (Criança 5), por que eles eram separados. Disse se lembrar do avô que ia de bicicleta até o sítio onde morava. Lembra que às vezes chegava de manhã, almoçava e só ia embora à tarde. O avô ajudava o pai da criança com algum trabalho, e a criança se lembra de ficarem conversando.

### 5.3.6 Criança 6

Esta criança cursava o 6º B em 2012, com 12 anos. No encontro em 2012 esta criança disse que tinha apenas uma avó, paterna, viva, mas no encontro em 2013 está avó tinha falecido. Um avô era falecido quando ela nasceu, os outros dois, uma avó e um avô, ela disse ter conhecido. Disse frequentar a casa da sua avó, geralmente, a cada quinze dias. Às vezes ela ia com os pais e às vezes sozinha, geralmente, aos fins de semana. Disse que conversava e brincava muito com a avó e um tio que mora na mesma casa. Perguntei em quais momentos a família reúne mais membros, e segundo ela, por motivo de doença. Ainda disse que o pai tem cinco irmãos e quatro irmãs, e na família da mãe, são seis mulheres e quatro homens.

Sobre as festas, como o natal, disse que a cada ano escolhem algum lugar para se reunir. A família do pai dela se reúne na casa da avó. A família da sua mãe, como alguns dos irmãos moram em outras cidades, às vezes eles vêm para Barbosa na casa dela e às vezes a família dela vai à casa dos outros tios.

Perguntei se alguém contava histórias do avô que ela não conheceu, o avô materno, que era migrante de Minas Gerais. Ela disse que sua mãe nunca contou sobre essas histórias, nunca mencionou o passado do avô. Sobre as fotografias, ela disse que sua mãe tinha fotografias de todos os avós em casa, mas não havia fotos com eles mais novos, nem fotografias de casamento. Perguntei se não havia ou se ela não sabia onde estava, e ela respondeu: “Ah! não sei, porque eu tenho tanto tio, nem sei com que está” (Criança 6).

### 5.3.7 Criança 7

Esta criança tinha 12 anos em 2012 e cursava o 6º A. Ao contrário do que observamos em outras crianças, disse ter mais contato com o avô paterno que mora na Paraíba, ainda que seja um contato à distância. Geralmente o pai dele liga para o avô. Os avós maternos são falecidos e a família materna mora em São Paulo. Quando ele tinha seis anos seus pais voltaram para a Paraíba e moraram com os avós por dois anos, depois foram para São Paulo e moraram com a avó materna, retornando à Barbosa logo depois.

Ele não sabe muitas informações sobre a vida dos avós. Como ele vive longe deles não há muitas coisas que se lembre, e segundo ele, seu pai não conta muitas histórias. Os

parentes que ele mais vê são os tios de São Paulo, parentes de sua mãe. Geralmente eles vêm no fim do ano e ficam durante uma semana.

### 5.3.8 Criança 8

Esta criança tinha 11 anos em 2012 e cursava o 6º C. Na primeira entrevista ela não sabia que o avô paterno era migrante. Pelo que ela descreveu conhecia um pouco mais dos avós maternos. Eu sabia que ele era migrante da Bahia, pois ele era conhecido dos meus pais que me contaram.

Ela tem bastante contato com os avós, tanto paterno quanto materno. Segundo ela, geralmente vê os avós maternos quando a mãe vai à igreja que o seu avô também frequenta. E com o avô paterno ela vai almoçar no fim de semana, mas também tem costume de ir durante a semana. Perguntei a ela quando, geralmente, a família se reúne. Segundo ela em aniversários e dias que “tem almoço, no dia de domingo”, na casa de uma tia que mora na cidade de Penápolis. Perguntei sobre o tipo de comida que cozinhavam nestes encontros. Ela respondeu o mesmo que todas as outras crianças: churrasco. O churrasco é a comida das confraternizações, as crianças mencionaram acompanhar o churrasco o arroz, feijão, farofa, mandioca, creme de milho e molho feito de tomate. Mesmo as duas crianças que são migrantes da Bahia, responderam que a comida dos encontros de família é o churrasco. Perguntei se ela sabia cozinhar algo, disse que sabe fazer arroz e feijão e fritar algumas coisas que sua mãe a ensinou.

Perguntei o que ela fazia nestes encontros de família, e a sua resposta também foi parecida com a maioria das outras crianças: elas ficam brincando com os primos ou conversando. Depois perguntei sobre a história da vida dos avós e das fotografias. Ela disse ter visto uma fotografia do avô materno quando ele era jovem, e estava com alguns amigos. Mas disse que na casa dele não há quadros ou fotografias na parede. Sobre seu avô paterno, disse não saber se o avô tem fotografias guardadas, mas mencionou uma fotografia de uma mulher na parede da casa dele. Ela não sabe dizer quem é.

Contou que sua mãe às vezes conta sobre quando era pequena, como começou a trabalhar ainda criança. Sua mãe morava em Avanhandava, cidade próxima à Barbosa, e trabalhava na casa de outras pessoas depois da escola. Essa narrativa, mesmo sendo contada de forma simples, vem ao encontro do que relatou a Lúcia, filha do seu Manoel, e a Heloísa,

filha de dona Marta, que mencionaram como os pais contavam suas histórias a partir dos relatos sobre a experiência do trabalho e do sofrimento.

### 5.3.9 Criança 9

Ele é migrante de Guanambi, Bahia, cursava o 6º ano A em 2012, e tinha 12 anos. Veio com os pais nesta última migração para a região, a migração sazonal para o corte de cana-de-açúcar. Eles migraram em 2012 e voltaram no fim do ano para rever a família. Contou que depois de Guanambi a família foi morar em um sítio na cidade de Palmas de Monte Alto, há 43 quilômetros oeste de Guanambi. Quando mudou de cidade sua família visitava a avó materna nos finais de semana. Ele mencionou que sua avó fazia galinhada, comida que as outras crianças não haviam mencionado. Disse que a maior parte da alimentação é muito parecida entre Guanambi-BA e Barbosa-SP. Segundo ele, a única coisa que comeu de diferente no estado de São Paulo foi salsicha. Insisti em perguntar se havia comidas típicas da região, então, ele disse que “quando tem festa tem acarajé”. Segundo ele, na festa de 7 de Setembro é o momento em que geralmente comem acarajé.

Guanambi, cidade de onde vieram muitos migrantes sazonais a partir da década de 2000 para a cidade de Barbosa e região, fica a 196 quilômetros oeste de Tranqueiras-BA, cidade onde nasceu dona Lurdes, esposa de seu Manoel, e a cunhada dele, dona Sebastiana. E fica há 190 quilômetros ao sul de Macaúbas, cidade onde nasceu seu José Nascimento, avô da Criança 8. Seria necessário fazer uma investigação sobre essa proximidade entre as cidades. Podemos pensar que os migrantes de Guanambi teriam ouvido relatos da migração de meados do século XX de parentes que ficaram nesta região. Não há como determinar esta como a única causa da migração recente de moradores de Guanambi, pois migraram para a região Noroeste de São Paulo muitos outros migrantes de outros estados do Nordeste. Porém, há que se questionar está proximidade entre os lugares de origem, para o mesmo local de destino, Barbosa, passados cinquenta anos.

Também disse que seus pais e avós não contam sobre a infância deles. A família mantém contato através de telefonemas. Segundo ele, durante os telefonemas sua mãe pergunta aos parentes de Guanambi se estão bem, e se está chovendo. Disse que lá é muito seco, chove apenas em outubro. Ele foi o único migrante que mencionou a seca claramente. Os migrantes de 1950, que são os avós de nossa pesquisa, mencionavam as dificuldades do lugar, mas não a seca como causa de migração. Esta criança também não menciona a seca

como a causa de migração, mas demonstra que há uma preocupação em saber sobre a regularidade das chuvas, como um costume de sentir a falta da chuva ou como monitorando sua regularidade.

### **5.3.10 Criança 10**

Esta criança cursava o 6º ano A em 2012, com 11 anos. Seu avô materno é migrante da Bahia, e seu avô paterno é migrante de Minas Gerais. Disse frequentar todos os dias a casa da avó paterna, mas também vai à casa da avó materna, assim como esta avó também visita sua casa.

Sobre as festas, disse que se reúnem para os aniversários, ano novo, natal. Nestas datas se reúne parte da família tanto da avó materna, quanto paterna. Assim como as outras crianças, disse que geralmente fica brincando com os primos. Ela gosta de cozinhar, ajuda em sua casa, na casa das avós, e ajuda a cuidar do primo menor. Segundo ela, suas avós a elogiam por gostar de fazer essas atividades e por sempre fazê-las bem. Mencionou ainda que sua avó paterna tem doze filhos sendo três destes adotados.

Feita essa breve apresentação das crianças e apresentadas as questões que norteiam nossa pesquisa faremos agora uma descrição dos encontros em grupos.

## **5.4 Entrevistas com as crianças em grupos**

Nesta seção serão relatadas as entrevistas realizadas com as crianças da mesma sala juntas em junho de 2013. Os dez alunos estão distribuídos em três séries, 7º ano A, B e C. Neste encontro perguntei às crianças como tinha sido o feriado de Corpus Christi; se algum parente tinha visitado sua casa ou se eles tinham visitado alguém; se os avós contavam histórias sobre a vida deles ou histórias de fantasmas, lendas ou alguma outra história; e se eles sabiam contar alguma dessas histórias. Assim, compreender mais sobre os costumes da família e se as crianças iriam dialogar entre elas sobre os assuntos tratados.

### **5.4.1 Encontro com o 7º A**

Foi interessante este encontro em grupo, pois as crianças falaram mais neste encontro do que nos encontros individuais. As conversas no encontro em grupo foram mais dispersas,

mas foi possível observar outros aspectos em relação ao grupo e à família. No encontro com o 7º A as crianças foram bem participativas. Estavam presentes quatro crianças. Aspectos que nos encontros individuais pareceram positivos, no encontro coletivo foram descritos de forma um pouco negativa. Quando perguntei sobre os encontros de família, duas crianças reclamaram e disseram não gostar de algumas coisas como a música, e de alguns parentes. Nos encontros individuais estes aspectos não foram evidenciados, mas descritos como algo comum. Nos encontros coletivos uma criança mencionou o fato de não ser muito bom ter que ajudar a fazer a comida ou cuidar dos primos, outra criança reclamou dos irmãos, dos cunhados, e da música sertaneja que os parentes tocam nos encontros de família.

De fato, pela *performance* que faziam ao falar, não pareceu ser apenas uma reclamação de algo muito ruim que acontece em suas famílias, mas: como eu vou falar da minha família perto dos meus amigos? Dizer sobre minha família para a professora é uma coisa. Dizer sobre a minha família para a professora perto dos meus amigos, é outra. Com quem a criança deve se assemelhar mais neste momento: com a família que está lá em casa, ou com os amigos que estão aqui agora?

Há também a questão da geração implícita. Como observado nas festas na família do seu Manoel, as crianças participam da festa, possuem vantagens como a reunião dos primos, mas se distanciam em certos momentos, e nestes momentos tentam se diferenciar dos adultos. No geral, as crianças disseram que durante os encontros em família conversam com os adultos e brincam com os primos. É algo que acontece intercalando as relações entre as gerações na família.

Ainda foi possível perceber certa intolerância ao “baiano”. As crianças do 7º A riam a todo o momento que um aluno migrante falava. Riam da forma como ele falava, riam porque ele tinha voltado à Bahia para visitar sua família, riam porque ele tinha mencionado que na casa dele na Bahia havia muitos pés de cocos, e de forma alguma o chamavam pelo nome, mas apenas por baiano. Esta criança não conseguiu falar na presença das outras, porque a todo o momento as outras crianças o interrompiam rindo de tudo que ele falava ou que elas lembravam que ele tinha falado na sala de aula. Perguntei se ele tinha amigos na sala e ele mencionou o nome de alguns meninos. Perguntei se nas aulas os outros colegas o tratavam daquela forma e ele confirmou que sim.

#### **5.4.2 Encontro com 7º B**

O encontro com o 7º ano B teve a participação de duas crianças presentes no dia. Contaram sobre o feriado, em geral disseram que tinham brincado com os amigos e primos, e que alguns parentes visitaram suas casas. Depois perguntei se os pais contavam alguma história para eles, qualquer tipo de história, poderia ser até de assombração. Preferi perguntar sobre as histórias porque em outras entrevistas percebi que não havia um contar detalhado sobre a história de vida, mas essas histórias estavam diluídas em outras, em casos contados.

Uma criança respondeu que a mãe dela apenas contava que começou a trabalhar aos sete anos de idade como babá, cuidava de três crianças e também tinha que cuidar dos cachorros, e este fato seria engraçado. A outra criança aproveitou a fala para dizer que sua mãe também contava que tinha começado a trabalhar com sete anos de idade, cuidava dos irmãos e da casa para sua mãe, enquanto esta trabalhava na olaria. A primeira criança continuou contando que sua mãe também cuidava da casa, enquanto os seus pais trabalhavam na lavoura de algodão. Como usavam o fogão à lenha, o avô fez um banquinho para sua mãe poder alcançar o fogão e fazer a comida, mas segundo ela, o avô tinha medo que a filha caísse. Algum tempo depois ela deixou de ser babá para cuidar da sua irmã mais nova, que tinha nascido.

A outra criança disse: “minha mãe conta um monte de história de terror para mim”.

Que uma moça – ela ia, queria comer língua de vaca. Aí ela pegou e comprou, a mãe dela estava lavando roupa, e ela tinha um monte de irmão. Aí a mãe dela, ela falou assim: “mãe, você faz para mim que eu vou na missa”. Aí a mãe dela fez aí deu um pouquinho para cada irmão. Aí eles queriam mais, só a mãe dela estava lavando roupa, um monte de roupa, no sol quente. Aí ela chegou e falou: “oh mãe, cadê minha língua de vaca?”. Ela olhou no fogão, só que não tinha nada. Aí ela falou assim: “oh mãe, não está nada lá”. Aí ela começou a xingar a mãe dela, bater nas crianças. Aí a mãe dela ajoelhou no chão e tacou uma pedra nela. Ela virou uma onça. Aí ela pegou, e a mãe dela falou assim: “toda língua de vaca que você ver você vai comer”. Aí ela saiu assim. Aí meu vô saiu, ele foi caçar onça, essas coisas, ele achou, é achou essa onça. Todas línguas que ela via de vaca ela comia. Meu vô, meu tataravô, é meu tataravô. Ele falou, aí ele ia atirar nela, ele já estava puxando o gatilho. Aí ela falou assim, pediu a deus, ela colocou as duas patinhas juntas e falou assim: “moço, não me mata não, essa foi a sina que deus me deu”. Aí ela saiu andando, e meu avô foi caçar outras coisas (Criança 6).

Disse que seu tataravô contou para seu avô que contou para a mãe dela e a mãe dela contou para ela. Perguntei quando, geralmente, sua mãe contava essas histórias. Segundo ela, sua mãe conta muitas histórias deste tipo quando as amigas de sua mãe visitam sua casa. Segundo ela, as amigas sentam do lado de fora da casa, geralmente à noite, nas cadeiras, mas ela se senta no chão perto de sua mãe porque tem medo das histórias. A outra criança também

disse que sua mãe conta uma história de que uma moça virou uma cobra de asas e saiu voando.

Minha mãe falou assim: que filho não pode xingar nem brigar com a mãe, porque um dia a filha da mulher xingou a mãe dela, e a mãe dela falou que tomara que ela virasse uma cobra de asas. E ela só ficava, em Vitória da Conquista, ela só ficava voando o dia inteiro (Criança 2).

Segundo ela, sua avó viu, contou para a mãe dela e a mãe dela contou para ela. Perguntei quando sua mãe conta essas histórias, e ela disse que quando ela começa a fazer “gracinha”: “só conta quando eu faço gracinha, só para não sair” (Criança 2).

### 5.4.3 Encontro com 7º C

O encontro com o 7º ano C teve a participação de três crianças. Perguntei aos alunos o que tinha acontecido durante o feriado. Um aluno mencionou a visita dos seus tios que moram na Bahia e de outro parente de São Paulo, havia dez pessoas hospedadas em sua casa.

Outra criança disse que ficou em casa assistindo televisão. Perguntei se não tinha brincado com alguém ou visitado. Ela respondeu que sua irmã tinha 15 anos e ela tinha 12, então a irmã dela não gostava de brincar com ela. Outra criança, que mora em Barbosa durante a semana, mas seus pais moram em um sítio perto de Penápolis, disse que receberam visitas durante o feriado e também a visita de seu irmão que mora no Mato Grosso do Sul. Essa criança falou um pouco sobre sua vida na cidade, atualmente mora com uma prima e cuida da casa enquanto sua prima trabalha. As crianças começaram a mencionar como ajudam em casa, a outra criança também ajuda sua mãe, o outro não faz muitas coisas em casa, disse que lava sua roupa e às vezes lava a louça.

Logo depois fiz a pergunta principal deste encontro, queria saber se eles conheciam alguma história que os avós contavam. O menino disse que seu pai conta uma história que aconteceu com o pai há algum tempo, antes que o filho tivesse nascido. Segundo ele, o pai estava caminhando no sítio e viu um homem sentado numa pedra numa noite de lua cheia. A lua estava em cima do homem, vermelha. Disse que seu pai andou alguns passos e olhou novamente, mas já não viu mais o homem. Perguntei quando geralmente seu pai contava essa história. O menino disse que sempre quando há muitas pessoas da família reunidas. Perguntei então se neste feriado sua família tinha contado muitas histórias. Ele respondeu: “Não muita, eu só fiquei brincando com os meus primos. Não brincando, conversando” (Criança 5).

Percebemos que nas reuniões de família o lugar dos adultos e o lugar das crianças são diferentes, existe tanto uma participação coletiva como um distanciamento dos adultos em determinado momento da festa. As crianças se beneficiam destes encontros não apenas pelo contato com outros membros da família e as histórias, mas pelo contato com os primos e outras crianças. Mesmo assim, são nestes encontros que essas crianças ouvem estas histórias e passam adiante.

As outras duas meninas disseram não se lembrar dos avós contando histórias. Mencionei os contos de fadas, perguntei se conheciam as histórias e se os avós contavam algum caso que aconteceu com eles ou outra história. Elas disseram conhecer os contos de fadas, mas disseram que seus pais e avós não contam histórias. Em outras entrevistas, descritas acima, já havia perguntado se os avós ou pais contam sobre a vida deles. O fato das crianças não terem mencionado tais histórias não significa necessariamente que essas histórias não são contadas. Precisamos considerar que: talvez as crianças não tenham reconhecido as narrativas dos avós como histórias ou contos; também podem ser histórias que não tenham ficado guardadas na memória das crianças. E ainda, os avós realmente podem não contar histórias, narrativas, casos.

## **5.5 Conclusão**

Com base nas entrevistas e no contato com as crianças podemos chegar a algumas conclusões. É provável que a relação com os avós no cotidiano seja diferente da relação nos encontros de família. Nossa questão central, saber como os netos sabem sobre as histórias dos avós está voltada tanto para estes encontros coletivos, quanto para a vivência da família no cotidiano. As festas foram um lugar pesquisado, pois nelas há trocas de informações sobre os assuntos de família, e neste sentido é um momento propício para se falar das histórias da migração. Buscamos conhecer o cotidiano dos sujeitos pesquisados através das entrevistas individuais, nas quais tentamos fazer com que eles se sentissem confortáveis para relatar sua relação dentro da família. Como nos diz Augé (2012), o objeto do etnólogo é sempre o presente. Nosso objeto é a nossa observação sobre o presente, e o que nossos sujeitos relatam sobre o agora e sobre o passado.

Percebemos que as crianças possuem uma relação próxima com alguns avós, mas o fato de alguns morarem em outra cidade ou terem falecido faz com que os pais assumam a

necessidade de contar histórias. Algumas crianças disseram não se lembrar de ouvir histórias sobre os familiares, porém elas sabem contar sobre a vida dos familiares. Sabem contar quem são os avós, com quem se casaram, como era a vida dos pais na infância, etc. Ou seja, são níveis diferentes de entendimento e narrativa. Uma coisa é se lembrar das histórias contadas, outra é se lembrar do momento em que os pais ou avós contam as histórias, e outra coisa ainda é incorporar as informações passadas através das histórias familiares. Então, precisamos considerar estas três dimensões para afirmar que as crianças possuem informações sobre a história de vida da família e, portanto, que há uma narrativa da migração implícita nestas histórias, pois as crianças conhecem as histórias de família e relataram sobre o fato dos avós serem migrantes.

Todas as crianças mencionaram a história da migração. O que vimos é que estas histórias não são o elemento central da narrativa, mas são contadas como contexto de outro fato narrado. Com os netos foi possível perceber que não se trata de uma narrativa de superação do sofrimento como ficou demonstrada com os filhos. Isso porque os netos não são migrantes, e em muitos casos não compartilharam com os avós os primeiros anos após a migração. Assim, as crianças observam os avós como participantes de um passado mais distante. Para os netos, não é o fato dos avós terem migrado que marca quem o avô é, mas se trabalhou ou não na infância, se foi criado pelos pais ou não, se conta as histórias do Lampião, da cobra, do lobisomem. Mesmo neste sentido, as narrativas contam histórias de sofrimento, de separação, de trabalho durante a infância, mas também de histórias envolvendo elementos místicos e com valores morais implícitos como histórias sobre filhos que desobedeceram aos pais e tiveram punições.

Gostaria de fazer mais uma observação sobre a culinária. Não foi feito nesta dissertação uma pesquisa detalhada sobre a culinária nordestina. Porém, faremos algumas considerações de acordo com os dados das entrevistas. Todas as crianças mencionaram ser o churrasco a refeição dos encontros familiares. E aqui me permito inserir uma lembrança que tenho da minha avó que sempre mencionava uma vontade de comer o charque produzido na sua região e se lembrava das festas em que o charque era servido. Não cabe afirmar o quanto o churrasco pode ter sido uma forma de adaptar o charque ou outra forma de comer carne no Nordeste apenas por estas entrevistas. Contudo, percebemos que poucas vezes as crianças e os adultos mencionaram comidas que são conhecidas tipicamente como nordestinas, como a tapioca ou o acarajé, por exemplo. Quando perguntei que tipo de comida era preparado nos

encontros familiares, os entrevistados mencionaram na maioria das vezes o churrasco, além da macarronada, lasanha, maionese e farofa.

Cabe-nos fazer algumas indagações. Estes migrantes encontraram ingredientes parecidos para continuar fazendo suas comidas? A culinária da região de onde migraram era tão rica quanto à culinária disponível no interior de São Paulo? Observamos que os migrantes da década de 2000 conseguem trazer de seus lugares de origem alguns tipos de alimentação da região, como tipos de farinha. Estes migrantes recentes vão ao Nordeste com certa regularidade e por isso podem trazer o que é produzido lá. Os migrantes da década de 1950 não voltavam com tanta frequência ao lugar de origem e talvez por isso não tenham mantido o costume de continuar a reproduzir no lugar de destino os hábitos alimentares daquela cultura.

Ainda é preciso dizer com relação às crianças migrantes que mesmo sendo apenas dois casos, observamos que há um tratamento diferente das crianças que são naturais da cidade com aquelas migrantes. Há tanto a incorporação destas crianças migrantes quanto um comportamento que marca a diferença entre a fala, os costumes e a origem. A criança (Criança 2) que demonstrou estar incorporada na vida da cidade disse que prefere ficar em Barbosa e voltar à cidade natal para visitar os parentes, enquanto a outra criança (Criança 9), da qual as outras crianças riram, disse que gosta mais da vida na cidade de origem. Isto pode nos fazer pensar que se houvessem políticas para a recepção de migrantes e menos intolerância, a probabilidade destes migrantes ficarem e se sentirem bem no lugar de destino seria maior.

Com a inserção destas crianças migrantes no grupo de crianças pesquisadas foi possível perceber que as crianças naturais da cidade veem seus avós (migrantes) como naturais e não como migrantes. Migrantes, enquanto pessoas que não pertencem ao lugar onde residem, são aqueles que fazem parte do presente dessas crianças, aqueles que elas podem ver e diferenciar. Enquanto os avós que migraram no passado não são vistos como migrantes, pois as crianças o conhecem no lugar onde residem. Esta é uma análise de acordo com os dados das entrevistas. Não há como definir como a história da migração é incorporada na vida das crianças, porém podemos dizer que os elementos usados na narrativa são comuns: a história de dificuldades, os valores morais transmitidos como uma ética do ser e agir, os elementos místicos nas narrativas, as histórias de desencontros.

## **6 Conclusões e Propostas**

Esta pesquisa surgiu a partir de um fato observado no cotidiano escolar inserido em um contexto histórico social e cultural dentro de uma região específica, a região Noroeste do estado de São Paulo, na qual escolhemos a cidade de Barbosa onde fizemos a pesquisa de campo. Observamos que os alunos, na 2ª série do Ensino Médio, não se referiam aos parentes que migraram do Nordeste como migrantes. Eles apenas relacionaram suas famílias a migração após ter questionado parentes mais velhos sobre o lugar de nascimento dos avós. Queríamos saber por que em uma região onde houve um grande fluxo de migrantes nordestino, principalmente entre 1930 e 1960, aqueles possíveis netos de migrantes não se referiam aos avós como migrantes.

Escolhemos fazer entrevistas com os avós migrantes e com crianças com idades entre 11 e 12 anos que cursavam em 2012 o 6º ano do Ensino Fundamental. Escolhemos as crianças e não os adolescentes, pois queríamos saber como conheciam a história da migração pelos avós sem terem tido contato com a história como disciplina, uma história oficial. Porém, vimos que ao menos pelo que é proposto no plano de ensino de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, as crianças poderiam ter tido contato com a história da migração na primeira fase escolar.

O objetivo desta pesquisa era entender se havia uma memória da migração nordestina. Queríamos entender como a história da migração era socializada dentro das famílias e como os netos incorporam essas histórias, como eles entendem a história dos avós e o que sabem sobre eles. A partir da inserção no campo da pesquisa e visitas à casa de um migrante, seu Manoel, e conversas com outros migrantes, percebemos que a memória é desencadeada a partir de acontecimentos que conectam o passado e o presente. Chamamos estes lugares onde a memória da migração surge de Lugares da Memória.

Lugares da memória são, geralmente, criados pelos avós. Estes lugares da memória têm como objetivo rememorar o lugar de origem, a trajetória migratória e os primeiros anos no lugar de destino. São lugares construídos a partir do que chamamos de portas para acessar os lugares da memória. As histórias da migração surgem com a fotografia guardada, com os retratos na parede, com a eminência de um problema, com os encontros de família, com as festas juninas. São histórias de sofrimento e superação de dificuldades. Narrativas construídas a partir da experiência da migração e socializadas através do conselho, assim são sempre intencionais e buscam ensinar um modo de ser e agir dentro da família.

A percepção destes lugares da memória acontece de forma diferente para os filhos e para os netos de migrantes. Para os filhos a presença da migração é muito mais forte do que para os netos. Isto porque os filhos fizeram parte da vida dos migrantes no momento em que estavam se fixando ao lugar de destino, no momento em que estavam tentando superar as dificuldades da migração, dificuldades encontradas no lugar de destino, da condição de estrangeiros como pensa Simmel, da condição econômica. Os netos fazem parte do momento em que os migrantes já estão estabelecidos, incorporados no lugar de destino, já trabalharam, superaram as dificuldades de reconstruir a vida no lugar de destino. A migração para os netos não é a condição que determina quem o avô é. Porém, mesmo assim as narrativas da migração são contadas aos netos, ou ao público. Na pesquisa com as crianças vimos que eles conhecem a história dos avós, mas não pela migração como fator determinante. A migração faz parte de um contexto sobre a vida do avô.

Não podemos negar que o próprio lugar de destino, a cidade de Barbosa, é em grande parte o que estes migrantes construíram. Então não se trata de uma história negada, mas uma história praticada. Vimos no primeiro capítulo que pouco havia sido feito antes de 1900. A história de povoamento da região é tardia, devido às dificuldades de chegar ao lugar. Foi uma história marcada pelo desbravamento de mata nativa e a partir da captura e morte de índios que aqui viviam. A cultura da cidade foi construída com elementos da condição do lugar, do tipo de política econômica que aqui se formou – rural, agrícola, agrária – e pelo trabalho e costumes dos migrantes que vieram construir o interior.

Estes migrantes vieram para o interior buscando melhores condições de vida, mas também foram eles que trabalharam para o ideal de crescimento, industrialização, desenvolvimento do país dentro do contexto histórico em que viveram. Assim, se faz necessário que suas histórias sejam contadas de forma mais sistemática no ensino formal. Pois, os migrantes contam histórias de sofrimento, mas também histórias de superação das dificuldades em que se encontraram.

Retomando a história da migração na educação básica podemos dizer que: há possibilidades da história da migração nordestina ser ensinada, porém não é inserida no ensino como migração nordestina para o interior de São Paulo. No ensino formal a migração para o interior de São Paulo é a imigração de italianos, e a migração nordestina é aquela direcionada para a capital. Porém, principalmente no Ciclo I, de 1º ao 5º ano, é possível resgatar as histórias da migração a partir da história de família dos próprios alunos. Mas se faz

necessário promover de forma efetiva que a criança se pense nessa relação de proximidade e distância entre história oficial e a história de sua família.

O que queremos propor são lugares para que os alunos expressem seus conhecimentos sobre a história vivida pela sua família, de dentro para fora, buscando imprimir à história suas características particulares e observar que este indivíduo não está sozinho, mas que esta também é uma experiência coletiva. Precisamos considerar que estes avós ou outros familiares contam suas histórias de vida de um modo diferente do fenômeno migratório observado pelas análises quantitativas ou de uma história dos grandes movimentos migratórios. Esses migrantes contam histórias de sofrimento, mas também de superação das dificuldades. Constroem um sujeito ativo, capaz de mudar sua posição na sociedade. Uma imagem que é velada ou negada na história dos grandes fluxos que dá ênfase na condição de miséria desta população migrante.

Mais do que entender como são construídos os lugares da memória na migração nordestina, queremos que esta pesquisa contribua para criar possibilidades para que as histórias da migração sejam potencializadas no ambiente escolar.

O que devemos levar em consideração para trabalhar a narrativa familiar na escola é, primeiramente, o ouvir. Provavelmente a criança pratica este ato de ouvir histórias em casa de modo não sistemático. Mas como uma atividade escolar o professor precisa orientar a criança para este ouvir detalhado. Assim como as histórias folclóricas, estes avós contam histórias baseadas nas histórias que ouviram na infância, em um tempo passado, ou histórias construídas a partir de sua vivência. Tais histórias demonstram a dimensão cultural de um grupo tanto quanto histórias tipicamente folclóricas. É a partir deste ouvir detalhado que as histórias familiares podem ganhar legitimidade para os alunos, não apenas como uma história cotidiana. Em um segundo momento, estas crianças em fase de alfabetização ou letrados podem expressar estas histórias, reproduzi-las, reconstruí-las, de forma que deem legitimidade ao ato de narrar.

Como observamos em nossa pesquisa, os lugares da memória na migração nordestina para o interior de São Paulo em meados do século XX são construídos principalmente a partir de: fotografias; histórias com elementos místicos como relacionamentos entre animais e humanos; histórias sobre o trabalho que estes migrantes realizaram antes e após a migração; histórias sobre o processo de assimilação, ou seja, como os moradores residentes e os migrantes se relacionavam; ensinamento ético e moral sobre a conduta de vida do migrante, ensinamento baseado em histórias de sofrimento que definem como proceder de forma boa e

o que é proceder de forma má: se algo foi conquistado facilmente, sem sofrimento, significa que a pessoa não usou de procedimentos honestos, bons, para conseguir determinado fim.

Vimos nos planos de ensino e no currículo que há espaços para as histórias de família. Mas de alguma forma estas propostas não estão acessando lugares da memória. Atividades em sala de aula ou extraclasse que considerem as características destes lugares da memória podem se aproximar mais da vivência do aluno na família e recuperar histórias sobre a migração nordestina, pensando a formação cultural do interior do estado de São Paulo, acessando fotografias que contem sobre o lugar de origem e o lugar de destino e sobre histórias de vida. Também podem resgatar objetos com valores culturais ainda guardados por essas famílias, além de trabalhar narrativas, relatos e reconstruções textuais. Espera-se que a partir desta abordagem estes familiares se sintam mais próximos da escola e possam contribuir com visitas, colaboração em trabalhos escolares e contação de histórias.

Lugares da memória são assim lugares vivos, e existem com a vivência e troca de experiências entre as gerações. Se os lugares da memória não acontecem, parte do lugar, da história, do contexto social e cultural é esquecida pela história oficial. A memória da migração existe não para criar uma identidade ou forçar um passado. Mas sim como um compromisso ético “a de não esquecer para não se perder” (MARTINS, 2011, p. 443). Até o momento estes avós estão vivos e contam suas histórias. Nosso compromisso é de dar voz a essas narrativas para que elas não se percam, e assim não se perca a história de trabalho destes migrantes que ajudaram a construir o interior paulista. São as histórias de um universo micro, mas dentro de um contexto macro de políticas de Estado. Contadas separadamente no ambiente da casa são histórias privadas, mas quando juntas com várias histórias parecidas se tornam públicas, coletivas, expressão de um contexto histórico, econômico, político e cultural. Esperamos que esta pesquisa contribua com a construção deste ambiente coletivo que são os lugares da memória.

## REFERÊNCIAS

- AIRES, Francisco Janio Figueira. O “espetáculo do cabra-macho”: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte. 2008. *Dissertação* (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte. 2008.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- BARBOSA. *Plano de Ensino*. 1º Ano. História e Geografia. E.M.E.F. “Gabriel José Martins”. 2011.
- BARBOSA. *Plano de Ensino*. 2º Ano. História e Geografia. E.M.E.F. “Gabriel José Martins”. 2011.
- BARBOSA. *Plano de Ensino*. 3º Ano. História e Geografia. E.M.E.F. “Gabriel José Martins”. 2012.
- BARBOSA. *Plano de Ensino*. 4º Ano. História e Geografia. E.M.E.F. “Gabriel José Martins”. 2012.
- BARBOSA. *Plano de Ensino*. 5º Ano. História e Geografia. E.M.E.F. “Gabriel José Martins”. 2012.
- BASSANEZI, Maria Silvia C. B. Imigração internacional e dinâmica demográfica no tempo do café. In: TEIXEIRA, Paulo Eduardo; BRAGA, Antonio M. da Costa; BAENINGER, Rosana (Org.). *Migrações: implicações passadas, presentes e futuras*. Marília: Oficina Universitária, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, pp. 85-119.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1), p. 36-49.
- BLONDHEIM, Menahem; WATSON, Rita. *The Toronto school of communication theory: interpretations, extensions, applications*. University of Toronto Press, 2007, p. 7-25.
- BORGES, Maria Stela Lemos. Expropriação e construção de identidade de trabalhadores rurais: o caso da fazenda Reunidas. In: *Perspectivas*, São Paulo, vol. 14, 1991, pp. 81-112.
- BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistanas. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, nº 47, jan/abril, 2003, pp. 198-211. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n47/a12v1747.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2012.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança dos velhos*. 3. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Marie-Claire; BOURDIEU, Pierre. O camponês e a fotografia. In: Revista de Sociologia e Política, nº 26, jun. 2006, p. 31-39. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a04n26.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2013.
- BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro]. *LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 5ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. Disponível em: <<http://www.toledo.pr.gov.br/escola/normabellotto/doc/ldb.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2013.
- BRASIL. *Estações Ferroviárias do*. Disponível em: <[http://www.estacoesferroviarias.com.br/ms\\_nob/indice.html](http://www.estacoesferroviarias.com.br/ms_nob/indice.html)>. Acesso em: 07 abr. 2013

BRASIL. *Ministério da Cultura*. Disponível em:  
<<http://blogs.cultura.gov.br/encontroguarani/2010/01/10/guarani-nhandeva-tupi-guarani-chiripa/>>.  
Acesso: 07 abr. 2013

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais* 1ª a 4ª séries. Brasília : MEC/SEF, 1997. Disponível em:  
<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12640:parametros-curriculares-nacionais-1o-a-4o-series&catid=195:seb-educacao-basica](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12640:parametros-curriculares-nacionais-1o-a-4o-series&catid=195:seb-educacao-basica)>. Acesso em: 05 nov. 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (5ª a 8ª séries). Brasília : MEC/SEF, 1998. Disponível em:  
<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12657:parametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series&catid=195:seb-educacao-basica](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12657:parametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series&catid=195:seb-educacao-basica)>. Acesso em: 05 nov. 2013.

BRUNER, Jerome. *A cultura da educação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CAIPIRA, Recanto. *Alvarenga e Ranchinho*: biografia. Disponível em:  
<[http://www.recantocaipira.com.br/alvarenga\\_ranchinho.html](http://www.recantocaipira.com.br/alvarenga_ranchinho.html)>. Acesso em: 07 abril. 2013.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 8ª ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. 18ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 182-198.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. In: *Sociedade e Cultura*, UFG: MG, v. 10, n. 1, 2007. Disponível em:  
<<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1722/2130>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

CITY Population, Municípios do estado da Bahia, Brasil. Disponível em:  
<<http://www.citypopulation.de/php/brazil-bahia.php?cityid=291720130>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

COMPANHIA Energética de São Paulo, CESP. Histórico da empresa. Disponível em:  
<[http://www.cesp.com.br/portalCesp/porta.lnsf/V03.02/Empresa\\_Historia?OpenDocument](http://www.cesp.com.br/portalCesp/porta.lnsf/V03.02/Empresa_Historia?OpenDocument)>. Acesso em: 08 abril. 2013

COSTA, Consuelo de Paiva Godinho. Fonologia do Nhande-Guarani: Paulista Paranaense. In: *Revista Línguas Indígenas Americanas – LIAMES*, nº 3, p. 75-95, 2003.

DONZELLI, Cledivaldo Ap. Penápolis/SP no contexto migratório: os seus registros e significados (1940-1970). In: *Patrimônio e Memória*, UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n.1, p. 161-183 - out. 2009.

FELIX, Francisco Kennedy Leite; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes. O vaqueiro e a vaquejada: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades. *Revista Geográfica de América Central*. Número Especial EGAL, Costa Rica, 2011, II Semestre, pp. 1-13.

FERNANDES, Cybele Vidal Neto. Festas reais em Portugal e no Brasil Colônia: organização, sentido, função social. *Arte e Ensaios*. Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 23, nov. 2011, pp. 51-61.

FISCHER, Steven Roger. *História da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FLUSSER, Vilém. *A escrita*. Há futuro para a escrita? São Paulo: Annablume, 2010.

FOOTE-WHYTE, William. *Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: J. Zahar 2005.

FOUCAULT, Michel. Of Other Spaces: Utopias and Heterotopias. In: NEIL, Leach. *Rethinking Architecture: A Reader in Cultural Theory*. NYC: Routledge. 1997. pp. 330-336. Disponível em: <<http://www.vizkult.org/propositions/alineinnature/pdfs/Foucault-OfOtherSpaces1967.pdf>>. Acesso em: 31 maio. 2013.

FRASER, Nancy. After the Family Wage: Gender Equity and the Welfare State. In: *Political Theory*, Vol. 22, No. 4 (Nov., 1994), pp. 591-618. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/pdfplus/192041.pdf?acceptTC=true&acceptTC=true&jpdConfirm=true>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 15, n. 2, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2007000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200002)>. Acesso em: 03 dez. 2013.

FURTADO, Celso (et.al.) *O pensamento de Celso Furtado e o Nordeste hoje*. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento: Banco do Nordeste do Brasil, 2009a.

FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2009.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1974.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do cordel (1930-1950). In: *Educação & Sociedade*. Vol. 23, n.º 81, Campinas-SP, dez. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002008100007&lang=pt#back](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100007&lang=pt#back)>. Acesso em: 05 jun. 2013.

GARCIA, Rafael Marin da Silva. *Moda-de-viola: lirismo, circunstância e musicalidade no canto recitativo do caipira*. Dissertação (Mestrado) – UNESP, Programa de Pós-graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2011.

GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: \_\_\_\_\_. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 185-213.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_\_\_\_. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 3-21.

GHIRARDELLO, Nilson. *À beira da linha: formações urbanas da Noroeste Paulista* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 67-123. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/z3/pdf/ghirardello-9788539302420-03.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2013.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 10ª ed. Ed. Vozes: Petrópolis, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

HALL, Stuart; Sovik, Liv (org.). *Da diáspora*. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 7ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973.

IBGE. Camapuã-MS: In: IBGE-Cidades. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/paine/historico.php?lang=&codmun=500260&search=mato-grosso-do-sul|camapua|infograficos:-historico>>. Acesso em: 03 jul. 2013.

IBGE. *Censo Demográfico*, 1970, p. 132. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1970/CD\\_1970\\_SP\\_1parte.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1970/CD_1970_SP_1parte.pdf)>. Acesso em: 05 dez. 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. 05 dez. 2012.

IBGE. Divisão Urbano-Regional. 2010. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default\\_divisao\\_urbano\\_regional.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_divisao_urbano_regional.shtm)>. Acesso em: 30 dez. 2013.

KRAUSZ, Luis, S. Aharon Appelfeld: Mitteleuropa em língua hebraica. In: KIRSCHBAUM, Saul; WALDMAN, Berta. *Ensaio sobre literatura Israelense Contemporânea*. São Paulo: Humanitas, 2011, p. 125-135.

LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Org.). *A escola pública no Brasil: história e historiografia*. Campinas: Autores Associados, 2005.

MARTINS, José de Souza. A proibição da língua brasileira. In: *Folha de São Paulo*. Tendências/Debates. 20 de julho, 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2007200309.htm>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

MARTINS, José de Souza. *Uma arqueologia da memória social*. Autobiografia de um moleque de fábrica. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Vol. 1, São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda; Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

MCLUHAN, Marshall. O meio é a mensagem. In: \_\_\_\_\_. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 21-37.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2006, 21-37.

MUSEU da Imigração do Estado de São Paulo. *Acervo digital*. Disponível em: <http://www.museudaimigracao.org.br/acervodigital/sobre.php>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: SP, 1993, n.º. 10, pp. 07-28.

ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologia da palavra*. Campinas-SP: Papyrus, 1998.

ORTIZ, Renato. Da raça à cultura: a mestiçagem e o nacional. In: ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1998, pp. 36-44.

- ORTIZ, Renato. Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. In: ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1998, pp. 13-21.
- PAIT, Heloisa. Anéis de Prata: alunos e professores na sociedade da comunicação. In: *Educar*, Editora UFPR: Curitiba, n. 26, p. 157-178, 2005.
- PAIT, Heloisa; PAIT, Felipe. Aceito para publicação. *Paul Krugman: Um Professor Americano*. In *Paul Krugman*, edited by Paulo Henrique Sandroni. São Paulo: Abril, 2013, no prelo.
- PAIVA, Odair da Cruz. *Caminhos Cruzados*. Migração e construção do Brasil Moderno (1930-1950). Bauru: SP: EDUSC, 2004.
- PATARRA, Neide Lopes. Movimentos migratórios no Brasil: tempo e espaços. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2003. (Textos para discussão. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ISSN 1677-7093; n. 7).
- PRADO Júnior, Caio. *A questão agrária no Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- PRADO Júnior, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 23ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- RABATINI, Vanessa Gertrudes. A concepção de cultura em Bruner e Vigotski: implicações para a educação escolar. *Dissertação* (mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.
- REIMÃO, Sandra; ANDRADE, Antonio de. Meio século de censura no cinema e na televisão brasileira: 1950 a 2000. In: 4º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, *Imprensa 200 anos – Memória Maranhão*. São Luis-MA, 30 de maio a 02 de junho, 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/4o-encontro-2006-1/Meio%20seculo%20de%20censura%20no%20cinema%20e%20na%20televisao%20brasileira.doc>. Acesso: 28 ago. 2012.
- REIS, Valdemar. Biografia. Disponível em: <http://www.compositorvaldemarreis.com.br/>. Acesso: 03 abril. 2013.
- SANTOS, Mauro Augusto dos; et al. *Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2010. (Texto para discussão; 398).
- SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli. – São Paulo: SEE, 2010.
- SILVA, Maria Ap. de Moraes. Mortes e acidentes nas profundezas do “mar de cana” e dos laranjais paulistas. In: *InterfacEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente*. Vol. 3, nº. 2, artigo 1, abr/ago. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.sp.senac.br/index.php/ITF/article/viewFile/112/129>. Acesso em: 04 jan. 2014.
- SIMMEL, Georg. *Sociologia*. In: MORAES FILHO, Evaristo (Org.) São Paulo: Ática, 1983. (Grandes Cientistas Sociais: 34).
- TAUNAY, Afonso D’Escagnolle. História das bandeiras paulistas. Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro (CDPB), 2012. (Seleção e introdução de Antonio Paim).
- TELLES, Vera da Silva. Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. In: *Tempo Social; Rev. Social, USP*, São Paulo, vol. 1(1). Disponível

em:

<[http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v021/espaco\\_publico.pdf](http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v021/espaco_publico.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2013.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 47-76.

VIGOTSKI, L. S. O desenvolvimento psicológico na infância. São Paulo: M. Fontes, 1998. (Psicologia e Pedagogia).

VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2006.

WAIZBORT, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000.

WIKIPÉDIA. *Noroeste Paulista*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Noroeste\\_Paulista](http://pt.wikipedia.org/wiki/Noroeste_Paulista)>. Acesso em: 30 dez. 2013.

WIKIPÉDIA. Ruhollah Khomeini. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ruhollah\\_Khomeini](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ruhollah_Khomeini)>. Acesso em: 06 jan. 2014.

## APÊNDICE

### Questionário 1

Questionário sobre a convivência de avós e netos para a pesquisa de mestrado “Lugares da memória. O recompor da cultura migrante entre avós e netos”. Realizada na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Pesquisadora: Cinthia Xavier da Silva. Orientadora: Heloisa Pait.

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ nº. \_\_\_\_\_

1. Você mora com seus avós?

Sim, atualmente.       Já morei, mas atualmente não.       Nunca morei.

2. Com que frequência você visita seus avós?

Uma vez por semana       A cada quinze dias       Uma vez por mês  
 Uma vez por ano       Outro: \_\_\_\_\_

3. Você sabe em qual cidade ou estado seus avós nasceram?

Pais da sua mãe:

Avô: Nome: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

Avó: Nome: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

Pais do seu pai:

Avô: Nome: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

Avó: Nome: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

4. Sobre qual assunto você conversa com seus avós?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5. Você gostaria de contar mais sobre a vida do seu avô ou avó e você?

Sim       Não

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Obrigada pela sua participação nesta pesquisa.

## Questionário 2

Questionário sobre a convivência de avós e netos para a pesquisa de mestrado “Lugares da memória. O recompor da cultura migrante entre avós e netos”. Realizada na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Pesquisadora: Cinthia Xavier da Silva. Orientadora: Heloisa Pait.

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ nº. \_\_\_\_\_

### Responda este questionário com a ajuda dos seus pais ou dos seus avós.

1) Escreva o nome dos seus pais, onde eles nasceram e desde que ano moram em Barbosa.

Pai: \_\_\_\_\_ Cidade em que nasceu: \_\_\_\_\_

Mora em Barbosa desde: \_\_\_\_\_ Mora em outra cidade. Qual? \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_ Cidade em que nasceu: \_\_\_\_\_

Mora em Barbosa desde: \_\_\_\_\_ Mora em outra cidade. Qual? \_\_\_\_\_

2) Agora escreva o nome dos seus avós **por parte de pai**, onde nasceram e desde que ano moram em Barbosa.

Avô: \_\_\_\_\_ Cidade em que nasceu: \_\_\_\_\_

Mora em Barbosa desde: \_\_\_\_\_ Mora em outra cidade. Qual? \_\_\_\_\_

É falecido?  Sim  Não

Avó: \_\_\_\_\_ Cidade em que nasceu: \_\_\_\_\_

Mora em Barbosa desde: \_\_\_\_\_ Mora em outra cidade. Qual? \_\_\_\_\_

É falecido?  Sim  Não

3) Agora escreva o nome dos seus avós **por parte de mãe**, onde nasceram e desde que ano moram em Barbosa.

Avô: \_\_\_\_\_ Cidade em que nasceu: \_\_\_\_\_

Mora em Barbosa desde: \_\_\_\_\_ Mora em outra cidade. Qual? \_\_\_\_\_

É falecido?  Sim  Não

Avó: \_\_\_\_\_ Cidade em que nasceu: \_\_\_\_\_

Mora em Barbosa desde: \_\_\_\_\_ Mora em outra cidade. Qual? \_\_\_\_\_

É falecido?  Sim  Não

4) Quantas vezes você visita seus avós **por parte de pai**?

Uma vez por semana  A cada quinze dias  Uma vez por mês

Uma vez por ano       Moro com meus avós       Outro: \_\_\_\_\_

5) Quantas vezes você visita seus avós **por parte de mãe**?

Uma vez por semana       A cada quinze dias       Uma vez por mês

Uma vez por ano       Moro com meus avós       Outro: \_\_\_\_\_

6) O que você geralmente faz junto com seus avós?

---

---

---

7) Você visita seus avós sozinho ou com outros parentes?

---

---

---

8) Diga em que momentos a maior parte das pessoas da sua família se reúne, pais, tios, primos, avós. Conte como são esses momentos caso aconteça em sua família.

---

---

---

---

9) Gostaria de dizer algo mais sobre seus avós, seus pais, sua família, ou sobre você?

---

---

---

---

10) Quem ajudou você a responder o questionário? Escreva o nome e o que ele é para você, pai, mãe, avô ou avó.

---

---

Obrigada pela sua participação nesta pesquisa.

**ANEXO****Fotografias encontradas na Biblioteca Municipal de Barbosa.**

**Figura 1 Igreja Nossa Senhora Aparecida  
- 1948.**



**Figura 2 Primeiro Coreto na praça central.**



**Figura 3 Procissão de Santo Antonio - 1948.**



**Figura 4 Abertura Av. D. Ricardina 1933 a 1934**



Figura 5 Rio Tietê antes de ser inundado.



Figura 6 Festa do Peão de 1994 na Prainha de Barbosa



Figura 7 Desfile na Av. Dona Ricardina, 1977.

**Fotografias da Cavalgada em comemoração ao aniversário da cidade em 31 de janeiro de 2013**



**Figura 8 Cavalgada em comemoração ao aniversário de Barbosa, 2013.**



**Figura 9 Comitiva, 2013**



**Figura 10 Meninos tocando o berrante, 2013.**

**Fotografias da visita à casa de dona Sebastiana.**



**Figura 11 Foto de casamento de dona Sebastiana.**



**Figura 12 Mala com papeis antigos de dona Sebastiana.**

**Aniversário de 70 anos de dona Lourdes, 2013.**



**Figura 13 Seu Manoel, dona Lourdes e as filhas.**



**Figura 14 Colar com 7 pingentes de meninas.**



Figura 15 Seu Manoel tocando sanfona com parentes e amigos.

### Festa Junina



Figura 16 Festa Junina em Barbosa, 2013.



Figura 17 Festa junina em Avanhandava, 2013.



Figura 18 Noivos da quadrilha da festa junina de Avanhandava, 2013.